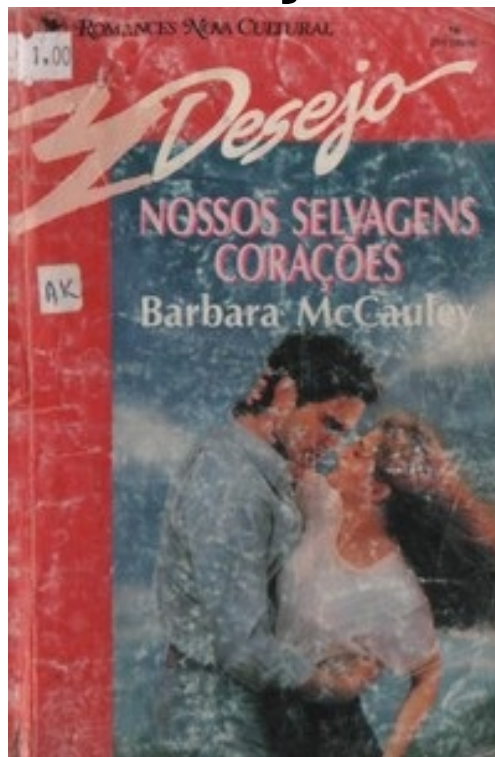


NOSSOS SELVAGENS CORAÇÕES



Whitehorn's Woman

Barbara McCauley

A PAIXÃO EXPLODE SOB O SOL DO DESERTO

Jonas Whitehorn é um homem incrivelmente atraente, porém atormentado. Mas isso é problema dele. Águia Azul, o avô de Jonas, no entanto, é problema de Alina Devlin, e ela não vai sair do Arizona até que o velho índio ceramista conceda em vender suas obras de arte. Mas quando Águia Azul lhe diz que é a mulher ideal para Jonas, Alina descobre que mesmo os sábios se enganam!

Um dia, Jonas foi feliz com sua esposa, e agora, tudo o que lhe resta é o avô, e não pretende deixar que uma linda mulher o leve embora. Assim, ao sentir-se loucamente atraído pela sensual Alina, tem certeza de que isso é mais uma ilusão criada pelo intenso calor do deserto...

Digitalização: Tinna

Revisão: Ionara

Formatação: Ana Ribeiro

Copyright © 1993 by Barbara Joel





Originalmente publicado em 1993 pela
Silhouette Books,

Divisão da Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada através de contrato com a Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.

Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da Harlequin Enterprises B.V.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: WHITEHORN'S WOMAN

Tradução: Maria Helena Pires Martins

Copyright para a língua portuguesa: 1993

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410-901

São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.

"Você disse que me queria na sua cama" Alina o lembrou.

Jonas segurou seus pulsos com mais força.

— Você compreende o que isso significa para mim? Com o cenho franzido, ela balançou a cabeça.

— Não significa nada! — Ele falou tão agressivamente que Alina se encolheu. — Levar uma mulher para a cama é apenas um ato físico, nada mais. Não tenho nada dentro de mim para dar a ninguém.

Ela fechou os olhos.

— Não acredito nisso.

Jonas a puxou para tão perto que quase podia sentir-lhe o hálito quente.

— Acredite-me. Neste momento, eu desejo você mais do que jamais desejei qualquer outra mulher. Mas é apenas sexo, nada mais...

Alina o olhou no fundo dos olhos e viu toda a dor e a mágoa que ele mantinha presas dentro de si. Compreendeu o que estava lhe dizendo: ele a desejava, mas nunca a amaria... ou a qualquer outra pessoa.

CAPÍTULO I

Ele se perguntou quando deixaria de ter aqueles pesadelos.

Jonas Whitehorn tomou um grande gole do café preto, quente e forte. Fechou os olhos avermelhados, fez uma careta e tomou mais um gole. Mais umas duas xícaras e se sentiria melhor, pensou, ao passar a mão calejada pelo rosto e pelo cabelo grosso. Olhando pela janela, deu as boas-vindas para os primeiros raios de sol que iluminavam o deserto do Arizona.

A noite havia terminado.

Olhou para o fundo da xícara que segurava nas mãos. Três anos acordando às duas horas da manhã, tentando escapar dos terríveis pesadelos, o corpo banhado de suor, o coração disparado enquanto lutava para respirar. Nos últimos três anos o pânico e o terror haviam sido seus únicos companheiros durante as longas horas da madrugada. Sua cama transformara-se num campo de guerra para as lembranças do passado. Estava quase se acostumando a viver com aquilo. Quase.

A noite anterior havia sido pior do que de costume. Ainda podia sentir a dor em seu peito e o nó no estômago. Sabia que aquelas sensações passariam. Sempre passavam.

O bom-senso lhe dizia que aquilo era natural, que o tempo cicatrizaria as feridas e que continuaria a viver. Deus sabia que seu avô vinha tentando encorajá-lo a encontrar uma nova esposa, ter um outro filho...

Ainda não estava pronto. Talvez algum dia, mas, certamente, não agora. Joey havia sido a melhor coisa que lhe acontecera na vida. Durante os poucos meses em que vivera, o casamento de Jonas e Darlene tinha sido tolerável. Teria feito qualquer coisa para fazê-lo dar certo. Sem Joey, Darlene não tivera motivos para ficar. Fizera as malas e partira no dia seguinte ao enterro. Não soubera dela desde o divórcio.

Um movimento do lado de fora chamou-lhe a atenção. Ficou observando um coite solitário atravessar o deserto, dirigindo-se para as montanhas após uma noite de caça. O dia estava clareando e já podia distinguir os cactos e a vegetação rasteira do lado de fora da janela.

Hora de ir para, o trabalho, Jonas pensou, afastando-se da janela. Tinha dúzias de amostras de solo para coletar e o dia prometia ser tão quente quanto o anterior. Estava se servindo de mais uma xícara de café quando notou a pílula para pressão alta que Águia Azul deveria ter tomado na noite anterior.

Franzindo as sobrancelhas, colocou a xícara no balcão que separava a cozinha da sala de visitas e foi até o quarto do avô. Bateu na porta e, quando não

recebeu resposta, abriu-a com cuidado. A cama estava arrumada e o quarto vazio. Jonas caminhou até o armário e abriu as portas sabendo de antemão o que encontraria. O tambor não estava no lugar.

Droga! Jonas cerrou os dentes num sinal claro de frustração. Águia Azul tinha partido para as montanhas outra vez. Provavelmente ficaria por lá até o dia seguinte ou o tempo necessário para fazer contato com os Espíritos dos Antepassados.

Embora tivesse orgulho de sua descendência da tribo de índios Navajo, Jonas acreditava nos espíritos tanto quanto acreditava em Papai-Noel ou no coelhinho da Páscoa. Águia Azul era um sonhador, via a vida com os olhos de artista. Via beleza, esperança e futuro. Jonas era um realista. Para ele, as árvores não tinham alma e as pedras não tinham nenhuma força especial. Estava com trinta e quatro anos e há dez trabalhava como geólogo. Nesse tempo todo, uma pedra nunca falara com ele nem realizara qualquer milagre.

Vestiu-se depressa, ansioso para chegar ao local onde estava coletando material e começar o trabalho do dia. O trabalho e o avô eram as duas únicas coisas que aliviavam sua dor e o faziam encarar cada novo dia.

As noites, entretanto...

Alina Devlin segurou com força a direção de seu carro e prosseguiu com a discussão que vinha mantendo consigo própria nas últimas quatro horas. No que estivera pensando quando decidira embarcar naquela excursão pelo deserto à procura de um homem que nem sequer conhecia? Estava viajando sozinha, pelo amor de Deus! Aquilo não era seguro e, certamente, não fazia o menor sentido. O carro tinha ar condicionado, mas a temperatura do deserto, lá fora, ultrapassava os quarenta graus. E se o carro quebrasse ou tivesse um acidente? perguntou-se franzindo as sobrancelhas. Quando ligara para a irmã no início da tarde, soubera que a temperatura em Los Angeles estava bastante amena, por volta dos vinte e cinco graus, ideal para se passar um dia na praia. Brisa fresca, areia morna, ondas suaves...

Suspirando, Alina balançou a cabeça e voltou sua atenção para a estrada. Estava se aproximando de Sedona, uma cidadezinha formada por uma comunidade de artistas. À sua frente, as montanhas vermelhas, iluminadas pelo sol do fim de tarde, sobressaíam-se da paisagem como torres incandescentes. Era a paisagem mais incrível que já vira.

Estava ali por causa de um vaso de cerâmica.

Não era qualquer vaso, claro. Olhou para o pacote cuidadosamente colocado no banco ao lado. Este vaso era especial e de uma beleza rara. Sua carreira como

comerciante de objetos de arte dependia de saber julgar corretamente a diferença entre o comum e o extraordinário. No momento em que vira o vaso na feira em Scottsdale, soubera estar diante de uma peça excepcional.

A mulher indígena que o estava vendendo dera-lhe o nome e o endereço do artista: Águia Azul Whitehorn, Alameda Deertrack, número 86, Sedona. O problema era que ela não soubera fornecer um número de telefone através do qual pudesse entrar em contato com o ceramista. Assim sendo, Alina decidira prolongar sua viagem de negócios por mais um dia e sair à procura de Águia Azul. Tinha certeza de que Sheldon e Kelly conseguiriam cuidar da galeria sozinhos e não podia deixar de tentar convencer o índio a fazer uma exposição em Los Angeles.

Consultou o mapa que estava em seu colo e pegou uma estrada de terra. Depois de percorrer mais ou menos um quilômetro, avistou, ao pé de uma enorme pedra vermelha, uma pequena e graciosa casa de telhas de barro. O calor era tão intenso que levantava uma nuvem de vapor do solo, fazendo a casa parecer uma miragem no meio do deserto. Sentiu um desejo incontável de chegar logo.

Ao estacionar a caminhonete na frente da casa e abrir a porta para descer, quase desmaiou com a onda de calor que lhe envolveu o corpo.

Deus do céu, pensou enquanto enrolava as mangas de sua camisa, parecia estar dentro de uma fornalha. Como alguém conseguiu viver num lugar tão quente? Olhou para a calça jeans e para o par de tênis que estava calçando e desejou estar vestindo shorts e sandálias. Com um longo suspiro, jogou os cabelos longos para trás e pegou o pacote com o vaso de dentro do carro.

Ao desembulhá-lo uma onda de excitação voltou a percorrê-la. Era a peça de cerâmica mais bonita que já vira.

A forma era suave e arredondada. O vaso era pintado de branco com faixas de formas geométricas em tons de amarelo e turquesa. Uma fina tira de couro enfeitada com miçangas coloridas envolvia o pescoço do vaso. Uma única pena branca terminava o enfeite. Havia uma sensibilidade inerente à peça que era quase palpável. Tocou o barro frio com a ponta dos dedos e maravilhou-se, mais uma vez, com as sensações que a invadiam. Naquela peça, o trabalho do artista não só podia ser visto como também sentido.

O deserto estendia-se para todos os lados ao redor de Alina, enquanto caminhava pelo caminho de pedras que levava à entrada da casa. No silêncio, quase podia ouvir o som do calor irradiando do solo seco. A primeira gota de suor escorreu por suas costas. A cada passo, tinha a sensação de estar derretendo.

Deus, espero que ele tenha ar condicionado.

Apesar do calor, Alina parou um momento para admirar a varanda lindamente decorada. Dúzias de vasos de formas e cores diferentes continham cactos ornamentais e enfeitavam a varanda. Um balanço de madeira envernizada pendia do telhado. Sentiu-se tentada a sentar no balanço, mas duvidava que a sombra oferecesse proteção suficiente do calor escaldante.

Antes que pudesse bater na porta da frente, um barulho, que parecia ser de canos se chocando, chamou sua atenção. Resolveu seguir o som, que concluía vir dos fundos da casa. Deu a volta na construção até encontrar, nos fundos, uma caminhonete preta, suja de lama. O barulho continuou por uns instantes e, de repente, parou, quando um homem usando uma camiseta azul marinho apareceu do outro lado da caminhonete. Ao vê-lo, Alina ficou boquiaberta.

Deus, ele era alto! Tinha pelo menos um metro e noventa e seus ombros eram da largura de uma porta. Quando ele levantou uma mão para alisar o cabelo negro, ela notou que seus braços eram musculosos.

Ele desapareceu outra vez atrás da caçamba da caminhonete, fazendo a moça hesitar. Alina não soubera o que esperar, mas certamente não imaginara que Águia Azul fosse tão... másculo. Sabia que aquilo era bobagem, mas a peça de cerâmica que ele fizera era de uma delicadeza, difícil de ser imaginada em um homem daquele tamanho e com aquela aparência. Admoestou-se por ser preconceituosa, respirou profundamente, levantou os ombros e deu a volta na caminhonete.

O homem estava ajoelhado, de costas para ela, examinando diversas fileiras de canos que estavam no chão. Suor e poeira grudavam a camiseta ao corpo masculino. A calça jeans e as botas estavam sujas de barro. Os músculos das costas dele se moveram quando estendeu os braços para pegar alguns dos canos. Alina quase podia ouvir o barulho do metal ao imaginá-lo entortando aqueles canos com as próprias mãos.

Sua garganta ficou seca como o deserto. Alina abraçou o vaso com força, como se pudesse tirar forças do objeto. Respirou profundamente antes de chamá-lo. — Sr. Whitehorn?

Jonas deixou o cano que estava em sua mão cair e virou-se ao ouvir seu nome. O que viu quase o deixou sem fôlego: uma silhueta feminina com fogo dançando ao redor da cabeça e cores vivas irradiando do corpo delgado. A voz que o chamara era doce como a de um anjo e parecia etérea. Ele quase podia ver a força que emanava daquela figura. Seu coração parou por um segundo e, depois, disparou. Estava tão surpreso que não podia se mover. Sentia-se como se

tivesse sido jogado em outra dimensão, um lugar sem tempo nem espaço definidos. Se Jonas acreditasse naquelas bobagens, teria acreditado estar diante de um espírito-guia. O fato era que não era místico e deixara de acreditar nos espíritos há muito tempo.

A sensação estranha passou rapidamente deixando, em seu lugar, uma leve irritação. Aquele fora um dia longo e quente, estava sujo e cansado e, a última coisa que desejava naquele momento, era ser interrompido por uma turista que provavelmente estava perdida.

Limpou o suor da testa com as costas da mão e avaliou, vagarosamente, o corpo da mulher parada à sua frente. As pernas, delineadas pelo jeans justo, eram longas e bem torneadas. Subiu o olhar para a cintura fina e imaginou que conseguiria envolvê-la com as mãos. Ela estava de costas para o sol e o cabelo castanho avermelhado refletia a beleza das montanhas de Sedona. Talvez aquela interrupção não fosse assim tão ruim, pensou, mudando de idéia.

— Posso ajudá-la? — Ele se levantou e olhou para a mulher que segurava um vaso de cerâmica contra o peito. Ela era miúda, ele percebeu ao ter que olhar para baixo para encará-la. Provavelmente não tinha mais do que um metro e sessenta.

— Meu nome é Alina Devlin — ela se apresentou insegura. — Esperava poder falar com você a respeito desse vaso.

Sua voz era suave como o veludo e ao encontrar o olhar hesitante, ele descobriu que os olhos eram azuis de um tom claro, quase cinza, que o fizeram lembrar do diamante raro que uma vez encontrara na África. Embora estivesse corada pelo calor, a sua pele era clara e suave. Os lábios grandes e cheios pareciam ter sido feitos para serem beijados. O olhar dele passou pelo pescoço longo e fino e pousou no decote da blusa que ela estava usando. Os seios pequenos pareciam firmes e convidativos. Subitamente, sentiu a garganta seca. Voltou o olhar para o rosto corado.

— Qual é o problema?

Alina arrepiou-se ao vê-lo levantar a mão para secar o suor que escorria pela testa. A altura dele obrigava-a a levantar a cabeça para encará-lo o que a deixava um pouco intimidada. Entretanto, pressentia que havia alguma coisa a mais naquele homem. Não sabia exatamente o que era, mas havia algo nele que a perturbava mais do que sua altura. Podia ser a intensidade dos olhos negros ou a forma como a observara minutos antes. Parecera um homem sedento admirando um grande copo de água gelada. Por outro lado, talvez tudo aquilo não passasse de imaginação. Ficara impressionada por estar sozinha no deserto com um

homem desconhecido. De qualquer forma, ele lhe despertava sensações estranhas. Deixava-a irritada, perturbada e excitada. De repente, Alina deu-se conta da força com que estava segurando o vaso e tentou relaxar um pouco.

— A índia que me vendeu este vaso disse-me como encontrá-lo. Tenho uma galeria de arte em Los Angeles e tinha esperanças de poder ver um pouco mais do seu trabalho.

A risada de Jonas soou seca.

— Srta. Devlin, se eu tivesse feito um vaso, a senhorita seria incapaz de reconhecê-lo como tal e certamente não o chamaria de "arte".

Alina sentiu-se desapontada.

— Você não é Águia Azul Whitehorn? Jonas meneou a cabeça.

— Sou Jonas Whitehorn. Águia Azul é meu avô. Bem, pelo menos viera ao lugar certo, Alina pensou com alívio.

— Seu avô mora aqui, não mora?

Fazendo um sinal afirmativo, ele aproximou-se para examinar o vaso. Não tinha dúvidas de que fosse uma das peças do avô.

— Onde conseguiu isso?

Alguma coisa no tom de voz dele a fez ficar na defensiva.

— Comprei-o de uma índia numa feira de artesanato em Scottsdale. Há alguma coisa errada nisso?

Os olhos dela escureciam quando ficava irritada, Jonas notou. Observou-a com interesse, enquanto balançava a cabeça jogando o maravilhoso cabelo ruivo para trás.

— Há algo errado, sim — ele disse aproximando-se mais. — Meu avô nunca vende seus trabalhos. Nunca.

Um artista que não vende seu trabalho! Alina resistiu à vontade de rir.

— Acho difícil acreditar nisso, especialmente porque acabei de comprar essa peça numa feira de artesanato.

Ele estreitou os olhos.

— O que, exatamente, está querendo, Srta. Devlin?

Se ele estava tentando intimidá-la, certamente conseguira, Alina pensou, controlando-se para não dar um passo para trás. Entretanto, não conseguia compreender o porquê. Seja lá quais fossem as razões dele, não estava disposta a ficar em pé, sob o sol escaldante, discutindo com aquele estranho.

— Desculpe-me se o interrompi num momento ruim, sr. Whitehorn.

Gostaria de falar com seu avô.

— Meu avô não está em casa.

A cabeça dela estava começando a doer. Fechou os olhos por uns segundos e os abriu novamente, fixando o olhar no rosto de Jonas. Mechas de cabelo negro, úmidas de suor, caíam-lhe na testa, sobre uma sobrancelha arqueada. O rosto bronzeado estava sujo e a pele exalava o cheiro de um dia de trabalho árduo. Por alguma razão inexplicável, Alina não o achou repelente. Piscou os olhos, tentando afastar a sensação de que o solo se abriria sob seus pés a qualquer momento. Embora a razão lhe dissesse que deveria voltar atrás e partir, o instinto a fez insistir.

— Ele volta logo?

— Não muito.

— Incomoda-se se eu o esperar?

Incomodava-se e muito. Mas ela parecia tão determinada a falar com Águia Azul que duvidava que seu incômodo fosse fazer qualquer diferença. Além disso, parecia estar prestes a desmaiar.

— Não o atrapalharei, pode ficar sossegado — ela o assegurou. — Sinto muito tê-lo interrompido. Esperarei na varanda, do outro lado da casa.

Ao virar-se, o deserto começou a girar ao seu redor. Alina agarrou o vaso com força enquanto tentava manter o equilíbrio.

Percebendo que ela estava passando mal, Jonas estendeu os braços e a segurou pelos ombros. Foi como se levasse um choque elétrico. Ficou parado, segurando-a, surpreso com as reações que aquela moça despertava em seu corpo. O desejo que sentia por ela era intenso e o estava deixando confuso.

— Está se sentindo bem? — ele perguntou tenso. Ela assentiu sem muita convicção.

— Estou bem. Acho que não estou acostumada a esse calor.

Jonas forçou-se a soltá-la. O coração batia descompassado em seu peito. O som era tão alto que teve medo de que ela também o estivesse ouvindo.

Respirou profundamente, tentando acalmar-se. Isso não era nada, repetiu para se convencer. Pelo menos, não era nada importante, apenas desejo. E também não era desejo apenas por esta mulher, mas por qualquer mulher. A única companhia feminina que mantivera desde o divórcio fora a de Sarah Wesley, uma viúva que residia em Prescott e compartilhava suas necessidades básicas, sem complicações emocionais. Não via Sarah há algum tempo, o que certamente explicava sua reação a Alina Devlin. Se não estava enganado, a

expressão assustada no rosto dela demonstrava que também não ficara imune ao seu toque, notou com satisfação.

Ela deu um passo atrás e piscou os olhos diversas vezes.

— Vou sentar na sombra. Estarei bem em um minuto, obrigada.

Sorrindo debilmente, Alina virou as costas para Jonas e tentou fazer suas pernas trêmulas caminharem. Uma determinação de ferro a manteve de pé, permitindo que se afastasse na direção da varanda. Ao sair do campo de visão dele, Alina praticamente despencou no balanço, A sombra da varanda aliviava um pouco o calor mas não a angústia que lhe apertava o peito.

Ainda estava se sentindo um pouco anestesiada. Não, viva era a palavra correta. Sua pele estava toda arrepiada, não apenas onde as mãos dele a tocaram, mas o corpo todo. Nunca reagira daquela forma a homem algum. Nem mesmo a Stephen, pensou, lembrando-se do ex-noivo.

Seus dedos apertaram o vaso ao imaginar que Jonas provavelmente a achara ridícula. Será que ele notara como reagira ao toque másculo? Fechou os olhos e gemeu baixinho. Claro que notara, afinal não era cego. Deus, o que está acontecendo? perguntou-se. O calor a estava afetando, concluiu. O calor do deserto estava brincando com seu corpo e com seus sentidos. O que mais poderia explicar aquele comportamento tão estranho?

Bem, seja lá o que fosse, resolveu, não deixaria um rosto atraente interferir em seus negócios com Águia Azul. Estava ali a negócios e não desistiria facilmente.

Ao ouvir os sons de passos na varanda, Alina abriu os olhos e deu de cara com Jonas que a observava com uma expressão menos severa.

— Olhe — ele passou a mão pelo cabelo —, estou falando a verdade sobre meu avô. Ele às vezes se ausenta e pode não voltar por dois ou três dias. Com certeza não estará de volta antes de amanhã.

Jonas viu a expressão desapontada nos olhos dela. Por que Águia Azul seria tão importante? Embora tivesse consciência do talento do avô, sabia que havia dezenas de artistas igualmente talentosos que dariam o braço direito para fazerem uma exposição em Los Angeles. Seja lá quais fossem os motivos da moça para querer falar com seu avô, Jonas, ao notar-lhe a palidez, resolveu que seria prudente convidá-la para entrar e beber alguma coisa.

— Entre um pouco. Pode deixar o telefone do lugar onde está hospedada e pedirei para Águia Azul entrar em contato com você.

Quando ela umedeceu os lábios com a língua, Jonas sentiu o estômago contrair-se. Talvez ele próprio lhe telefonasse. Como Águia Azul provavelmente

não voltaria antes da tarde seguinte, ela seria obrigada a passar a noite em Sedona. Fazia muito tempo que não convidava uma mulher para jantar, pensou. Era óbvio que ela também se sentia atraída por ele e eram ambos adultos. Como ela não estava usando aliança, concluiu que não era casada. Poderiam desfrutar de uma noite agradável. Jantar em um restaurante e, depois, voltar para casa para um último drinque...

A imaginação o estava levando longe demais, Jonas repreendeu-se. O que estava acontecendo de errado? Uma mulher que viajava sozinha pelo deserto num dia quente como aquele, só para encontrar um artista, certamente era do tipo que deixava-se guiar pelas emoções e não pela razão. Não se interessava por mulheres emotivas. Elas esperavam muito e sempre queriam mais do que ele era capaz de dar.

Satisfeito por ter conseguido colocar a situação em perspectiva, bateu a poeira da calça jeans, tirou as botas enlameadas e abriu a porta, afastando-se para deixá-la passar.

Droga, pensou, ao sentir o suave perfume de flores que emanava dos cabelos ruivos.

Dentro da casa, Alina prendeu a respiração ao entrar na sala de visitas.

Era como entrar numa galeria de arte. Havia tapeçarias coloridas, tecidas à mão penduradas em uma das paredes; artigos de cerâmica de todas as cores, formas e tamanhos enfeitavam a estante embutida em outra parede. Estatuetas de guerreiros e de jovens índias decoravam a mesa de centro e as mesinhas que ladeavam o confortável sofá de cana-da-índia.

Estava certa de ter morrido e ido para o céu. Moveu-se pela sala boquiaberta, o olhar treinado observando todos os objetos. Um ventilador, colocado em um canto da sala, circulava o ar, movimentando levemente as tapeçarias e as penas que enfeitavam algumas das peças de cerâmica. Todos os objetos tinham o mesmo estilo que lhe chamara a atenção na feira de artesanato. A sala parecia ter vida própria, as paredes pareciam pulsar ao seu redor.

Jonas a observou enquanto admirava o aposento e seus objetos. A boca delicada estava entreaberta e os olhos azuis brilhavam ao examinar o trabalho de Águia Azul. Jonas crescera no meio daqueles objetos e, embora gostasse muito do trabalho do avô, o aposento nunca lhe parecera extraordinário ou fora do comum. Agora, parecia estar vendo-o através dos olhos dela e sentiu-se imensamente orgulhoso do que via. Reprimindo um sorriso, ele parou atrás dela e murmurou:

— Ele é muito bom, não é?

— Bom! — ela repetiu baixinho. — Ele é brilhante. Um mestre. — Virou-se abruptamente chocando-se contra ele. Jonas a segurou e sentiu, mais uma vez, uma estranha sensação percorrê-lo. Apertou os dedos ao redor dos braços finos e tentou controlar um súbito desejo de abraçá-la.

Soltou-a como se a pele dela o estivesse queimando. Ao encará-la, viu que estava tão confusa quanto ele. A visão das faces coradas quase o fizeram rir. Então ela também estava se sentindo atraída por ele, pensou satisfeito. Talvez devesse convidá-la para jantar, reconsiderou. Afinal, ela não tinha que ser seu tipo ideal para que a convidasse para jantar. Ou para o que pudesse acontecer depois, acrescentou.

Jonas olhou para baixo, para suas roupas sujas e decidiu que seria melhor tomar um banho e trocar de roupa antes de fazer o convite.

— Sente-se e fique à vontade. Vou tomar um banho, mas não demoro. Se estiver com sede — ele acrescentou apontando a cozinha —, tem refrigerante e água na geladeira. Volto em um minuto.

Ela sorriu debilmente.

— Não se preocupe comigo.

Alina o observou sair da sala. Fechou os olhos e tentou respirar profundamente. Sentia a pele do pulso, onde ele a tinha tocado, queimando e seu coração batia furiosamente.

Você enlouqueceu, Alina. O deserto realmente mexeu com sua capacidade de raciocínio!

Resolvida a manter o pensamento em assuntos de negócios, colocou o vaso, que ainda segurava, sobre a mesa de centro, ao lado da estatueta de uma menina indígena envolta em anéis de fumaça. Passeou ao redor da sala observando detalhadamente cada uma das peças de cerâmica: um golfinho nadando numa onda, um guerreiro erguendo sua lança para o céu, um vaso semelhante ao que comprara. Ficava mais impressionada a cada minuto.

Como nunca ouvira falar de Águia Azul? O homem era um gênio. Como conseguira manter seu trabalho em segredo? E por quê?

Algum tempo depois, sentiu sede e dirigiu-se para a cozinha onde pegou um copo e o encheu de água gelada. Voltou para a sala e parou na frente do ventilador, deixando a brisa refrescá-la.

A simples idéia de descobrir um artista como Águia Azul acelerava seu pulso. Ele tinha um dom especial que deveria compartilhar com pessoas que pudessem admirar seu talento. Ela podia organizar uma exposição individual imediatamente, para a qual convidaria apenas quarenta ou cinquenta dos seus

melhores clientes. A publicidade seria enorme e, talvez, a Galeria KellyAlina conseguisse sair do vermelho. Alina fechou os olhos e levantou o rosto para o ventilador. A galeria tinha que sobreviver. Caso contrário, o que Kelly faria?

Mas e se Jonas estivesse dizendo a verdade? E se Águia Azul fosse mesmo contra vender seus trabalhos? Como poderia convencê-lo a fazer uma exposição em Los Angeles? E quanto a Jonas? ela se perguntou levantando o copo de água gelada e encostando-o no pescoço. Tinha a impressão de que ele não estava nada satisfeito com sua presença. Teria ele condições de influenciar a decisão do avô?

Ela sorriu. Teria que deixar para se preocupar com isso quando e se o problema aparecesse.

Jonas ainda estava abotoando a camisa branca quando voltou para a sala. Ficou paralisado ao ver Alina parada diante do ventilador, com os olhos fechados, o cabelo esvoaçando e um sorriso sedutor nos lábios. Ela inclinou a cabeça para o lado e pressionou o copo que segurava contra a curva do pescoço delgado. Sentiu um nó na garganta ao observá-la e amaldiçoou a súbita tensão que sentiu na virilha. Tinha tido esperanças de que o banho frio abrandasse o desejo que sentia por ela desde que a vira.

Estivera enganado, pensou fazendo uma careta, enquanto a observava esfregar o copo no pescoço. A pele úmida parecia macia. Sentiu uma enorme vontade de sentir o seu gosto, de verificar se era tão doce quanto imaginava que fosse. Suas mãos estavam trêmulas ao abotoar o último botão.

Quando ele pigarreou, ela abriu os olhos sobressaltada. Ficou corada ao perceber que ele a estivera observando.

— Eu me servi — explicou mostrando o copo. — Espero que não se incomode.

Uma gota de água estava descendo lentamente pelo pescoço de Alina e Jonas achou que enlouqueceria se continuasse olhando.

— Tudo bem.

Por alguns momentos ambos permaneceram num silêncio tenso.

— Sr. Whitehorn,

— Jonas, por favor.

— Jonas — ela começou outra vez —, desculpe-me por ter aparecido sem avisar. Eu não tinha o telefone de vocês e mandar uma carta me pareceu muito impessoal. Encontrar uma pessoa com o talento de Águia Azul é o sonho de qualquer comerciante no mercado das artes. Não consegui ir para casa sem tentar conhecê-lo e convidá-lo para fazer uma exposição na Galeria KellyAlina.

— KellyAlina? Ela sorriu.

— Não é muito original, eu sei, mas meus pais sempre sonharam em abrir uma galeria de arte e batizá-la com o meu nome e o da minha irmã. Depois que eles morreram num acidente de automóvel, há dois anos, decidi abrir a galeria.

— Sinto muito — Jonas disse, conhecia a dor de perder os pais. Conhecia também uma dor muito maior e infinita.

Ele atravessou a sala em três passos largos e parou ao lado do vaso que Alina trouxera. Olhou-o longamente, lembrando-se do dia em que o avô o fizera. O velho parecera satisfeito com o trabalho e havia mantido uma aura de mistério em torno da peça. Depois de terminado, ele levava o vaso para as montanhas e lá permanecera durante três dias. Embora estivesse acostumado com as longas ausências do avô, Jonas ainda se assustava cada vez que ocorriam. O índio estava velho e também um pouco senil, Jonas achava, pois vinha passando cada vez mais tempo conversando com os espíritos imaginários.

— Nos últimos trinta e quatro anos vi meu avô recusar centenas de convites para fazer exposições. Por que acha que com você será diferente?

— Não sei. — Alina sustentou o olhar dele. — Mas eu sou diferente. Ele falará comigo, tenho certeza.

Ela era realmente diferente. Quanto a isso, Jonas tinha que concordar com a moça. Certamente jamais reagira a qualquer outra mulher como estava reagindo a ela. E se conseguisse convencer Águia Azul a fazer a exposição? Embora isso não fosse muito provável, Jonas sentiu uma ponta de dúvida. Não gostava nem um pouco dessa idéia.

Ele aproximou-se de Alina.

— Mesmo que meu avô concordasse com a exposição, eu jamais poderia permitir que o arrastasse para Los Angeles.

Arrastá-lo! Alina o encarou boquiaberta.

— Estou oferecendo uma oportunidade de ouro para o seu avô. Uma oportunidade para vender o trabalho dele e ficar famoso. Você está me dizendo que não permitirá que ele aceite essa chance?

— Exatamente — ele afirmou cruzando os braços. — Águia Azul não está interessado em fazer fama e fortuna. Além disso, não está em condições de ficar badalando numa cidade do tamanho de Los Angeles. Ele tem oitenta e dois anos, Srta. Devlin e não tenho a menor intenção de deixá-la tirar vantagens de um velho.

Tirar vantagens! Alina cerrou os punhos ao lado do corpo. Aquele era certamente o homem mais rude que jamais conhecera em toda sua vida. Como

ele podia insinuar que ela tiraria vantagem de uma pessoa idosa? Antes que pudesse encontrar palavras que expressassem sua fúria, uma voz grave e forte os interrompeu.

— A quem, Jonas Whitehorn, você está chamando de velho?

CAPÍTULO II

Alina notou a expressão de surpresa no rosto de Jonas ao virar-se na direção de onde a voz soara. Um homem idoso, vestindo calça jeans e camisa azul-claro estava parado à porta, a mão grande e calejada apoiada na maçaneta. Ele não era tão alto quanto Jonas, mas também tinha uma figura imponente. Os ombros eram largos e as costas surpreendentemente eretas para um homem de sua idade. A pele era escura e as maçãs salientes do rosto denunciavam sua ascendência indígena. Duas longas trancas caíam-lhe sobre os ombros e os olhos negros eram emoldurados por profundas rugas. Ele a olhou com visível curiosidade.

Jonas afastou-se dela.

— Avô, o que está fazendo aqui? O velho riu.

— Acho que moro aqui, neto. Se está com visitas posso voltar outra hora.

Jonas balançou a cabeça.

— Não o esperava tão cedo. Partiu essa manhã e não costuma voltar antes de um ou dois dias. — A expressão dele ficou preocupada. — Você está bem? — Jonas perguntou dando um passo na direção do avô.

Águia Azul pousou uma mão no ombro do neto.

— Estou bem. Só fui chamado de volta da minha viagem. — O olhar dele pousou no vaso que estava sobre a mesa e, depois, parou em Alina. — Você me envergonha, Jonas. Ainda não me apresentou a moça.

Alina pôde sentir que Jonas hesitou por um momento. Qual era o problema dele? Será que realmente achava que ela arrastaria o avô à força para Los Angeles?— Resistindo à vontade de fazer uma careta, dirigiu-se para Águia Azul:

— Meu nome é Alina Devlin, sr. Whitehorn. É um prazer imenso conhecê-lo. — Estendeu-lhe a mão sorrindo. Quando os dedos longos e calejados seguraram sua mão, surpreendeu-se com o calor e força que deles emanava.

Águia Azul permaneceu em silêncio, segurando sua mão e observando-a com interesse. Por alguma razão estranha, a opinião dele passou a ser muito importante para ela. O silêncio se prolongou pelo que pareceu uma eternidade. Podia ouvir-se o zumbido do ventilador, o som das penas e das tapeçarias balançando ao vento. Parecia até poderem ouvir as paredes respirando,

esperando...

Finalmente, Águia Azul sorriu e apertou-lhe a mão com força. Alina soltou a respiração que, até aquele momento, nem havia notado que estava presa.

— O prazer é meu, Srta. Devlin.

— Alina, por favor.

Ele assentiu com a cabeça.

— E eu sou Águia Azul. Jonas aproximou-se do avô.

— Alina é uma comerciante de arte. Já lhe expliquei que você vende seu trabalho, mas ela insistiu em esperá-lo.

— Determinação é uma qualidade para ser admirada, Jonas — Águia Azul afirmou soltando a mão dela.

Alina notou que Jonas ficara tenso. Não o deixaria irritá-la, decidiu. Tinha vindo conhecer Águia azul e recusava-se a deixar-se desencorajar ou intimidar.

Levantando o queixo, dirigiu-se ao homem mais velho.

— Seu trabalho é excepcional, Águia Azul. Nunca vi nada que se assemelhasse ao seu talento.

Os olhos dele brilharam como ébano.

— Suas palavras me encantam tanto quanto sua beleza, Alina. Obrigado.

Sentiu uma onda de calor invadindo seu rosto. O velho índio certamente poderia ensinar ao neto uma coisa ou outra sobre charme, Alina pensou com uma ponta de ironia.

— Não sei muito bem como explicar, mas quando vi esse vaso, bem, soube que tinha de vir conhecê-lo e dizer-lhe o que sinto ao ver seu trabalho.

Águia azul aproximou-se da mesinha onde estava o vaso e o pegou.

— Foi você quem o trouxe para cá?

Havia uma intensidade na forma como ele pronunciara a pergunta que fez o estômago de Alina contrair-se. Era estranho, mas sentia que sua resposta era importante não apenas para ele, mas para o seu futuro também.

— Sim.

Ainda segurando o vaso, ele voltou-se para ela.

— Diga-me, Alina — ele pediu entregando-lhe o vaso —, como se sente diante do meu trabalho?

Ela estendeu as mãos para segurar a peça. O barro estava frio, mas seus dedos se aqueceram no momento em que o tocou. Por uns momento imaginou que seria impossível encontrar palavras que expressassem seus sentimentos.

Quando finalmente falou, até ela mesma se surpreendeu com a veemência de sua resposta.

— Completa.

Águia Azul sorriu largamente.

Exasperado, Jonas encaminhou-se para a cozinha. Alina Devlin devia ser experiente na arte de manipular pessoas, pensou irritado, abrindo a geladeira para pegar uma lata de refrigerante. Talvez o trabalho de Águia Azul fizesse uma pessoa sentir-se bem, feliz ou alguma coisa do gênero. Mas, completa! Que espécie de resposta era aquela?

Abriu a lata do refrigerante e tomou um grande gole.

Era óbvio que o avô estava encantado com a resposta. Na verdade, parecia até feliz com a presença dela. Por quê? Nunca o vira dar qualquer tipo de esperanças para nenhum comerciante de arte. O fato dela ser bonita, jovem e muito sexy não faria a menor diferença para o avô.

Ou faria?

O olhar de Jonas passeou de Alina para o avô enquanto conversavam animadamente na sala. Ela estava sorrindo e Jonas surpreendeu-se novamente com as linhas fortes do queixo feminino e com o aspecto sedutor dos lábios rosados. A pele era pálida e delicada, com aparência de porcelana e, provavelmente, a textura de uma pétala de rosa. Podia quase senti-la nas pontas dos dedos. Perguntou-se qual seria o gosto da pele dela, se suas pernas longas eram tão fortes quanto pareciam e qual seria a sensação de tê-las ao redor de sua cintura.

A pontada de dor que sentiu da barriga para baixo o trouxe de volta à realidade. Seu coração havia disparado, o que o deixou ainda mais irritado. Droga, o que estava lhe acontecendo?

Controlou seus pensamentos eróticos e concentrou-se no problema que tinha em mãos, ou seja, o interesse de Águia Azul por Alina Devlin. Embora estivesse certo de não ter demonstrado nada, era possível que o avô tivesse percebido sua atração pela moça. Deus sabia que o velho tinha a desconcertante habilidade de ler a mente alheia.

Talvez o avô a estivesse encorajando para que ficasse na cidade por mais alguns dias. Nos últimos meses Águia Azul não escondera o desejo de vê-lo casado novamente.

Se essa fosse a razão do charme que o velho estava jogando para cima da moça, Jonas teria que deixar claro para ambos que não estava interessado nela ou em outra pessoa. Se a deixasse brava, decidiu, enquanto tomava mais um gole de

refrigerante, paciência. Na verdade, não se importava se ela partisse magoada. Só queria que ela partisse.

Convicto de estar com as emoções sob controle, Jonas voltou para a sala e parou ao lado do avô.

— A Srta. Devlin diz que comprou o vaso em uma feira em Scottsdale — ele dirigiu-se ao velho enfatizando a palavra "diz" propositalmente.

Alina estreitou o olhar ao encará-lo.

— Parece que seu neto tem dúvidas quanto à maneira pela qual adquirir o vaso.

Águia Azul ergueu uma sobrancelha e olhou para o neto.

— É mesmo?

Jonas percebeu que gostava da forma como ela levantava o queixo quando estava brava ou na defensiva.

— Admito que acho um pouco estranho que uma peça sua tenha aparecido numa feira de beira de estrada, uma vez que nunca vendeu nenhuma peça.

— Isso é verdade, Jonas. Mas também é verdade que dei várias peças, não é?

Jonas sustentou o olhar do velho.

— Certamente não para pessoas que as fossem vender. Águia Azul encolheu os ombros.

— É difícil prever o que as pessoas farão em situações que julguem importantes. — Ele voltou a olhar para Alina. — Não é mesmo?

— É por isso que estou aqui — ela declarou sem rodeios. — Tenho esperanças de convencê-lo a ir para Los Angeles fazer uma exposição. Minha irmã e eu temos uma galeria de arte e sei que a beleza e emoção que conseguiu moldar em suas obras serão muito admiradas pelos nossos clientes.

Jonas apertou a lata que ainda estava em suas mãos. De todas as pessoas maquiavélicas e manipuladoras que já conhecera, Alina Devlin era a pior. Todos os outros comerciantes que haviam procurado Águia Azul antes, haviam tentado seduzi-lo com grandes ofertas de dinheiro. Ela havia decidido apelar para o lado criativo do artista. Era esperta, Jonas pensou, esperta demais para o seu gosto.

— Olha, Srta. Devlin — ele interveio na conversa —, acho que meu avô já deixou claro que não vende seu trabalho. Se algum dia formos a Los Angeles, a visitaremos na galeria — o tom dele era de despedida.

Os olhos dela brilharam de indignação.

— Creio estar conversando com seu avô, sr. Whitehorn. Ele me parece o

tipo de homem perfeitamente capaz de falar por si mesmo.

— Eu nunca disse que não fosse. Mas, por outro lado, a senhorita só está ouvindo o que deseja escutar.

Uma onda de raiva a invadiu. Abriu a boca para responder e a fechou novamente. Respirou fundo e contou mentalmente até dez antes de se dirigir ao velho senhor.

— Peço-lhe desculpas, Águia Azul. Vim aqui para conhecê-lo e não para discutir com seu neto.

— Esse é um talento de Jonas — o velho respondeu compreensivo. — Ele ainda não aprendeu a andar a favor do vento.

Jonas fez um gesto exasperado e afastou-se.

— Águia Azul — Alina falou, ignorando o gesto de Jonas —, tudo o que estou pedindo é que me ouça e que me dê uma oportunidade para tentar convencê-lo a ir para Los Angeles. Poderia fazer isso por mim?

— Ficarei feliz em ouvir o que tem a dizer — Águia Azul consentiu. — Com a condição de que fique para o jantar — ele completou.

Ficar para o jantar! Droga! O que o avô estava pretendendo? Jonas deu um passo na direção do velho que fez um sinal para que parasse. Não podia fazer nada a não ser observá-la colocar o vaso de volta na mesa e estender a mão para Águia Azul.

— Obrigada — agradeceu sorrindo —, será uma honra.

— Pode fazer a salada.

Alina observou Jonas abrir a geladeira, pegar um pé de alface, salsão, tomates e rabanetes e colocá-los sobre a pia. Embora estivesse claramente contrariado com o avô por tê-la convidado para jantar, aceitara sua oferta de ajuda.

— Há uma saladeira no armário, embaixo da pia. Encontrará uma faca naquela gaveta — ele a orientou apontando a gaveta correta.

Águia Azul havia pedido licença para se ausentar para tomar um banho. O homem era um mistério, Alina pensou, enquanto pegava o material necessário para fazer a salada. Jonas estava em pé em frente ao fogão, aquecendo uma frigideira. Por que não conseguia ver a incrível oportunidade que o avô teria ao fazer uma exposição em Los Angeles?

Os dois estavam trabalhando lado a lado. A proximidade de Jonas na pequena cozinha fazia o seu estômago contrair-se. Começou a preocupar-se menos com o comportamento estranho dele e, passou a preocupar-se mais com o

seu próprio comportamento um tanto bizarro. Quando ele esticou o braço para abrir a geladeira, roçando suas costas, Alina quase pulou de susto. O que havia de diferente em Jonas que a deixava tão tensa? Parecia que todas as reações que ele provocava eram exageradas, fora de proporção.

Não gostava nem um pouco daquelas sensações.

Concentre-se em Águia Azul, advertiu-se. Afinal de contas, era por ele que estava naquela casa.

Já havia lavado a alface e estava começando a fatiar o tomate quando lembrou-se de algo que Águia Azul havia dito.

— Estive pensando — ela começou hesitante —, o que seu avô quis dizer quando falou que foi chamado de volta de sua viagem?

Jonas estava colocando uma costeleta de porco na frigideira. Ficou em silêncio por uns instantes com o cenho franzido.

— É uma coisa indígena — respondeu por fim.

Ela pegou as fatias de tomates que acabara de cortar e as colocou na saladeira.

— Que tipo de coisa indígena? — insistiu.

— Uma viagem espiritual — ele respondeu com sarcasmo. — Uma coisa indígena, como eu já disse.

Uma viagem espiritual! A idéia a fascinava.

— Aonde ele vai para fazer a viagem?

Longe demais, Jonas pensou pegando o pote de sal temperado.

— Vai para as montanhas atrás da casa.

— Para as montanhas? — Alina olhou para fora da janela de onde podia avistar as altas montanhas às quais ele se referia. — Mas não é perigoso para ele andar por estas montanhas sozinho?

Jonas apertou os maxilares.

— Não há muito o que eu possa fazer a respeito.

Ela não podia imaginar Águia Azul andando sozinho pelas montanhas. E se ele caísse ou ficasse doente? Além disso, deveria haver cobras e outros animais perigosos por lá. Estremeceu. Ficaria morta de preocupação se Águia Azul fosse seu avô.

Olhou para Jonas e, de repente, o viu sob um prisma diferente.

— Fica preocupado cada vez que ele se ausenta, não é? Foi por isso que ficou aliviado quando ele voltou esta tarde.

— Como eu disse antes — a expressão dele era impenetrável —, meu avô toma as próprias decisões. Os meus sentimentos não importam muito.

O que ele queria dizer era que aquilo não era da sua conta, Alina intuiu. Afinal de contas, não passava de uma estranha em quem ele não confiava nem um pouco. Jonas obviamente se preocupava muito com o avô. Como poderia culpá-lo por estar desconfiado dela?

Nos últimos dois anos, desde o acidente, não havia protegido a irmã do mundo externo do mesmo modo como ele fazia com o avô?

É claro que as situações eram diferentes, pensou. Águia Azul era um homem forte e robusto. Kelly precisava de alguém que cuidasse dela. O velho índio não precisava dos cuidados especiais de que sua irmã necessitava.

Absorta em seus pensamentos, começou a descascar um rabanete.

Foi nesse momento que a faca deslizou, cortando seu dedo.

Alina gritou e levou o dedo cortado à boca.

Jonas rapidamente agarrou sua mão e colocou-a sob a água fria da torneira.

T— Deixe-me dar uma olhada nesse corte.

— Não foi nada — ela protestou tentando afastar-se dele. Jonas segurou sua mão com força. Uma gota de sangue caiu na porcelana branca da pia, fazendo-o franzir o cenho.

Ele lavou o corte com água e sabão e depois examinou o corte com mais cuidado.

— Não é grave, só tirou um pedacinho.

— Foi o que eu disse — Alina tentou novamente tirar a mão das dele.

— Não vai fazer-lhe mal algum colocar um band-aid no machucado. — Ele abriu o armário debaixo da pia e pegou um estojo de primeiros socorros. Enquanto isso, puxou-a para perto e passou o braço dela por debaixo do seu, impedindo-a de se afastar.

O coração de Alina batia descompassado. Tentou protestar, mas nenhum som saiu de sua garganta. O cheiro másculo despertava sensações em seu corpo que a assustavam e excitavam ao mesmo tempo. As mãos dele eram grandes, bronzeadas e calejadas. Pequenos choques percorreram seu braço enquanto ele a tocava com os dedos. Estava achando difícil respirar.

Mordendo o lábio inferior, observou-o tirar um band-aid da caixa e abrir a embalagem de papel com a mão livre e os dentes. Gentilmente, ele enrolou o curativo sobre o corte.

— Que tal? — ele perguntou levantando a mão dela para observarem o

curativo. Seu dedão esbarrou na palma da mão de Alina deixando-a arrepiada.

Deus do céu, o que estaria acontecendo? ela se perguntou prendendo a respiração. Sua reação àquele homem não era lógica. Afinal de contas, acabara de conhecê-lo!

Finalmente, conseguiu afastar-se do corpo masculino.

— Está ótimo, obrigada — murmurou forçando-se a sorrir. — Vou terminar a... — ela interrompeu-se ao ver Águia Azul parado à porta da cozinha.

Os olhos dele expressavam contentamento e havia um leve sorriso em seus lábios. Alina achou que o velho os olhava de uma forma muito estranha. Era quase como se estivesse satisfeito por vê-los juntos.

Como se desejasse vê-los juntos.

Isso era bobagem, ela se repreendeu. Afinal, ele acabara de conhecê-la, como poderia querer vê-la com o neto? Ele certamente não se incomodava com coisas como essa.

Jonas virou-se com a panela de costeletas na mão.

— O jantar está pronto — anunciou.

A noite estava fresca. Todas as janelas estavam abertas, deixando entrar a brisa perfumada do deserto. Alina pediu para usar o telefone antes de sentar-se à mesa e Águia Azul sugeriu que usasse o aparelho do quarto, no fim do corredor. Concluiu que aquele fosse o quarto de Jonas, uma vez que as paredes estavam cobertas por pôsteres de jogadores de futebol. Em cima da escrivaninha, havia vários troféus esportivos. Sentou-se na beirada da cama de casal e, depois de admirar a tapeçaria que servia de colcha, pediu à telefonista que fizesse uma ligação a cobrar para a galeria.

— Galeria Kelly Alina — Kelly atendeu do outro lado da linha.

— Oi, Kel. Como estão as coisas?

— Alina! Quando chegou em casa?

— Na verdade, não cheguei. Estou em Sedona.

— Sedona? Pensei que tivesse a intenção de voltar ainda hoje de Scottsdale.

— Tive que fazer um pequeno desvio. — Alina explicou rapidamente sobre o vaso de Águia Azul e sobre sua visita ao velho artista. Não sabia bem o porquê, mas deixou de mencionar Jonas.

— Eu sabia! — Kelly exclamou excitada. — Lembra que quis cancelar a viagem e eu a convenci a não fazê-lo? Tinha certeza de que essa viagem seria um sucesso.

Era verdade. Kelly havia insistido para que fosse a Scottsdale. A irmã estava

sempre tendo algum pressentimento.

— Bem, ainda não posso dizer que essa viagem tenha sido um sucesso. Não enquanto Águia Azul não concordar com a exposição. Ele me convidou para jantar e aproveitaremos para discutir o assunto.

— Jantar! Que golpe, hein, mana? Dê vinho e uma boa refeição para ele antes de seduzi-lo! — Kelly abaixou a voz. — Diga-me, ele é bonito?

— Pelo amor de Deus, Kel! — Alina exclamou exasperada. — Não estou tentando seduzir ninguém. Águia Azul é o artista mais talentoso que já conheci e, além disso, tem oitenta e dois anos.

— Ah.

Alina revirou os olhos ao ouvir o tom de desapontamento na voz da irmã. Kelly era uma romântica incorrigível e nunca desistia de bancar o cupido.

— Sei muito bem que não está interessada em me arrumar um marido. O que quer é ver-se livre de mim — Alina brincou com a irmã. — Acha que se eu tiver alguma distração pararei de insistir para que vá morar comigo.

— Acertou em cheio — Kelly respondeu rindo.

— Bem, já que estamos falando nisso, tem pensado no assunto?

Kelly gemeu do outro lado da linha.

— Não tive muito tempo desde essa manhã, quando discutimos o assunto pela última vez — respondeu irritada.

Alina fechou os olhos. Quando os abriu novamente, notou a foto de um bebê risonho sobre a mesinha de cabeceira. Quase a pegou, mas a voz de Kelly a fez mudar de idéia.

— Querida, agradeço sua preocupação comigo e a compreendo. Entretanto, gostaria que entendesse que morar no apartamento em cima da galeria é um arranjo perfeito, para mim. Não posso depender de você para o resto da minha vida. Já estou com vinte e oito anos e preciso viver a minha vida e você, a sua. Se não fosse por minha causa, a essas alturas, já estaria casada e com filhos.

— Kelly, já lhe disse um milhão de vezes que eu teria cometido um erro se tivesse me casado com Stephen. O acidente, a morte de mamãe e papai só me fizeram ver que não poderia casar-me com um homem a quem eu não amava.

Ouve um curto silêncio entre as irmãs.

— Pode ser, mana, mas não consigo deixar de achar que se Roger não tivesse desmanchado o noivado comigo depois do acidente...

— Roger era um cretino — Alina a interrompeu abruptamente. A simples menção do nome do ex-namorado de Kelly a fazia ferver de raiva. — Ele não

teve nada a ver com o meu rompimento com Stephen, tem que acreditar nisso.

— Eu gostaria, mana, é só que... — Kelly foi interrompida pela campainha do outro telefone instalado na galeria. — Preciso atender, Alina, Sheldon está ocupado com um cliente.

Alina suspirou. Parecia que nunca conseguiam terminar aquela conversa.

— Telefonarei mais tarde para dar-lhe o número do telefone do hotel e então terminaremos esse assunto.

Despediram-se e Alina voltou para a sala de jantar. Jonas estava colocando uma cesta de pães na mesa arrumada para três. Ele a encarou e Alina sentiu-se corar.

— Eu precisava avisar minha irmã que não voltarei para casa hoje. Não queria que ela se preocupasse comigo — explicou olhando para Águia Azul.

— Mudou seus planos para vir até aqui? — o velho indagou enquanto puxava a cadeira para ela sentar-se.

Alina confirmou com um gesto de cabeça.

— Estava a caminho de Scottsdale quando notei uma feira de artesanato numa pequena praça. Resolvi parar e dar uma olhada. A maioria das peças era bastante medíocre e eu já estava indo embora quando seu vaso me chamou a atenção. Uma velha senhora indígena o estava vendendo.

— Fico feliz que tenha gostado do vaso — Águia Azul comentou ao sentar-se — e que tenha resolvido vir me procurar. Essa peça é muito especial para mim e fico feliz que agora seja sua.

— Quem é essa índia? — Jonas perguntou. — E por que estaria vendendo o seu vaso?

— Ela é uma velha amiga minha, neto. Seu nome é Pássaro de Inverno. Ela me fez um favor ao guardar o vaso por algum tempo, mas já estava na hora de desfazer-se dele.

— Desfazer-se vendendo-o? Águia Azul encolheu os ombros.

— O dinheiro não importa.

— É isso que não compreendo — Alina entrevistou. — Nunca conheci um artista que não quisesse vender seu trabalho. Por que se opõe a ganhar dinheiro com seu talento?

Ele sorriu.

— Sempre trabalhei com minhas mãos. Minha família tinha uma pequena plantação e, quando eu não estava trabalhando a terra, estava criando peças com minhas mãos.

Sempre tive consciência deste dom que me havia sido dado. — Ele levantou as mãos calejadas para observá-las. — Eu tirava o barro do leito dos rios e procurava gravetos e pedras para usar como ferramentas. Sempre pedia permissão para os Deuses, pois nunca devemos mexer na natureza sem termos permissão. Com essas mãos criei vida na forma de arte.

Alina o escutava fascinada. Aquele homem era realmente extraordinário. Sem nenhuma educação formal, havia se transformado no artista mais talentoso e especial que conhecera.

— Ainda não compreendi por que é contra vender seu trabalho. Estaria compartilhando esse dom maravilhoso com outras pessoas que admirariam a beleza das peças que criou.

Águia Azul colocou uma costeleta de porco no prato dela e depois se serviu.

— Às vezes, nem eu mesmo compreendo. Só sei que sempre foi assim. Não venderia uma criança que fosse parte de si e que tivesse feito com amor, venderia?

Aquela era uma questão retórica que Alina não podia discutir. Sentiu um peso no coração. Ele não iria a Los Angeles. Achou estranha a sensação de perda que a dominara. Era como se estivesse perdendo parte de si mesma.

Comeu em silêncio, ouvindo-o contar outras histórias de sua infância e juventude. Sua frustração era imensa e precisou de toda a boa-educação para terminar a refeição. Durante todo o tempo que estiveram comendo, evitara olhar para Jonas. Não queria ver o sorriso triunfante em seus lábios. Mas, agora, ao olhá-lo, seu coração quase parou. Ele a olhava intensamente com as sobrancelhas franzidas. Era como se pudesse ver através dela, como se os olhos cor de carvão pudessem ver em seu íntimo coisas que nenhum outro homem vira.

Aquele olhar a assustou. Ele a assustava. Entrou em pânico. Tinha que sair daquela casa. Se Águia Azul não tinha intenção de ir para Los Angeles, não havia motivos para permanecer ali.

Cruzou os talheres sobre o prato e limpou a boca com o guardanapo.

— Sinto muito tê-lo feito perder seu tempo, Águia Azul. Obrigada pelo jantar, mas tenho que encontrar um hotel antes que fique muito tarde.

Águia Azul estendeu o braço e segurou-lhe a mão por cima da mesa.

— Você é uma mulher bonita, Alina. Já faz muito tempo que não vemos o sorriso de uma bela mulher nesta casa. — Ele olhou para o neto que estava com uma expressão desgostosa no rosto. — Ficaria honrado se aceitasse passar a noite conosco. Temos um quarto de hóspedes bastante confortável.

— Oh, eu não poderia...

— Claro que não — Jonas os interrompeu. — Ela não nos conhece, avô.

— Ela não tem nada a temer. Não lhe faríamos mal. — Águia Azul apertou a mão de Alina com mais força. — Sua irmã sabe onde está e, além disso, pode telefonar para o delegado, se quiser. Ele é tio de Jonas.

— Não, por favor, é claro que não estou com medo. Mas não posso impor minha presença dessa forma. Já que não posso fazer nada pelo senhor, eu me sentiria mais à vontade em um hotel.

— Mas pode fazer algo por mim. — Águia Azul levantou-se e dirigiu-se para a sala de visitas de onde pegou o vaso que ela trouxera. Sorrindo, ele voltou para a sala de jantar.

— Sempre chega o momento no qual o velho tem que ceder lugar para o novo, quando os pais têm que aprender com os filhos. — Ele colocou o vaso sobre a mesa.

Alina o encarou esperançosa.

— Está dizendo que talvez possa ir a Los Angeles?

— Não posso dar-lhe uma resposta hoje. Há muitas perguntas que ainda preciso fazer antes de me comprometer consigo.

Jonas ficou em pé. Estava indignado.

— Avô, tenho certeza de que a Srta. Devlin prefere...

— Obrigada, Águia Azul — ela interrompeu Jonas antes que ele pudesse falar algo que fizesse o avô mudar de idéia. — Aceito seu convite.

CAPÍTULO III

Ele acordou em pânico, com os olhos arregalados e os lençóis enrolados nas pernas. Suas têmporas pulsavam e doíam e seu coração batia desenfreadamente.

Respire fundo, relaxe. Foi só um sonho, só um sonho...

Pegou o despertador digital na mesa de cabeceira e olhou para os números fosforescentes. A luz machucou-lhe os olhos.

Duas horas. Quase duas horas da madrugada.

Deitou-se novamente apoiando a cabeça nos braços dobrados. Na maior parte das vezes, quando tinha sorte, Jonas não conseguia lembrar-se do sonho. Naquela noite, não estava com tanta sorte. O sonho tinha sido tão vivido, tão real e intenso que ainda podia vê-lo. Ainda podia senti-lo.

Estavam numa praia, Joey estava deitado num cobertor ao seu lado. A areia era morna e o céu azul. Joey ria da brisa que balançava seus cachos escuros. Jonas também ria observando o filho e as ondas iluminadas pelo sol.

O cobertor estava vazio. Onde Joey estava? Jonas o chamava sem parar. As ondas estavam aumentando e o mar ficando bravio. Jonas gritava o nome do filho cada vez mais alto.

Não conseguia encontrá-lo. Seu filho. Não conseguia encontrá-lo em lugar algum. Uma grande sombra encobriu a praia enquanto observava as ondas retrocedendo...

Jonas fechou os olhos, esperando o tremor do seu corpo passar.

Respirou profundamente. Três anos. Joey se fora há três anos. Às vezes, quando acordava de um daqueles pesadelos, ainda podia sentir o cheiro de talco de bebê e ouvir o som da risada do filho. Começava a se levantar, pensando em dar uma olhada no filho, e, então, se lembrava e sentia todo o peso do mundo descer sobre seu peito.

Joey estava morto. Dizendo um palavrão, Jonas chutou as cobertas e jogou as pernas para fora da cama, sentando-se. Passou uma mão trêmula pelo cabelo úmido de suor. Sabia que não conseguiria mais dormir. Levantou-se e dirigiu-se para a porta, parando de repente no meio do quarto.

Alina. Quase esquecera-se de que ela estava dormindo no quarto ao lado. Embora não esperasse encontrá-la acordada àquela hora, achou que seria melhor vestir-se. Procurou, ainda no escuro, a calça jeans que havia deixado ao pé da cama ao deitar-se.

Estranho, podia quase jurar que ela estivera no sonho daquela noite. Não era como se a tivesse visto, mas como se pudesse sentir sua presença, em algum lugar atrás dele, murmurando-lhe algo que não conseguira compreender direito. Tinha tentado virar-se para vê-la, mas não conseguira. Seus braços e pernas pareciam feitos de chumbo. Depois disso, como sempre, acordara aterrorizado. Jonas fechou os olhos com força, tentando apagar de sua mente aquelas imagens amedrontadoras. Por que Alina Devlin, uma mulher que acabara de conhecer, aparecerá em seu sonho? Desejo seria a explicação óbvia, mas só isso não explicava sua reação a ela. Desde a primeira vez que pousara os olhos sobre a moça sentira como se tivesse levado um soco no estômago. A necessidade de tocá-la tinha sido imperativa e, quando finalmente a tocara na cozinha, precisara usar de todo seu auto-controle para não beijá-la. O corpo era tão macio e seu cheiro extremamente feminino.

Tinha ido para cama perguntando-se qual teria sido a reação de Alina se a tivesse beijado. Era fácil ver que a atração entre eles não era unilateral. Sentira-a estremecer e ouvira seu gemido quando a puxara para perto de si. Imaginou os olhos azuis fechando lentamente enquanto ele cobria os lábios sensuais com os

seus. Sua boca seria quente e doce, um banquete exótico para um homem faminto. Sabia que o gosto dela acabaria completamente com seu controle.

A idéia de que ela podia fazê-lo sentir-se daquela forma, que poderia fazê-lo perder totalmente o controle, funcionou como um balde de água fria. Embora a desejasse e quisesse levá-la para cama, não tinha nenhum interesse em relacionamentos que não fossem puramente físicos. Não havia lugar em sua vida para emoções. Não tinha emoções para dar e também não as queria receber. Era mais fácil e bem menos complicado quando os dois lados compreendiam isso.

Colocou o jeans e saiu do quarto, fazendo uma pequena pausa à frente do quarto onde Alina estava dormindo. O fato dela estar determinada a arrastar seu avô para Los Angeles o irritava muito. Mesmo com os medicamentos, a pressão sangüínea do velho ainda estava um pouco alta e inspirava cuidados. Embora nunca tivesse chegado a ter um ataque cardíaco, o estresse de uma viagem como aquela poderia afetar um homem idoso.

Franzindo o cenho, Jonas atravessou o corredor e parou à porta do quarto do avô. Ouviu-o ressonando e sentiu-se mais tranqüilo. Encaminhou-se silenciosamente para a cozinha, abriu a geladeira e pegou uma lata de refrigerante. Há um ano, teria pego uma garrafa de cerveja. Na verdade, não teria pego apenas uma, mas a caixa inteira.

Pelo menos, tinha conseguido derrotar aquele demônio.

Fechou a geladeira, abriu a lata e tomou um grande gole da bebida gelada. O uivo de um coioote solitário podia ser ouvido a distância. A luz da lua iluminava a cozinha enquanto os ponteiros do relógio, que ficava em cima da geladeira, moviam-se lentamente.

Jonas ficou em pé, na escuridão, refletindo sobre os acontecimentos do dia anterior. Não conseguia entender o fato de Águia Azul estar considerando seriamente a possibilidade de ir para Los Angeles. Por quê? Sempre se recusara a vender seus trabalhos. Por que mudara de idéia? Ele não costumava ser um homem impulsivo, sempre havia uma razão por trás de todas as suas decisões. Sua vida era organizada ao redor da crença inabalável que tinha no poder dos espíritos. Embora não partilhasse daquela crença, Jonas sabia que, se o avô estava mudando de idéia, isso tinha a ver com os espíritos. Mas como? essa era a questão.

Não conseguindo encontrar uma resposta satisfatória para suas dúvidas, Jonas se encaminhou para a sala de estar. Normalmente, depois de acordar de um pesadelo, ele lia ou colocava suas anotações em dia. Naquela noite, porém, sentia-se diferente, sentia-se ansioso, incomodado, como se houvesse algo que

precisasse fazer mas não soubesse do que se tratava. Uma brisa suave tocou-lhe os pés descalços. Foi então que notou que a porta da sala estava aberta. Começou a fechá-la, pensando que talvez o avô tivesse esquecido de fechá-la antes de ir para cama, mas o som ritmado do balanço, o fez sair para a varanda.

Ela estava sentada no balanço com a cabeça jogada para trás, deixando-o ver a luz da lua iluminando-lhe os olhos. O roupão branco brilhava ao luar contrastando com o cabelo cor de fogo.

Jonas sentiu sua garganta contrair-se e ficar seca. Seu coração disparou enquanto a observava. Deus, como era linda! Só de olhá-la podia sentir o corpo reagindo. Apertou a lata de refrigerante com tanta força que chegou a amassá-la.

Alina virou-se, sobressaltada pelo som do alumínio.

— Jonas. — Ela respirou fundo e sorriu. — Espero não tê-lo acordado.

Ele abanou a cabeça.

— Não, só vim buscar algo para beber. — Ele aproximou-se do balanço. — Quer alguma coisa?

— Não, obrigada.

Ela voltou a balançar-se lentamente fazendo Jonas pensar que enlouqueceria se ficasse ali, observando-a. Tentou convencer-se de que só estava se sentando ao lado dela, para parar com o som cadenciado do balanço. Ela olhou para o céu e perguntou:

— Quantas você acha que há no céu? — A voz dela estava ligeiramente rouca, como se tivesse acabado de acordar.

— Quantas o quê?

— Estrelas.

Ele não a impediu quando recomeçou a movimentar lentamente o balanço.

— Deste lugar podemos enxergar, mais ou menos, umas três mil e seiscentas.

Alina riu suavemente.

— O que você faz? É astrônomo?

— Geólogo. — Ele olhou para baixo e notou que o roupão branco só lhe cobria as pernas até a altura dos joelhos. Suas pernas eram longas e bem torneadas. Forçou-se a desviar o olhar, mas não antes que seu coração batesse mais forte. — Uma pedra é sempre uma pedra. Só diferem em tamanho e conteúdo mineral.

— Ah, expressa-se como um verdadeiro cientista! Bem, e há quanto tempo você e Águia Azul vivem neste pedaço específico de pedra?

Jonas sorriu, gostando do tom de gozação que ouvia na voz dela.

— Vim para cá quando tinha oito anos. Alina arqueou uma sobrancelha.

— Oito?

Jonas se recostou no balanço e olhou para o céu.

— Meu pai tinha uma frota de helicópteros em Phoenix e fazia voluntariamente, alguns resgates de emergência quando alguém da reserva se machucava ou ficava doente. Minha mãe era enfermeira e sempre o acompanhava. Uma noite ele veio buscar uma menina que havia se queimado gravemente e a levou para o hospital em Scottsdale. Quando levantaram vôo novamente, houve uma pane no helicóptero e ele caiu há uns três quilômetros do hospital.

Oito anos de idade, ela pensou recostando a cabeça no balanço e fechando os olhos. Ele era tão jovem. Um nó de tristeza formou-se em sua garganta.

— E, então, veio morar com Águia Azul?

Ele fez um gesto afirmativo enquanto colocava a lata de refrigerante, que ainda estava segurando, no chão.

— Vim morar com ele e minha avó, que ainda estava viva. Ela morreu quando eu tinha doze anos.

Alina abriu os olhos e procurou, no rosto dele, sinais da dor que podia ouvir em sua voz. A expressão dele estava impassível. Era quase como se estivesse contando a história de uma outra pessoa.

— Sinto muito — ela disse suavemente, quase estendendo a mão para tocá-lo. Decidiu resistir àquele impulso, pois era óbvio que ele não queria que sentisse pena, não queria ser consolado. Era do tipo de homem que lidava sozinho com seus problemas e além disso, ela não passava de uma estranha.

Mas também havia algo mais. Era algo que não conseguia identificar muito bem, mas seu instinto lhe dizia que aquela não era a pior parte da história. Havia mais, muito mais dor escondida dentro daquele homem enigmático.

Pressentiu que não deveria fazer-lhe perguntas. Se ele quisesse fazer-lhe confidências, o faria por iniciativa própria.

Por hora, estava claro que ele não pretendia continuar aquela conversa sobre si mesmo.

Permaneceram sentados, lado a lado, balançando suavemente. Jonas observava as estrelas e Alina admirava a beleza da noite. O deserto parecia ter vida própria. A brisa balançava as copas das árvores, pássaros noturnos cantavam e os insetos zuniam. A lua, quase cheia, iluminava o cenário, pintando-

o de prateado e fazendo-o parecer mágico.

— Sempre vivi na cidade — ela comentou quebrando o silêncio. — Do meu apartamento, o máximo que posso ver é o lado de outro edifício e muito asfalto. Não consigo imaginar como seria viver aqui, nessa solidão.

Ele riu suavemente.

— Não estamos exatamente "solitários". Este lugar pode parecer bastante recluso, mas, do outro lado da montanha, vivem mais de seis mil pessoas.

— Seis mil! — Ela o encarou com os olhos arregalados. Ele sorriu diante da sua expressão surpresa.

— Alguns turistas viraram residentes. Vieram passar férias e nunca mais foram embora.

De repente, Alina lembrou-se da razão pela qual a região atraía tantas pessoas.

— Acho que li em algum lugar que Sedona é famosa pelos seus vórtices ou pontos de energia.

—Ah, os famosos pontos de energia. — Ele riu com ironia. — Locais onde a justaposição de pedras de diferentes frequências, criam um efeito poderoso e energizante na maioria dos seres humanos. Ou, para colocar em termos mais científicos — ele a olhou com as sobrancelhas arqueadas —, baboseiras.

Pontos energéticos. Lembrava-se bem do artigo que afirmava que esses vórtices ou pontos de energia, eram, supostamente, locais que, por uma razão ou outra, concentravam energia, influenciando os pensamentos e sentimentos das pessoas. A idéia a fascinava! Era óbvio, porém, ela pensou olhando de lado para Jonas, que ele não seria a fonte mais adequada de informações sobre o fenômeno.

Adoraria passar um dia a mais na cidade, sair sozinha e explorar o local. Não tirava férias desde o acidente dos pais, há dois anos. Era uma pena que, no momento, o projeto de férias tivesse que ser adiado. Tinham muito trabalho pela frente para manter a galeria no mercado. Talvez tirasse férias no próximo ano, quando Kelly estivesse em melhor situação. Sabia que Sheldon era perfeitamente capaz de cuidar de tudo, mas, ainda assim...

Era difícil mudar hábitos antigos, pensou suspirando.

Alina olhou para e Jonas e deu-se conta de que vinha, nos últimos dois anos, negligenciando vários aspectos de sua vida. Embora não lhe faltassem convites, evitara sair com homens e namorar. Kelly costumava chamar sua atenção para esse fato com bastante frequência. Era irônico que o primeiro homem por quem se interessava em dois anos fosse inteiramente errado para ela e só a quisesse ver

pelas costas. Tentou convencer-se de que não se importava com o que pensasse dela e que estava ali para conhecer Águia Azul. Ainda assim, sentia-se magoada.

Sabia, entretanto, que estava rompendo a rotina tranqüila de vida que ele e o avô haviam estabelecido e sentiu que devia desculpar-se. Virou-se na direção dele, fazendo o balanço se inclinar para trás. O movimento súbito o fez encará-la.

— Jonas, eu gostaria que soubesse que sinto muito por estar impondo minha presença dessa maneira. Sei que não me quer aqui e, assim que Águia Azul me der uma resposta, partirei.

Não a queria ali? Surpreendido pela declaração, Jonas permaneceu imóvel, observando-a. Desejava-a tanto que podia sentir a tensão de cada músculo de seu corpo. Seria possível que ela fosse tão ingênua a ponto de não perceber o efeito devastador que causava nele? Ela sustentou seu olhar e, embora, não pudesse ver claramente, Jonas tinha certeza de que os olhos azuis estariam escuros e desfocados. As pálpebras emolduradas por cílios longos e espessos, estavam semicerradas, seduzindo-o com a promessa de peles suadas deslizando por lençóis desarrumados. Talvez ela não estivesse consciente do olhar "leve-me para a cama" que lhe dirigia. Ou talvez estivesse, pensou. Talvez não tivesse habilidade só para manipular homens idosos. Era bem possível que soubesse manipular qualquer homem.

— A casa também pertence ao meu avô — Jonas declarou secamente. — Ele não precisa da minha permissão para receber visitas.

Alina franziu o cenho.

— Não estou falando do seu avô. Estou falando de você. Ela sentiu o balanço se mover quando ele se aproximou.

Uma onda de excitação a invadiu enquanto observava o peito e os ombros nus brilhando sob a luz do luar. Sabia que a pele dele seria macia e que os músculos sob a pele eram rijos como aço. Imaginou como seria pousar a mão sobre o peito largo e massagear aqueles músculos. Ele aproximou-se até encostar suas coxas nas dela, deixando-a sentir o calor que emanava do corpo másculo.

— Se está apenas se referindo a nós dois — ele sussurrou com a voz rouca —, pode apostar que a convidaria para passar a noite aqui. — Ignorou-lhe o gemido e aproximou o rosto do dela. — E não estaríamos aqui fora neste balanço. Estaríamos na minha cama, fazendo amor até que estivéssemos cansados demais para nos mexer.

Alina não conseguia mexer um único músculo. Ele falara numa voz baixa, rouca, extremamente viril. A intensidade daquelas palavras fizeram o sangue

ferver em suas veias. Deveria sentir-se ofendida. Deveria mandá-lo plantar batatas. Deveria levantar-se e dar o fora dali, antes que se atirasse nos braços de um completo estranho.

Não fez nenhuma daquelas coisas. Permaneceu imóvel, encarando-o sem nem pestanejar. Podia ouvir seu próprio coração batendo e, quando ele passou as mãos pelo seu cabelo, prendeu a respiração.

Jonas podia sentir a guerra que ameaçava estourar dentro de seu peito. O cheiro dela era sexo puro e queria poder beijá-la, sentir seu gosto, puxá-la para os seus braços e perder-se dentro do corpo feminino. Os lábios de Alina estavam entreabertos, convidativos. Lutou contra o desejo que sentia, ignorando a necessidade ardente de seu corpo. Murmurando um palavrão, ele se levantou.

— É melhor tentar dormir um pouco. Meu avô acorda muito cedo e tenho certeza de que você querará obter uma resposta o mais cedo possível.

Ele lhe deu as costas e se afastou na escuridão. Parou poucos passos adiante para tentar relaxar os músculos tensos.

Sabia que tinha vencido a batalha, mas, com certeza, estava longe de ganhar a guerra.

Águia Azul sorriu para os céus agradecido. Estava satisfeito com a escolha dos espíritos. Alina Devlin seria uma boa esposa para o neto e lhe daria muitos filhos. Voltariam a ouvir o som de risadas naquela casa. Águia Azul sorriu, sabendo que o neto resistiria ao destino o máximo que pudesse. Sua dor era forte e sua mágoa profunda. Mas os Espíritos dos Antepassados eram mais fortes e, com a ajuda do avô, Jonas não conseguiria resistir por muito tempo...

CAPÍTULO IV

O que quer dizer com isso? Ele desapareceu? Partiu? O quê?

Alina ficou parada, hesitante, à entrada da cozinha. Ele estava de costas para ela, encostado no balcão. O sol iluminava o aposento e o aroma de café sendo coado finalmente a despertou. Será que o ouvira corretamente? Teria ele, instantes antes, dito que o avô havia partido? Olhou para o relógio em cima da geladeira e constatou que eram apenas quinze para as sete da manhã.

Para onde Águia Azul poderia ter ido?

Ela era ainda mais bonita de manhã, Jonas pensou ao virar-se para observá-la. A blusa verde esmeralda que usava fazia seus olhos adquirirem uma tonalidade turquesa e a forma como penteava o cabelo, para trás, acentuava a ossatura delicada de seu rosto. Baixou o olhar para as pernas esguias, mal cobertas por uma minissaia branca. Desviou os olhos, tentando manter em mente que ela só lhe trouxera problemas até então e, se não conseguisse controlar seus

hormônios, viria a ter muito mais problemas.

— Ele foi para as montanhas hoje cedo.

Para as montanhas! Alina franziu o cenho.

—Não estou entendendo, Águia Azul disse que me daria uma resposta hoje de manhã.

Ainda sonolenta, observou-o servir duas xícaras de café. Quando ele se afastou da cafeteira e lhe entregou uma das xícaras, tentou não notar que a camisa azul que usava não estava abotoada, deixando o peito largo e musculoso à mostra.

Jonas tomou um gole do café e fez uma careta ao constatar que estava pelando.

— O que ele disse ontem foi que tinha de conseguir respostas para muitas perguntas antes que pudesse lhe dar uma resposta.

Alina o encarou tentando lembrar-se, com exatidão, as palavras do velho índio. A tarefa, entretanto, mostrou-se impossível. Tudo o que conseguia lembrar-se da noite anterior era dos momentos que passaram juntos no balanço, do céu estrelado e do calor do corpo de Jonas junto ao seu. Sentiu-se corar ao lembrar-se de como desejara beijá-lo e o teria feito, se ele não tivesse se afastado. Quando se deitou na cama, outra vez, ficou um longo tempo acordada pensando nele e sentindo-se uma tola. Mas, mesmo assim, ainda se perguntava como seria o beijo daquele homem.

Fez um grande esforço para concentrar-se no presente e nas palavras de Jonas. Perguntas. O que ele acabara de dizer sobre Águia Azul e perguntas?

— Para quem ele tem que fazer...

Ela se interrompeu ao conseguir juntar as peças do quebra-cabeças. Arregalou os olhos e o encarou.

— As montanhas! Ele foi para as montanhas, numa viagem, não foi?

Jonas fez um gesto afirmativo.

— Por minha causa?

Quando ele acenou outra vez, ela fechou os olhos e suspirou.

— Oh, Jonas, sinto muito! Não imaginei que fosse causar tantos transtornos.

Encaminhou-se para a janela e olhou para a imensidão do deserto lá fora. As montanhas, que na noite anterior lhe transmitiram tanta paz, pareciam bastante perigosas à luz do dia.

— Será que ele não saiu para um passeio ou algo no gênero? — perguntou esperançosa. — Como sabe que ele foi para as montanhas?

— Ele levou o tambor.

— Tambor?

— Ele o leva toda vez que sai para uma dessas viagens. — Jonas se afastou do balcão e parou ao lado dela, em frente à janela. — Alguns índios acreditam que podem usar tambores para se comunicar com os espíritos.

Alina voltou a olhar para fora da janela. Sentia-se fascinada com todas aquelas histórias de espíritos, viagens e magia. Um coelho selvagem correu de um arbusto para outro. Enquanto isso, um pica-pau de cabeça vermelha apareceu do nada e desapareceu atrás de um cactus. Era estranho, mas, até então, sempre pensara no deserto como um lugar vazio, sem vida. Nunca o tinha imaginado como um lugar belo e cheio de vida.

Continuou olhando para as montanhas, tentando imaginar Águia Azul sentado sozinho, batendo no tambor colocado entre as pernas cruzadas, pedindo conselhos do mundo invisível dos espíritos.

O ar ficou parado ao seu redor. Pesado. Era quase como se ela estivesse parada no centro de um furacão, com Jonas ao seu lado. O mundo lá fora parecia rodar, enquanto ali, no centro do furacão, tudo estava calmo, parado. Começou a sentir o coração batendo em seus ouvidos e têmporas.

Mas havia dois corações. De repente percebeu duas batidas distintas porém simultâneas. Assustada com aquela sensação estranha, Alina levou a mão à testa e piscou os olhos diversas vezes.

A sensação desapareceu, deixando em seu rastro apenas o som do relógio da cozinha e uma certa expectativa. Perturbada, olhou para Jonas para ver se ele também teria sentido algo. O rosto dele não revelava nada, mas a forma como estava cerrando os maxilares indicava que não estava muito satisfeito com o rumo que as coisas estavam tomando. Sabia que ele a queria fora dali.

Ficaria feliz em agradá-lo, ela pensou franzindo as sobrancelhas enquanto voltava a olhar para fora da janela. O problema, porém, era que não podia ir embora, pois Águia Azul tinha ido para as montanhas por sua causa e não podia partir antes que ele voltasse.

Por outro lado, também não precisava ficar naquela casa.

Bebeu um longo gole de café e colocou a xícara sobre a bancada da cozinha.

— Obrigada pelo café, Jonas. Quando eu chegar à cidade, telefono para avisar onde Águia Azul poderá entrar em contato comigo ao voltar.

Jonas a ouviu falar mas não tinha muita certeza do que estava dizendo. Estivera tão concentrado nas montanhas e nos seus batimentos cardíacos, que era

quase como se estivesse em uma outra dimensão. Achara que ela ainda estava ao seu lado, mas agora a via de pé, ao lado da pia, falando com ele. Esfregou as mãos no rosto e virou-se para ela:

— O que você disse?

Ela o olhou com um ar de dúvida.

— Eu disse que telefonarei dizendo onde o seu avô poderá entrar em contato comigo quando voltar.

— Você está indo embora? -

Jonas sentiu um enorme peso sendo colocado sobre seus ombros e uma ansiedade que não conseguia explicar. Claro que ela estava indo embora. Afinal, não poderia permanecer ali indefinidamente. Especialmente depois do que ele lhe dissera na noite anterior sobre querer levá-la para cama. Tinha passado o resto da noite irritado consigo mesmo por ter feito aquilo.

Alina encolheu os ombros, num gesto casual.

— Eu gostaria de conhecer a cidade e tenho certeza de que encontrarei um lugar para ficar.

Ele continuou parado, olhando-a. Realmente seria melhor se ela fosse embora. Ela o fazia sentir-se... o quê? Incomodado, concluiu. Essa era uma palavra segura para descrever as sensações que ela despertava.

— Será difícil conseguir acomodações em Sedona nessa época do ano. Jim Flenning, um amigo meu, tem um hotelzinho perto do Oak Creek Canyon. Se quiser posso telefonar para ele e perguntar se tem algum quarto vago.

Alina sentiu um nó no estômago ao ouvir a proposta. Ele não só a queria longe como também queria ter a certeza de que não voltaria. Cruzou os braços e forçou-se a sorrir.

— Isso seria ótimo. Só preciso de uns minutos para terminar de arrumar minhas coisas.

Qual era a pressa? Jonas perguntou-se irritado. Sabia que, com a ausência de Águia Azul, ela não tinha motivos para ficar na casa, mas também não era necessário ir embora correndo, como se ele tivesse alguma espécie de doença contagiosa.

— Tudo bem.

Ela hesitou.

— Obrigada.

— De nada.

Ainda sorrindo, ela deu-lhe as costas e saiu da sala. Jonas ficou observando-

a até desaparecer no quarto.

A beleza de Sedona, constituída por montanhas vermelhas que contrastavam com a imensidão do deserto e o azul do céu, fazia jus à sua reputação. Ainda era cedo, apenas oito e meia da manhã, mas, até o momento, só encontrara pessoas simpáticas e agradáveis. Já estava instalada no hotel confortável cujo ambiente era amigável e hospitaleiro.

Bem ao contrário de certas pessoas, pensou ao lembrar-se da impaciência de Jonas em livrar-se dela. Ele carregara sua mochila para a caminhonete e ficara parado à porta, observando-a afastar-se. Durante os dez minutos que levou para chegar à cidade, tentou convencer-se de que realmente não se importava com o fato de que parecia feliz em ver-se livre dela a ponto de nem responder ao seu aceno de despedida.

Bem, ele que fosse para o inferno, Alina pensou enquanto colocava a mala sobre a enorme cama de casal. Era uma tola por se preocupar com as opiniões de um homem como aquele. Viera até Sedona para conhecer Águia Azul e não Jonas, repetiu-se pela milésima vez.

Depois de guardar seus pertences, Alina deu uma olhada pelo quarto que, embora pequeno, era limpo e a decoração romântica. Sentou-se na beirada da cama e imaginou-se deitada ali sozinha.

Suspirou profundamente e deitou-se de lado, passando a mão pela colcha florida. Onde estaria agora se tivesse se casado com Stephen? Eles já teriam uma casa própria e, pelo menos, um filho. Ambos tinham planos de começar a ter filhos logo. Fechou os olhos, desejando que os planos que fizera com o ex-noivo tivessem sido suficientes para mantê-los juntos. A verdade, porém, era que sempre soubera que faltava algo importante na relação deles. Nunca houve paixão. Pelo menos, não do tipo que solta faíscas e faz a gente ver estrelas. O relacionamento deles tinha sido confortável. Durante todo o colegial e a faculdade, isso, tinha sido suficiente, mas, após a morte de seus pais, percebeu que precisaria muito mais do que tinha com Stephen para ser feliz.

Kelly diversas vezes a acusara de evitar envolver-se com homens, mas não era verdade. Ela queria encontrar alguém com quem pudesse compartilhar sua vida. O problema era que entre cuidar da galeria e da irmã, sentia não lhe sobrar nada para investir em outras relações. Tinha a certeza de que assim que a galeria tivesse deslanchado e que Kelly concordasse em ir morar com ela, teria mais tempo e energia para conhecer o homem certo.

O homem certo. O que exatamente queria dizer com isso? Virou-se de bruços e apoiou o queixo no travesseiro! Há algum tempo atrás, teria dito que o

homem ideal seria gentil, sensível e teria objetivos de vida semelhantes aos seus. Mas Stephen era todas essas coisas e, mesmo assim, não o amara o suficiente para casar-se com ele.

Então, que tipo de homem ela estava procurando? Fechou os olhos tentando imaginá-lo. Embora estivesse se concentrando, não conseguia formar uma imagem clara. Não estava conseguindo ver muita coisa, mas certamente estava sentindo. Era uma sensação inconfundível do calor de dois corpos nus se roçando e se acariciando. Podia sentir uma respiração quente em seu pescoço, o toque dos lábios sobre os seus e a mão bronzeada e calejada sobre seus seios.

Mão bronzeada e calejada!

Gemendo de frustração, abriu os olhos e olhou para o vaso de Águia Azul que colocara na mesinha de cabeceira. Deus do céu, estava pensando em Jonas. Não era típico dela estar interessada no homem completamente errado? Um homem que podia estar atraído por ela, mas que não tinha intenção alguma de envolver-se emocionalmente, como ele deixara bem claro. Lembrou-se das palavras que ele dissera na noite anterior, da voz rouca e sensual dizendo-lhe que queria levá-la para a cama. Alina arrepiou-se toda ao lembrar-se da cena. O convite dele deveria tê-la ofendido ou chocada, considerando que acabara de conhecê-lo. O fato era que tinha ficado excitada.

Naquela manhã, entretanto, ele estivera frio como uma pedra de gelo. Não tinha importância, Alina tentou convencer-se. Quando voltasse para Los Angeles, começaria tudo outra vez. Aceitaria os convites que vivia recebendo e certamente conheceria alguém interessante.

Levantou da cama, levantou a cabeça e foi para o pequeno terraço, do lado de fora do quarto, que tinha uma vista maravilhosa do Oak Creek Canyon. Embora o topo dos imensos carvalhos encobrissem o riacho que atravessava a região, podia ouvir o barulho de água corrente e o pio de diversos pássaros.

Alina olhou para o Canyon encantada com o fato de que fosse possível haver, no meio do deserto, uma região coberta por fauna e flora tão exuberantes. Planejava fazer uma exploração do local mais tarde. No momento, havia algo mais importante que precisava fazer.

Jonas disse a si mesmo que tinha ido à cidade porque realmente precisava de material para consertar a pia do banheiro, que estava vazando. É claro que o vazamento ainda era pequeno, mas não tinha sentido deixar que se transformasse num problema maior ainda. Havia planejado passar o dia revendo alguns relatórios, mas isso podia esperar até mais tarde. Não pretendia demorar-se em Sedona.

Passou vagarosamente pela porta do hotel de Jim Flenning. Aquele não era exatamente o melhor caminho para a loja de materiais de construção, mas só queria ter certeza de que Alina havia encontrado o hotel. Não havia sinal da caminhonete dela no estacionamento do hotel.

Onde estaria? Duvidava que estivesse perdida, pois era difícil perder-se numa cidade do tamanho de Sedona. Talvez tivesse saído para fazer compras, mas só eram nove horas e as lojas não abriam antes das dez.

Onde estaria?

Talvez devesse fazer meia volta e passar pelo hotel outra vez. Fazia tempo que estava devendo uma visita ao amigo e, de qualquer maneira, queria agradecê-lo por tê-la hospedado sem ter reserva. Mesmo fora de estação, os hotéis da região ficavam sempre lotados nos fins de semana.

Foi nesse momento que ele avistou a caminhonete dela estacionada no fim do quarteirão, em frente a uma agência de excursões. Jonas já tinha visto os jipes verdes andando pela cidade, cheios de turistas ansiosos para verem os tais vórtices.

Balançando a cabeça, Jonas estacionou sua caminhonete ao lado da dela. Podia ver suas costas pela janela da agência. Estava numa fila, atrás de três outras pessoas que iam se inscrever na excursão. Ficou observando-a por uns momentos, perguntando-se se deveria entrar ou não. Finalmente, decidiu descer do carro e entrar no edifício.

Alina virou-se ao ouvir o sino sobre a porta tocar. Arregalou os olhos ao reconhecê-lo.

— Jonas! O que está fazendo aqui? — ela saiu da fila e dirigiu-se ansiosamente na direção dele. Estava com o cenho franzindo e tocou-lhe o braço ao aproximar-se. — Está tudo bem? Quero dizer, tem notícias de Águia Azul?

Os dedos dela eram macios e quentes de encontro à sua pele. Quando Jonas olhou para sua mão, Alina afastou-se encabulada.

— Está tudo bem. — Ele fez um gesto em direção à rua. — Eu estava passando e vi seu carro estacionado aqui na frente.

Um casal acabou de comprar o ingresso para a excursão e saiu da fila, dando lugar para uma morena alta. Como Alina seria a próxima a ser atendida, aproximou-se do balcão.

— Pensei que, já que estou aqui, deveria aproveitar para conhecer melhor o lugar.

Ele notou que ela havia trocado de roupa e que agora vestia calça jeans, uma camiseta com decole em "v" e calçava um par de tênis. O cabelo estava

preso num rabo de cavalo e ela colocara um par de óculos escuros no topo da cabeça. O modelo perfeito para visitar os vórtices, Jonas pensou com sarcasmo.

Ele deu uma olhada ao redor da sala, observando as pessoas que já tinham se inscrito na excursão. Jovens e velhos, todos com cara de criança prestes a entrar num parque de diversões. Um homem com duas máquinas fotográficas penduradas no pescoço, olhou pela janela e entrou na agência, parando atrás de Alina na fila. Droga! O que estou fazendo aqui!

— Olha — Jonas dirigiu-se a Alina —, não deveria...

— O próximo — a moça da bilheteria chamou. Alina olhou para a moça que esperava impacientemente atrás do balcão e, depois, voltou sua atenção para Jonas. Ele abaixou a voz.

— O que quero dizer é que está desperdiçando o seu tempo e dinheiro aqui.

— O próximo. Alina sorriu.

— Agradeço sua preocupação, Jonas, mas, na verdade, não tenho nada para fazer até seu avô voltar. As galerias que quero visitar ainda estão fechadas e, além disso, acho tudo isso muito interessante. — Ela ajeitou a alça da bolsa no ombro e se aproximou do balcão.

Jonas segurou seu braço e a puxou para fora da fila.

— Eu levarei você num passeio — ele ofereceu cerrando os maxilares.

Ela riu.

— Você? O sr. Eu-Não-Acredito-Nessa-Coisa-Estúpida?

— Não acredito mesmo. — Ele notou que todo mundo na sala estava prestando atenção na conversa deles, inclusive o funcionário da agência, que não parecia muito satisfeito. — Eu só disse que poderia levá-la.

Alina hesitou. O homem com as câmeras se dirigiu à bilheteria e, depois de atendê-lo, o funcionário colocou um anuncio no balcão informando que a lotação para a excursão das nove horas já estava esgotada. Cruzando os braços, voltou-se para encarar Jonas. Ele apenas encolheu os ombros e a puxou pelo cotovelo.

— É melhor irmos na sua caminhonete — ele sugeriu — porque tem tração nas quatro rodas, o que facilitará a subida.

Alina revirou os olhos e estendeu as chaves do carro para ele.

— Tenho uma idéia maravilhosa — ela sugeriu com ironia. — Por que não dirige você mesmo?

Jonas riu enquanto pegava as chaves e entrava no carro.

— Tem certeza de que não prefere ir visitar um museu? Ela se ajeitou no banco do passageiro.

— Leve-me às alturas, Whitehorn.

Ele arqueou as sobrancelhas e a olhou com malícia. Percebendo o duplo sentido do que dissera, Alina corou.

— Estou me referindo ao topo das montanhas!

Com um suspiro e um falso ar de decepção, ele deu a partida no carro e dirigiu para as montanhas.

Era a vista mais incrível que ela jamais vira.

Alina ficou parada à beira do abismo admirando o panorama à sua frente. Esculpidas pelo tempo e pelo clima, torres de montanhas vermelhas se estendiam até o horizonte. Acima delas, nuvens brancas enfeitavam o céu cuja tonalidade ia de azul claro ao turquesa, à medida que o sol ia subindo. Abaixo, as casas pareciam pontos minúsculos dispersos no imenso vale.

Fechando os olhos, ela respirou profundamente. O ar na montanha era mais frio e tinha o cheiro de pinheiro e terra úmida. Soltou a respiração lentamente, sentindo-se mais leve, como se estivesse flutuando. Exceto pelo pio de um pássaro ou outro, reinava o mais absoluto silêncio.

Ela olhou para trás, onde Jonas estava recostado numa enorme pedra. Ele estivera calado durante todo o trajeto e parecia muito tenso. Podia compreender que ele não acreditasse nos tais pontos de energia mística, mas não entendia por que se opunha ao fato de outras pessoas, incluindo ela própria, se divertirem um pouco com o fato. Também quase não dissera nada durante a escalada ao topo e, mesmo naquele momento, parecia estar mantendo distância, parecia estar escondendo alguma coisa. O que seria?

Um som próximo chamou-lhe a atenção e virou-se a tempo de ver uma codorna preta alçando vôo em sua direção. Assustada com o súbito aparecimento da ave, deu um grito e um pulo para trás.

Jonas apareceu imediatamente ao seu lado.

— O que houve?

Ela pressionou as mãos no peito, em cima do coração e tentou respirar com calma.

— Nada. Eu estava absorta em meus pensamentos e um pássaro me assustou.

A expressão severa do rosto dele se abrandou e Jonas olhou ao redor.

— Preste bastante atenção por onde anda, para não acabar pisando numa cascavel.

— Cascavel? — Alina repetiu alarmada dando um passo na direção dele.

Jonas sorriu.

— Você dificilmente encontrará uma. No verão elas normalmente se escondem em baixo da vegetação e só aparecem à noite.

— Normalmente?

— Quase sempre — ele assegurou.

— Ótimo. — Alina estremeceu e passeou o olhar pelas pedras, arbustos e fissuras no chão. — O rapaz da agência de turismo não disse nada sobre cobras. — Ela puxou um mapa do bolso. — Isso me lembra que não há nenhum vórtice indicado neste mapa que corresponda a este local onde estamos.

Jonas cruzou os braços e olhou para o horizonte.

— Este ponto não está em nenhum mapa turístico.

— Mas, se não está em nenhum mapa, como sabe da sua existência? — Quando o olhar intenso dele cruzou com o dela, Alina soube a resposta. — Águia Azul — murmurou. Jonas fez um gesto afirmativo.

— Ele acredita que o poder aqui seja muito forte, especialmente por ainda não ter sido invadido pelos turistas.

Ela se sentiu excitada ao dar-se conta de que ele a trouxera a um lugar especial, um lugar praticamente desconhecido do resto das pessoas. Mas por que teria saído de seu caminho especialmente para levá-la àquele lugar, quando poderia tê-la levado a outros muito mais próximos da cidade? E por que tinha a sensação de que aquele era um lugar importante para ele?

Ainda segurando o mapa, ela aproximou-se dele.

— E no que você acredita, Jonas?

Por um segundo, pôde ver em seus olhos uma pontada de dor, logo substituída por outro sentimento, mais forte e infinito.

Raiva.

A expressão no olhar dele desapareceu tão rápido quanto aparecera, deixando seu rosto totalmente desprovido de emoção.

Ele pegou o mapa das mãos dela.

— Eu já lhe disse o que penso. É tudo bobagem.

Ele esbarrou o braço em seu quadril quando colocou o mapa, dobrado, de volta em seu bolso. Estavam tão próximos que ela podia sentir o cheiro másculo e o calor que irradiava do corpo dele. Seu coração disparou e sentiu dificuldade em respirar. Sabia que devia afastar-se, que aquela proximidade era perigosa, especialmente naquele local místico. O problema era que parecia estar paralisada, não conseguia mover um único músculo.

— Ouvi o guia de turismo dizer que o vórtice amplifica os sentimentos das pessoas. —Tivera a intenção de imprimir convicção em suas palavras, mas o som de sua voz rouca e macia a surpreendeu.

Jonas não respondeu. Parecia absorto no cenário e, se não fosse pela súbita tensão em seu maxilar, ela teria acreditado que ele não a ouvira.

O ar pareceu ficar pesado ao redor deles. Elétrico. Alina tinha certeza de que seria capaz de acender um fósforo na tensão que os cercava. Nunca, em toda sua vida, estivera tão consciente da presença de outro ser humano. Uma leve brisa soprou ao redor deles e os envolveu. O silêncio pareceu ficar mais alto. O som de seu coração lembrou-a de trovões num dia de tempestade.

Isso é loucura. Provavelmente aquilo era resultado da altitude, disse a si mesma. O fato de quase não ter dormido também deveria estar contribuindo para que tivesse aquelas sensações estranhas. Fechou os olhos, convencida de que, quando os abrisse novamente, o mundo teria voltado para o lugar.

Não voltou. Hesitante, dirigiu o olhar para Jonas. Ele a estava fitando com intensidade, os olhos negros duros e brilhantes. Seus lábios estavam apertados e o cenho franzido. Aquele olhar deveria tê-la assustado, mas não o fez. Só tinha uma louca sensação de antecipação e expectativa.

— Jonas...

Ele se moveu rapidamente, agarrou-apelos ombros, interrompendo-a antes que pudesse protestar. Ele não a puxou para perto, ao contrário, tentou mantê-la à distância, segurando seus ombros com dedos de aço. Alina pôde sentir a batalha que estava ocorrendo dentro dele e permaneceu imóvel. Não tentou afastar-se nem aproximar-se. Com a respiração suspensa, ela esperou.

— Foi um erro trazê-la aqui. Alina não respondeu.

— Acho que devemos ir embora.

Ela perguntou-se como não tinha notado a fina cicatriz que ele tinha no queixo.

— Droga, Alina! — ele exclamou irado. — Não há nada aqui além de pedras, pó e uma linda vista. Só isso!

Provaria o que estava dizendo, Jonas prometeu a si mesmo. Colocaria um fim naquela bobagem de uma vez por todas. Puxou-a para perto de si com força, Queria provar-lhe que não havia nada especial naquele lugar, nenhuma força sobre-humana, gentil ou amorosa. Nada.

Os lábios dele esmagaram os dela com força. Alina se debateu, exatamente como ele previra e ele começou a soltá-la, pensando já ter provado seu ponto de vista. No momento em que afrouxou os dedos, porém, ela o enlaçou pelo

pescoço e começou a corresponder ao beijo. Jonas ficou surpreso e, por uns segundos, não soube o que fazer. Alina pressionou o corpo contra o dele e acariciou sua nuca. Sua boca era quente e macia e o estava provocando e excitando.

Jonas perdeu o controle. Gemendo, abraçou-a com força e, dessa vez, não tinha a intenção de machucá-la. Ele aprofundou o beijo, explorou o gosto exótico da boca feminina. Levantou-a do chão e ficou surpreso ao verificar como o corpo dela se encaixava ao seu com perfeição. Os seios pressionavam seu peito enlouquecendo-o. Queria poder livrar-se de todas as roupas que os estavam separando.

Alina jamais sentira tanto desejo antes. Achou que poderia morrer com a força do prazer intenso. Sabia que aquela não tinha sido a intenção de Jonas, que o beijo irado deveria tê-la amedrontado e não excitado. Mas também sabia que, por baixo de toda aquela raiva, havia muito desejo.

Os lábios dele começaram a traçar uma linha de fogo por seu rosto, orelha e garganta. Alina inclinou a cabeça para trás para que ele pudesse prosseguir. O som de seu próprio gemido a assustou.

— Jonas —ela murmurou —, por favor.

As palavras dela o levaram para um outro tempo. Esse mesmo lugar, mas uma outra época. Sentia-se como se estivesse levitando no espaço e podia ver a si mesmo ajoelhado, com o rosto erguido para o céu. Por favor... não o deixe morrer, não o deixe morrer... por favor.

Uma pontada de dor rasgou seu peito. Fez um som gutural, mais animal do que humano. Soltou-a e Alina tropeçou, quase caindo sem o apoio do corpo dele. Sua respiração estava ofegante e ela o olhava assustada com a mudança abrupta.

— O que foi? — perguntou ofegante. Começou a aproximar-se, mas ele lhe deu as costas.

Jonas colocou a mão no peito, desejando poder arrancar a dor que o sufocava. Sabia que isso era impossível, pois já tentara inúmeras vezes.

— Eu disse que trazê-la aqui não foi uma boa idéia.

— Por quê?

— Não há nada aqui. —O olhar dele estava vazio. — Já estive aqui antes e sei.

Alina observou a dor e agonia estampadas no rosto dele. Era como se não a estivesse vendo, como se estivesse falando com alguma outra pessoa.

— Quando estive aqui? — ela perguntou baixinho, preparando-se para

ouvir sua resposta.

— Há três anos. — Ele andou até a beira do precipício e parou. — Fiquei ajoelhado bem aqui. — Ele fechou os olhos. — Ajoelhei aqui e implorei aos espíritos para salvarem meu filho. — Abriu os olhos e virou-se para ela. — Duas horas mais tarde, Joey morreu.

CAPÍTULO V

— Filho!

Alina mal conseguia respirar. Não conseguia se mover. Tudo o que pôde fazer foi encará-lo fixamente, sentindo a dor que o consumia. Deus!

Sentiu os olhos arderem e o peito apertar. Procurou algo para dizer. Não encontrou uma única palavra de consolo.

Era essa a raiva que Jonas trazia dentro de si. Tinha perdido um filho. Nem mesmo a perda de seus pais podia se comparar em sofrimento com a perda que ele tivera de suportar. Lembrou-se da fotografia na mesinha de cabeceira, do bebê sorridente, de expressão inteligente, e fechou os olhos tentando afastar a imagem de sua mente. Em seu lugar, viu Jonas solitário, no topo da montanha, com os braços e o rosto erguidos. Viu o brilho da lua crescente, ouviu o piar de uma coruja e, então, sentiu o desespero controlado do homem que implorava a forças invisíveis que salvassem o seu filho.

Criança, tinha perdido os pais. Pai, tinha perdido o filho. Ela podia sentir a raiva e frustração daquele homem como se fossem suas. Incapaz de conter as lágrimas, deixou que deslizassem pelo seu rosto.

E onde estaria a mulher dele, a mãe dessa criança, perguntou-se Alina. Já que não havia sinais de que mulher alguma vivesse na casa de Jonas, supôs que ela deveria tê-lo deixado. Por quanto tempo teria ficado sozinho, sem ninguém com quem compartilhar sua dor?

Abriu os olhos e o encarou através das lágrimas. Ele não tinha estado sozinho. Água Azul estivera lá, ao seu lado. Água Azul era a única pessoa que sempre estivera lá todas as vezes que precisara de alguém. Respirou profundamente, compreendendo a reação de Jonas ao vê-la invadir a sua casa, a sua privacidade. O avô era a única pessoa a quem Jonas amava e temia perder. Tinha que ter aquela atitude defensiva com relação a ele.

Subitamente, Alina compreendeu por que Jonas a tinha trazido a este lugar em vez de a um dos lugares mais conhecidos pelos turistas. Não tinha querido provar a ela que os vórtices não existiam. Precisava provar a si mesmo. Tinha de acreditar em uma destas, duas coisas: ou que os espíritos não existiam ou que eles o haviam abandonado e ao seu filho.

Ela queria lhe dizer o quanto sentia por ele, mas as palavras soariam vazias.
— Jonas.

Ele piscou e dirigiu o olhar para ela. Tinha voltado daquele lugar horrível onde guardava sua dor.

— Vamos sair daqui — ela pediu, dando um passo em sua direção.

Ele relaxou as mãos, fez um sinal com a cabeça e pôs-se a caminhar. Alina começou a segui-lo, mas parou para olhar para trás. As folhas das árvores pareciam prata, ao sol da manhã. Pássaros pulavam nos galhos mais altos dos pinheiros. As montanhas continuavam com sua cor avermelhada e o céu, azul.

Tudo continuava igual. Tudo estava diferente.

Estremecendo, Alina virou-se e seguiu Jonas até a caminhonete.

Alina olhava para fora da janela, mal prestando atenção à paisagem. A temperatura tinha subido muitos graus, à medida que desciam da montanha e o calor era insuportável dentro da cabine da caminhonete. Apesar de ter a fronte coberta de suor, Jonas parecia não perceber o calor ou porque estivesse acostumado a ele, ou porque estivesse perdido em seus próprios pensamentos.

Alina inclinou-se e ligou o ar-condicionado. Não tinham dito uma palavra durante todo o trajeto. Ele parecia totalmente alheio. Só que, agora, ela podia compreender seu comportamento, sua determinação em evitar que Águia Azul fosse para Los Angeles, a raiva que parecia estar sempre à flor da pele.

Fechou os olhos e recostou a cabeça no encosto do banco, deixando que o ar frio a refrescasse. Se tivesse sabido, jamais teria vindo a Sedona. Mas, nesse caso, não teria encontrado Jonas. E, desde o primeiro momento, tinha havido algo entre eles, algo que ela ainda não entendia. Mesmo que fosse embora agora, sem Águia Azul e suas cerâmicas, sabia que sua vida não seria mais a mesma.

Olhou para Jonas. Ele parecia calmo, sem nenhuma expressão no rosto. Só a força com que segurava a direção revelava sua agonia. Alina podia senti-la. Ele estava a ponto de explodir.

Ela só percebeu que estavam no estacionamento do hotel, quando ele desligou o motor da caminhonete. Estava a ponto de dizer-lhe que o levaria até onde estava seu carro, mas ele a impediu.

— Preciso caminhar — disse, em voz controlada.

Ela deixou que se fosse, com o coração oprimido. Não havia coisa alguma que pudesse fazer por ele. Saiu da caminhonete e foi para o seu quarto. Tirou a mala de dentro do armário e abriu-a em cima da cama.

Não podia ficar por mais tempo. Por alguma razão, sua vida tinha reaberto

a ferida em Jonas. Seria melhor que partisse. Deixaria um recado para Águia Azul, agradecendo sua acolhida e desculpando-se por não poder ficar. Se ele resolvesse que gostaria de fazer a exposição, ela poderia arranjar tudo por telefone. Não teria de rever Jonas e este, por sua vez, não seria obrigado a vê-la.

Uma batida na porta fê-la dar um pulo. Quando a abriu, Jonas ali estava, com as mãos nos bolsos e emoções conflituosas no rosto.

— Posso entrar?

Ela balançou afirmativamente a cabeça. Ele entrou e dirigiu-se ao terraço. De costas para ela, contemplou o Canyon.

Ela não sabia se, se aproximava ou se o deixava sozinho, lutando com suas emoções. Minutos atrás, quando julgara que não mais o veria, seu coração se apertara. Agora, pelo menos, poderia dizer adeus.

Como que em transe, atravessou o quarto e saiu no terraço. Jamais se esqueceria do beijo que haviam trocado de manhã, dos braços másculos ao redor de seu corpo, do desejo que sentira. Gostaria que ele soubesse disso.

Sem dizer nada, aproximou-se e colocou as mãos espalmadas sobre as costas dele. Sentiu-o enrijecer, mas ele não se afastou. Encostou a cabeça entre as suas omoplatas e sentiu o quase soluço que escapou do peito dele. Fechou os olhos e massageou de leve os músculos tensos.

Havia uma brisa suave. Podiam ouvir o barulho de água corrente e o farfalhar das folhas das árvores.

— Começou como se fosse um resfriado—ele comentou, quebrando o silêncio. — Nariz escorrendo, um pouco de congestão. Nada que pudesse preocupar. Crianças ficam resfriadas e têm febre o tempo todo.

A voz estava controlada, sem emoção alguma. Parecia outra pessoa falando.

— Eu estava trabalhando em uma estrada em Cottonwood, há uns quarenta e cinco minutos daqui, quando recebi o recado de que Darlene havia levado Joey para o hospital. A febre tinha subido muito e ele não conseguia respirar.

Fez uma pausa tão longa que Alina não sabia se ia continuar.

— Por dois dias ela e eu nos revezamos na cabeceira dele. Os médicos não sabiam por que ele não estava respondendo à medicação. Tentaram algo mais forte que chegou a estabilizar o seu estado. A febre baixou e ele dormiu.

O corpo de Jonas tinha a rigidez do granito sob suas mãos. Alina se encostou mais a ele, compreendendo a dificuldade que tinha de falar sobre essas coisas. Ouviu o bater de seu coração.

— Era um bom sinal e nos enchemos de esperança. Darlene estava exausta

e o médico me aconselhou a levá-la para casa. Levei-a e, depois, fui para as montanhas, onde estivemos esta tarde. Voltei ao hospital uma hora mais tarde. Duas horas depois, Joey morreu.

Alina mordeu os lábios para conter um soluço.

— Sinto tanto, Jonas — murmurou.

Ele fechou os olhos e se concentrou nos movimentos que as mãos dela faziam em suas costas. Ao relaxar, percebeu o tremor do corpo dela contra e seu e sentiu a umidade das lágrimas em sua camisa. Ficou surpreso com a reação dela. Nuvem Dançante, sua avó, fora a única mulher a consolá-lo em toda sua vida. Apesar da pouca idade que tinha na época, ainda se lembrava do cheiro de rosas e do calor do roupão de flanela quando ela o abraçara na noite em que seus pais haviam morrido. Embalara-o enquanto cantarolava, em voz baixa e consoladora.

Agora, porém, era um homem crescido. Não precisava de ninguém para confortá-lo. Tinha sido difícil, mas havia conseguido lidar com a perda de Joey, lidar com a dor e a raiva. Tinha enterrado seus sentimentos e conseguira continuar a viver. Exceto pelos pesadelos, tudo ia bem.

Até hoje.

Por que tinha levado Alina lá? Havia inúmeros dos chamados pontos de energia, na região. Por que, então, havia escolhido logo aquele, o único que significava alguma coisa para ele? Tinha querido se lembrar da dor ou, simplesmente, de que não havia nada lá, de que era apenas um lugar vazio e desolador, cheio de pedras, sujeira e árvores?

Abriu os olhos ao ouvir o pio alto de um gavião. Viu o pássaro alçar vôo e flutuar sobre o Canyon. O som da água corrente e o calor do sol sobre seu rosto fê-lo sair do transe em que se encontrava desde que beijara Alina na montanha.

Aquilo tinha sido um choque. Havia percebido sua atração por ela e até admitira que a queria em sua cama. Jamais pensara, entretanto, que apenas um beijo podia fazê-lo perder totalmente o controle, podia excitá-lo com tal rapidez. Envergonhava-se, agora, por tê-la puxado com violência. Quisera demonstrar uma coisa e ela havia mudado tudo ao abraçá-lo e acender o fogo em suas entranhas. Deus, como tinha sido doce. Saboreava, ainda, o gosto da paixão. Ele a desejava, ele precisava dela, como jamais tinha desejado ou precisado de qualquer outra mulher em sua vida.

A pressão suave dos seios dela queimavam suas costas e ele sentiu uma necessidade irresistível de tocá-la, de encher as mãos e mergulhar na doçura do corpo feminino. As mãos dela continuavam sua dança erótica, leve e

vagarosamente, até que ele não pôde mais suportar aquela tortura.

Com um gemido rouco, virou-se abruptamente e segurou-a pelos pulsos. Surpreendida pelo movimento súbito, ela o encarou. Seus olhos estavam arregalados e molhados de lágrimas. Ele olhou para ela, indeciso entre a vontade de tomá-la nos braços e o impulso de ir embora.

— Alina — ele iniciou com dificuldade —, lembra-se do que eu lhe disse ontem à noite, no balanço?

Ela manteve o olhar preso ao dele.

— Você disse que me queria em sua cama.

— E você compreende o que isso significa para mim?

Ela franziu o cenho e balançou a cabeça, num sinal negativo.

— Não significa nada — ele afirmou com tanta convicção que a assustou. — Ir para cama com uma mulher é um ato físico, nada mais. Não há nada dentro de mim que eu possa dar para outra pessoa.

Alina fechou os olhos.

— Eu não acredito nisso. Ele a puxou mais para perto.

— Acredite. Nesse momento, eu a desejo mais do que tudo nessa vida, mas é apenas sexo, nada mais.

Alina o encarou. Os olhos escuros pareciam um poço sem fundo, cheio de dor e sofrimento. Compreendia que ele estava tentando dizer-lhe que a desejava mas não a amava. Parecia desesperado para que ela acreditasse nisso, entretanto, Alina sabia que ele próprio vinha fazendo um grande esforço para convencer-se de que fosse verdade. Amar alguém era muito arriscado e a dor da perda grande demais.

Mas o fato era que não acreditava nele. Não importava o quanto negasse sua capacidade de amar, ela sabia que não era verdade. Do fundo de seu coração e em cada fibra de seu corpo sabia que ele era capaz de amar profundamente, sem barreiras. Achava que ele também soubesse disso e era por isso que tinha tanto medo.

Não sabia como, mas a verdade era que se apaixonara por aquele homem complexo e difícil.

Uma lágrima rolou pelo seu rosto e Alina o observou soltar seus pulsos e enxugar a lágrima com os dedos. Fechando os olhos, virou a cabeça e apoiou o rosto na palma da mão dele.

— Tem o direito de estar zangado, Jonas — ela afirmou abrindo os olhos. — Mas não tem que viver sozinho.

Aquela declaração suavizou as marcas de tensão no rosto dele. A ponta de seus dedos acariciaram-lhe o rosto e o pescoço.

— Tenho que ter a certeza de que me compreende — ele disse levantando o rosto dela para que pudesse encará-lo,

— Eu compreendo — Alina afirmou acariciando seu rosto.

Não conseguindo controlar-se mais, Jonas abaixou o rosto e, antes que qualquer um dos dois tivesse tempo para mudar de idéia, beijou-a longamente. Os braços musculosos a rodearam puxando-a dê encontro ao corpo másculo. Aquele era um beijo terno, totalmente diferente do beijo que trocaram no alto da montanha, mas produziu em Alina o mesmo efeito avassalador. Tremendo, ela agarrou-se a ele, com medo que suas pernas não a sustentassem, Entreabriu os lábios e entregou-se de corpo e alma àquela carícia. Uma onda de prazer a invadiu, fazendo com que arqueasse o corpo numa tentativa de ficar ainda mais perto dele.

Quando Jonas interrompeu o beijo, Alina protestou e, depois, gemeu quando ele segurou suas nádegas e as levantou provocando um contato íntimo. Sussurrou o nome dele e enlaçou suas pernas fortemente ao redor da cintura de Jonas enquanto ele a carregava para a cama.

O desejo agia como uma droga, aumentando as sensações e sua excitação. Sentia o cheiro másculo da pele quente, a textura áspera das mãos fortes, os sons urgentes que escapavam da garganta de ambos. Jamais desejara alguém com aquela intensidade. Ela o desejava, precisava dele.

Ele se afastou um pouco e pousou os olhos negros sobre ela. Manteve o olhar fixo no dela enquanto deslizava sua mão vagarosamente pelos ombros delicados. Alina prendeu a respiração quando ele apertou um dos seus seios e depois o outro. Ele continuou a exploração, descendo a mão mais para baixo, puxando a camiseta que estava presa no jeans. Puxou a blusa por sobre a cabeça dela e seus olhos quase soltaram faíscas de desejo ao livrá-la do sutiã.

Continuou observando-a enquanto cobria com a mão um dos seios desnudos. Alina pensou que deveria estar se sentindo envergonhada, mas não estava. Ficou ali deitada, ofegante, deixando-o traçar linhas de fogo em seu corpo. Quando não podia mais suportar, arqueou o corpo gemendo e ele cobriu o bico do seio enrijecido com a boca.

As mãos calejadas deslizavam por todo o seu corpo e Alina movia-se sob o peso dele, implorando para que ele a penetrasse. Jonas entretanto, parecia satisfeito com aquele ritmo e, lentamente, passou a sugar-lhe o outro mamilo. Alina podia sentir as labaredas de fogo dentro de si aumentando, segurou-o pelo

cabelo e o puxou para mais perto.

A excitação fazia seu corpo pulsar. Ela explorou com as mãos o peito peludo, os ombros largos e os braços musculosos enquanto ele mergulhava a língua dentro de sua boca, num beijo exigente.

De repente, Jonas não parecia mais tão paciente. Afastou-se dela o suficiente para abrir seu jeans e puxá-lo para baixo. Parou um momento para acariciar-lhe a curva do quadril e, depois, tirou rapidamente sua própria roupa. Sua respiração estava ofegante quando deitou-se sobre ela novamente, capturando sua boca num beijo ardente e penetrando-a com firmeza.

Alina agarrou-se a ele, gritando seu nome e se movendo ao ritmo daquela dança primitiva. As batidas do coração dele estavam tão fortes e próximas que se confundiam com as batidas de seu próprio coração. Abraçou-o com força, com braços e pernas e arqueou o corpo, deixando-a penetrá-la cada vez mais rápida e profundamente. Levantou o quadril de encontro ao dele e sentiu-se explodir de prazer no mesmo momento em que ele jorrava seu líquido quente dentro dela.

Jonas esperou sua respiração se acalmar antes de rolar para o lado, levando-a com ele. Os corpos de ambos estavam cobertos de suor e ele pôde sentir um leve sabor salgado ao beijá-la no ombro. Alina estremeceu e se aconchegou nos braços dele. Por um momento, Jonas achou que seu corpo estava zunindo, cheio de vida. Levou um longo tempo para perceber que o som que estava ouvindo era do ar condicionado.

Passou a língua por cima de uma veia que pulsava no pescoço dela e, depois, mergulhou o rosto entre os seios firmes. Alina gemeu baixinho e arqueou o corpo, dando-lhe livre acesso para investigá-lo.

Fazia muito tempo que não se sentia tão vivo. As batidas fortes de seu coração ecoavam dentro de seu peito e ele sentiu um contentamento tão pleno e absoluto que até se assustou. Queria agradecê-la. Não sabia exatamente por que, mas gostaria de poder agradecer. As palavras já estavam na ponta de sua língua quando resolveu que seria mais prudente não dizer nada. Ela não o compreenderia, algo lhe dizia que nenhuma mulher gostaria de ouvir palavras de agradecimento depois de fazer amor.

Franziu as sobrancelhas ao dar-se conta do termo que empregara. Eles não tinham "feito amor". Pelo menos, não no amplo sentido da palavra. Tinha sido honesto com ela, não estava fingindo nem a estava enganando. Ele a desejara e ela correspondera. Isso era tudo.

Ainda assim, apesar do que lhe dissera, apesar do que dissera a si mesmo, sentira alguma coisa especial por Alina. Era algo que jamais sentira por outra

mulher e que não queria sentir naquele momento. As poucas mulheres com quem se relacionara desde o divórcio haviam compreendido sua necessidade de manter o relacionamento no plano estritamente físico, sem complicações.

Ele fechou os olhos, permitindo-se saborear a sensação de tê-la nos braços. O corpo dela estava relaxado, aninhado contra o dele. Sua respiração estava calma e regular, levando-o à conclusão de que havia adormecido. O corpo macio irradiava um calor que parecia estar penetrando em sua alma e acordando instintos primitivos que vinha mantendo presos há muito tempo. Sentia a necessidade de possuí-la novamente, de tomá-la completamente sua.

Sabia entretanto que aquilo não seria possível. Sabia que abrir-se para algo mais do que o prazer momentâneo significava abrir-se para a dor. Era melhor não sentir nada, não querer nada. Eles haviam se conhecido por acaso e, assim que ela terminasse seus negócios na região, iria embora e retomaria sua vida em Los Angeles. Era assim que tinha que ser: sem complicações ou despedidas dolorosas.

— Jonas?

Alina o arrancou de seus pensamentos.

— Hã?

— Fale-me sobre a sua esposa.

A pergunta o pegou de surpresa e, por um longo tempo, ficou em silêncio, sem saber o que dizer.

— Não há muito para contar. Nos casamos e nos divorciamos. Entre uma coisa e outra, havia, na maior parte do tempo, um grande vazio.

— Por que se casou com ela? — Alina perguntou aconchegando-se mais ao corpo dele.

Jonas pensou que poderia responder que se casara com Darlene porque era jovem e estúpido, que ela tinha sido a moça mais bonita que jamais tinha visto e que não estivera pensando com a cabeça. O problema era que já era suficientemente difícil ter que admiti-lo para si mesmo.

— Achei que estivesse apaixonado por ela e ela por mim. Depois de seis meses de casamento, percebi que a única coisa que Darlene realmente amava era dinheiro. Por alguma razão ela achou que eu fosse rico. — Ele deu uma risadinha irônica. — Não levou muito tempo para nós dois percebermos que havíamos cometido um erro.

Alina ficou deitada ao lado dele, tentando controlar a súbita raiva que sentia daquela mulher que o havia magoado tanto.

— Mas por que ficaram juntos?

Jonas suspirou.

— Quando começamos a falar em divórcio ela engravidou. Não consegui aceitar a idéia de não estar presente enquanto meu filho crescia. Fui suficientemente idiota em acreditar que se desse a ela tudo o que queria, ela não teria razão para ir embora. Estavam precisando de mais gente no projeto no qual eu estava trabalhando, então me inscrevi para fazer jornada dupla de trabalho.

Alina levantou a cabeça para encará-lo.

— Ela o deixou fazer isso?

Jonas sentou e se encostou na guarida da cama.

— As horas extras não me incomodavam. Na verdade, estava feliz por poder estar longe de casa.

Alina balançou a cabeça, sentou-se ao lado dele e cobriu-se com o lençol.

— E sua esposa estava satisfeita com essa situação? Jonas virou-se para a janela, o olhar perdido e distante.

— Como ela se sentia a meu respeito não vem muito ao caso. Ela amava nosso filho e era uma boa mãe. Depois da morte de Joey não havia mais motivos para continuarmos com aquela farsa. Ela partiu no dia seguinte ao enterro, mas acho que nem notei sua ausência por muito tempo. Simplesmente, nada mais importava.

Fechando os olhos, Alina deitou a cabeça no ombro dele. Enquanto faziam amor ele deixara as barreiras caírem e ela se sentira parte dele, parte da sua dor e sofrimento e também do seu prazer. Sabia porém que ele não a deixaria chegar tão perto outra vez, não daquela forma. Mesmo agora, ali deitada nos braços dele, podia senti-lo reerguer as barreiras, afastando-a, deixando-a do lado de fora. Ao perceber que ele estava se distanciando, Alina sentiu-se como se estivesse sendo apunhalada.

Ela beijou o peito largo, deslizando as mãos pelas coxas grossas. Os músculos dele se contraíram sob seus dedos e Alina sabia que logo fariam amor outra vez. A diferença era que, dessa vez, ele não se entregaria por completo. As barreiras já haviam sido erguidas. Desta vez seria apenas sexo. Ficou apavorada ao pensar que poderia nunca vir a sentir outra vez o que ela e Jonas haviam compartilhado. Se estava fadada a tê-lo apenas em suas lembranças, preferia ter a lembrança de um momento especial e não a de duas pessoas solitárias copulando.

Sentiu um enorme peso comprimindo-lhe o peito. Sentou-se novamente e esticou-se sobre ele para alcançar suas roupas espalhadas ao pé da cama. Jonas

não disse e nem fez nada para detê-la.

— Pensei em visitar algumas galerias essa tarde — ela informou enquanto se vestia. — Gostaria de vir comigo?

Ele a olhou com frieza e balançou a cabeça.

— Não, obrigado. Tenho que terminar de estudar alguns relatórios.

A distância entre eles estava rapidamente se transformando em um abismo. Alina queria poder abraçá-lo e convencê-lo a passarem o dia todo na cama. Ao invés disso, levantou-se e terminou de se vestir.

Ele sentou na beirada da cama e a observou em silêncio.

— O que acha de jantarmos juntos? — finalmente perguntou.

— Ótimo — ela respondeu fingindo estar descontraída.

— Alina...

A campainha do telefone o interrompeu. Com as pernas bambas, ela deu a volta na cama e atendeu a chamada.

— Alô?

— Alina?

— Águia Azul? — Ela prendeu a respiração ao olhar para Jonas. Ele a estava observando com o corpo visivelmente tenso e os olhos estreitados. — Já está de volta?

— Os espíritos já haviam se decidido antes mesmo que eu lhes fizesse as perguntas que desejava. Eles me aconselharam a ir para Los Angeles e fazer uma exposição na sua galeria.

Alina voltou a olhar para Jonas. Não foi preciso repetir a resposta de Águia Azul pois era evidente que Jonas já a adivinhara. Também era evidente que não estava nada satisfeito. Sentiu o coração pesar ao observá-lo vestir-se em silêncio. A proximidade que haviam compartilhado tinha finalmente desaparecido deixando apenas uma sensação de constrangimento por estar conversando com o velho índio enquanto Jonas estava em seu quarto.

De repente, deu-se conta de que não estivera prestando atenção às perguntas que Águia Azul fizera a respeito da exposição. Alina fez um esforço sobre-humano para voltar sua atenção para a conversa telefônica. Atrás de si, pôde ouvir o som do zíper da calça jeans sendo fechada. Continuou conversando com Águia Azul, acertando todos os detalhes necessários.

Quando finalmente desligou, Jonas havia ido embora.

CAPÍTULO VI

— Pare de roer as unhas.

Alina fez uma careta para a irmã e tirou o dedo da boca.

— Como soube que eu estava roendo as unhas? Kelly, que estava ocupada datilografando umas cartas que Alina ditara, desligou o gravador e virou-se na cadeira para ficar de frente para a irmã.

— Dava para ouvi-la mastigando desta distância. Alina levantou-se de sua cadeira e começou a andar de um lado para o outro, dentro do pequeno escritório.

— O carregamento já devia ter chegado há mais de uma hora, Kelly. Por que estará demorando tanto?

Kelly suspirou.

— Mana, a transportadora disse que chegariam por volta das quatro. São apenas cinco e dez. Talvez tenham pegado trânsito ou algo assim. Não há motivo para ficar alarmada.

Alina pegou um lápis e começou a batê-lo sobre o balcão da recepção. Kelly balançou a cabeça e voltou ao trabalho.

— Você me disse que Sheldon providenciou a pintura das prateleiras para esculturas, não disse? — Alina perguntou. — Sabe se ele verificou a iluminação? Os cantos estão me parecendo um pouco escuros.

De olhos fechados, Kelly virou-se na cadeira mais uma vez.

— Alina, ainda faltam três dias para a exposição. Temos tempo de sobra para cuidarmos de todos os detalhes. Por que está tão nervosa?

— Não estou nervosa,

O som do lápis batendo sobre o balcão se acelerou. Kelly riu.

— Claro.

— Não estou nervosa! — Alina insistiu colocando o lápis sobre o balcão e cruzando os braços.

— Tenho a impressão de que, desde que voltou do Arizona, parece estar descalça sobre o asfalto quente. Está mais irrequieta do que um gato vira-lata! Não quer me contar o que houve?

Bem, Kelly, apaixonei-me perdidamente pelo neto de Águia Azul no instante em que pousei os olhos nele pela primeira vez. Depois que dormimos juntos ele me abandonou e, agora, sinto-me como a mais tola das mulheres.

Esse seria um ótimo resumo da situação.

— Essa é uma exposição especial, só isso — ela respondeu tentando aparentar calma.

Kelly ergueu as sobrancelhas e Alina sabia que estava morrendo de vontade

de pressioná-la. Na verdade, desde que retomara do Arizona, Kelly não parara de fazer perguntas sobre a viagem, sobre Águia Azul e se tinha conhecido mais alguém interessante. Era quase como se estivesse pressentindo algo, embora Alina não houvesse nem mencionado a existência de Jonas:

— Alina — Kelly dirigiu-se à irmã com um suspiro —, não há nada com o que deva se preocupar. Quase todos os convites já foram aceitos, já mandamos notas para os principais jornais e críticos de arte da cidade, o bufê está contratado, enfim, está tudo sob controle. Tudo o que tem a fazer é sentar e relaxar até as peças chegarem.

Respirando fundo, Alina encaminhou-se de volta para sua escrivaninha e sentou-se. Olhou para o vaso de Águia Azul, que estava sobre a mesa. Achava-o tão maravilhoso quanto da primeira vez em que o vira. Trouxera-o para casa e o colocara sobre a escrivaninha para ter uma lembrança de Jonas.

Não que precisasse do vaso para lembrar-se dele. Pensava nele em cada segundo do dia, estivesse ela acordada ou dormindo. Deus, nunca tivera sonhos tão eróticos!

O telefone tocou, interrompendo seus pensamentos.

— Galeria KellyAlina — Kelly atendeu e ficou em silêncio por uns instantes. — Tem certeza?

Alina olhou para a irmã, não gostando do tom de sua voz ao telefone.

— Sei, sei. Vou verificar, obrigada. Alina correu para o lado da irmã.

—O que foi? Algo errado?

— Bem — Kelly respirou fundo —, era a transportadora. Ele disse que quando o caminhão chegou para pegar o material de Águia Azul, foi dispensado. Disseram que haviam mudado de idéia.

— O quê? — Alina perguntou aos berros. Podia sentir um enorme nó formando-se em seu estômago.

— Eles teriam ligado mais cedo, mas o motorista só chegou no escritório agora e não pensou em avisá-los antes.

Não podia ser. O coração de Alina quase parou de bater. Águia Azul não faria aquilo com ela. Não faria!

Mas Jonas faria.

Ele havia deixado claro desde o início que não queria que o avô fizesse aquela exposição. Alina apertou as mandíbulas e soltou um palavrão.

— Bem — Kelly falou, tentando imprimir um tom de gozação à sua voz —, pelo menos temos um vaso. Ao invés de fazermos uma exposição individual,

talvez pudéssemos fazer uma exposição de uma única peça.

A tentativa da irmã de fazer piada não deixou Alina mais calma. Haviam mandado convites e gasto uma fortuna com a divulgação da exposição. Jonas não podia estar fazendo aquilo.

Com os olhos faiscando de ódio, pegou a agenda telefônica e procurou o número da casa deles. Agarrou o fone e discou furiosamente. Não deixaria as coisas daquele jeito. Pelo menos, não sem uma boa briga!

Dirigiria toda a distância até Sedona se fosse preciso. Tinha investido muito na preparação daquela exposição para deixar um homem teimoso e obstinado...

A porta da galeria foi aberta e Águia Azul entrou no saguão sorrindo.

Jonas estava bem atrás dele.

Se não estivesse tão cansado, Jonas teria rido da expressão incrédula no rosto de Alina. Algo lhe dizia que ela acabara de ter notícias da transportadora e que o telefonema que estava fazendo era para ele. A forma como ela bateu o telefone assim que os viu, confirmou essa impressão.

Águia Azul atravessou o saguão e caminhou até a pequena área de recepção onde Alina e uma loira estavam sentadas. Jonas fechou a porta de vidro atrás de si e observou o avô aproximar-se das duas mulheres.

— Águia Azul! Eu pensei... pensei

— Pensou que eu tivesse mudado de idéia? — ele perguntou rindo.

— Bem, não exatamente....

Pousou o olhar furioso em Jonas fazendo-o adivinhar exatamente o que tinha pensado ao saber que o carregamento havia sido cancelado.

Águia Azul fez um gesto na direção da rua.

— Decidi que seria melhor eu trazer as peças pessoalmente e, quando Jonas se ofereceu para tirar uns dias de folga e me acompanhar, aceitei.

Jonas tinha se oferecido para acompanhar o avô? Ela olhou pela porta de vidro e, pela primeira vez, notou a caminhonete dele estacionada à porta, carregada de caixas. Eram as peças de Águia Azul, percebeu com alívio. Sentiu uma onda de alegria invadi-la e virou-se para o velho índio sorrindo. Mas foi o olhar impenetrável do neto que a atraiu e ficaram os dois, ali, se olhando por um longo tempo, indiferentes ao fato de não estarem sozinhos.

Ele ainda estava com os olhos pregados nela quando finalmente a cumprimentou.

— Alina. — Ele inclinou a cabeça na sua direção.

— Jonas.

O estômago dele deu um nó no instante em que pousou os olhos nela. O cabelo ruivo e sedoso estava solto, emoldurando o rosto delicado e contrastando com a jaqueta branca que ela estava usando. Em baixo da jaqueta, a blusa azul-real enfatizava o tom turquesa de seus olhos. Teve a impressão de que havia sido apenas ontem que ela estivera deitada sob seu corpo, os olhos brilhando de desejo e sua pele brilhante de suor.

A mulher atrás do balcão limpou a garganta, interrompendo o silêncio pesado. Alina virou-se na direção dela e corou. —

— Ah, Kelly, estes são Águia Azul Whitehorn e seu neto, Jonas Whitehorn.

Como Jonas estava mais próximo da mulher estranha, aproximou-se dela primeiro e franziu o cenho ao notar que ela estendia a mão na direção oposta a ele. Seus olhos estavam fixos e foi só então que Jonas percebeu que era cega.

Chegou mais perto e tomou-lhe a mão entre as suas. Os dedos eram longos e delicados, o aperto, firme. Era uma mulher muito atraente, com cabelos cor de trigo, maçãs do rosto altas e cílios espessos emoldurando olhos esverdeados. Embora percebesse algumas características semelhantes nas duas mulheres, jamais teria adivinhado que eram irmãs.

— É um prazer conhecê-la, Kelly.

— O prazer é meu — respondeu ela, alargando o sorriso. — Alguém já lhe disse que sua voz é tremendamente sexy?

Jonas sentiu-o pescoço esquentar, ao ouvir o comentário. Olhou para Alina e viu que ela tinha ficado vermelha como um pimentão.

— Irmãzinha, como é que nunca falou dele?

— Acho que, com toda a preocupação com a exposição, acabei me esquecendo.

Jonas comprimiu os lábios, tentando ignorar a irritação que sentia. Deveria estar contente com o fato dela ter se esquecido dele. Afinal, era o que queria. Nenhum laço, nenhum compromisso. Tudo sem complicações.

Águia Azul deu um passo para frente e pegou a mão de Kelly.

— E eu sou Águia Azul.

O contraste entre os dois era semelhante ao contraste entre bronze antigo e a porcelana. Aos olhos de Jonas, mais parecia um estudo fotográfico. Luz e sombra, textura e lisura, dureza e maciez. O sorriso de Kelly foi desaparecendo à medida que sua mão permanecia entre às do velho índio. Sua expressão foi se modificando para uma de maravilhamento. Era como se o mundo tivesse parado.

— Eu... eu estou feliz por conhecê-lo — acabou dizendo, sem retirar a mão

do lugar.

Alina não sabia como explicar o silêncio da irmã. Foi Águia Azul quem quebrou o silêncio, dizendo, ao examinar as mãos entre as suas.

— Estas são mãos de artista. De pintora.

Como poderia saber disso? pensou Alina. Não tinha contado a história de Kelly. Havia dito, somente, que ela sofrerá um acidente e, depois disso, tinham aberto a galeria juntas. Águia Azul não poderia saber, só por um toque de mãos, quem uma pessoa era ou o que fazia. Olhou para as próprias mãos e, em seguida, escondeu-as no bolso.

— Mãos que foram de uma pintora — Kelly o corrigiu.

Vagarosamente, puxou as mãos. — Agora, sou do departamento de vendas.

— Parece que também pertença a esse departamento — comentou o velho, olhando ao redor da galeria. Seu olhar se deteve no vaso que estava em cima da mesa de Alina. — O que acha do meu trabalho, Kelly?

Houve um momento de silêncio incômodo, antes que a irmã finalmente respondesse, em tom de brincadeira.

— Não tenho conhecimento de primeira-mão, Águia Azul, mas estou certa de que é maravilhoso.

— Há muitas maneiras de se conhecer as coisas além do olhar — respondeu Águia Azul, colocando um dos vasos na frente de Kelly. Tomou-lhe as mãos e colocou-as sobre a peça. — Agora, diga-me o que acha.

A princípio, a moça pareceu hesitar. Depois, com ar de determinação, começou, a deslizar os dedos pela forma do vaso, parando em cada detalhe da ornamentação, até chegar na pena. Quando terminou, levantou a cabeça e virou-se em direção ao artista.

— Adoro o seu trabalho — respondeu, sorrindo.

Alina soltou a respiração. Estava deliciada. Desde o acidente, nenhum artista havia pedido a opinião de Kelly sobre seu trabalho. Águia Azul tinha muita sensibilidade.

— De um artista para outro, gostaria muito de discutir com você os materiais que prefere e o tipo de trabalho. Sentir-me-ia honrado se aceitasse jantar comigo.

Kelly já estava pegando a bolsa.

— Gosta de comida tailandesa? Tem um restaurante ótimo bem pertinho.

— Eles fazem Tom Wam Gungl — Águia Azul perguntou.

— O melhor da cidade.

— Então, estamos combinados. Jonas, você e Alina se incomodam?

— Absolutamente, não — respondeu o neto, sem nem piscar o olho.

Alina se sentiu deixada de lado, mas, ao mesmo tempo, estava excitada com a perspectiva de ficar sozinha com Jonas.

Águia Azul aproximou-se de Kelly que lhe deu o braço.

— Depois do jantar, podemos ir a um outro lugar para tomar café e ouvir um pouco de poesia. — Dirigiu-se à irmã. — Você pode fechar a galeria, mana? Tenho a chave para entrar, quando voltar.

Alina concordou, sabendo que era uma pergunta retórica.

— Foi ótimo conhecê-lo, Jonas. E não se preocupe. Tomarei conta de Águia Azul.

— Não espere por mim, Jonas. Voltarei para o hotel de táxi — completou o velho, abrindo a porta para Kelly.

Jonas e Alina os observaram sair, já imersos em uma discussão sobre seus artistas preferidos.

— Não tenho certeza se devemos ficar preocupados com algum deles — Jonas comentou, sorrindo de leve.

— Acho que não é com eles que devemos nos preocupar e sim com as pessoas que tentarem interromper aquela conversa. Inclusive os garçons — Alina respondeu, também sorrindo.

Ficaram ali, olhando um para o outro, sem saber o que dizer. Começaram a falar, ao mesmo tempo, e voltaram a ficar em silêncio.

— Você parece cansado — Alina comentou, finalmente. As linhas ao redor da boca pareciam mais profundas e os olhos estavam vermelhos.

— Foi uma longa viagem.

— Você realmente se ofereceu para trazê-lo?

Rindo mansamente, ele encostou o lado do quadril no balcão.

— Digamos que sim. Se não tivesse vindo, Águia Azul ainda estaria pedindo carona em algum ponto da rodovia.

Uma vez que ele se decide, ninguém consegue fazê-lo mudar de idéia.

— Diferente de você, é claro — ela retrucou, arrependendo-se, imediatamente, do sarcasmo na voz.

Suspirando, Jonas estendeu a mão para pegar a dela. Acariciou levemente o dorso da mão.

— Sinto muito ter saído daquele jeito. Sei que estava errado, mas a situação

começava a ficar intensa demais. Não consegui agüentar. — Seus olhos se encontraram. — Pode compreender?

Ela compreendia, sim. Só que, em vez de compreender, tinha vontade de gritar com ele, dizer-lhe que não poderia esconder os próprios sentimentos para sempre. Que precisava recomeçar a viver, a confiar. Entretanto, não podia dizer nenhuma dessas coisas. Só ele poderia tomar essa decisão, quando estivesse pronto. Sabia que ele sentia alguma coisa por ela. Ou, talvez, tivesse somente começado a sentir e isso o atemorizasse. Instintivamente, também sabia que ele não podia ser pressionado. Se o pressionasse, o resultado seria uma distância ainda maior.

O toque de sua mão, contudo, era extremamente perturbador. Ela não podia permitir que ele se aproximasse, outra vez. Já seria bastante difícil esquecê-lo quando partisse. Não conseguiria fazer isso, se eles se aproximassem. Forçou um sorriso e puxou a mão.

— Não se preocupe com isso, Jonas, já sou grandinha. Você nunca me enganou e não deve se sentir culpado.

O olhar dele ficou duro.

— Não estou me sentindo culpado. Só quero que entenda que não é nada pessoal, não é você, sou eu.

Ela deu um riso nervoso.

— Não preciso ser nenhuma cientista espacial para saber disso, Whitehorn.

Ele abriu e fechou a boca. Virou-se de costas, passando a mão pelo cabelo.

— Olha, já que vamos passar os próximos dias juntos, que tal mantermos um clima amigável e só conversarmos sobre assuntos neutros?

Ele era definitivamente especialista em fuga, Alina pensou irritada.

— Tudo bem.

Jonas encarou-a novamente e ficaram se olhando até que um pouco da tensão passasse.

— Fale-me um pouco sobre Kelly — ele finalmente pediu.

Ela continuou encarando-o, espantada com sua habilidade para controlar seus sentimentos. Algumas vezes desejava ser como ele. Naquele exato minuto, por exemplo, daria qualquer coisa para não sentir o que sentia por ele: desejo, frustração e raiva.

Suspirando, olhou para as mãos entrelaçadas.

— Nós, meus pais, Kelly e eu, estávamos a caminho de Brentwood, onde haveria uma exposição dos trabalhos de Kelly. Meus pais eram amigos do dono

da galeria e, mesmo sendo Kelly praticamente desconhecida no meio artístico, ele a achava boa o suficiente para ter uma exposição individual. Ela tinha se formado da Escola de Belas Artes dois anos antes e já começava a receber um número expressivo de críticas favoráveis.

Jonas viu a expressão de orgulho e dor estampada no rosto dela. Sentiu um nó na garganta pois conhecia muito bem o preço que se pagava por abrir feridas antigas.

Ela continuou a história numa voz baixa e monótona.

— Estávamos todos tão animados! Estávamos brincando e perguntando para Kelly como gastaria seu primeiro milhão de dólares. Não me lembro de mais nada. A polícia disse que o motorista do caminhão que bateu no nosso carro, sofrerá um ataque cardíaco e morrerá antes do acidente. Meus pais morreram instantaneamente. Eu quebrei o braço, duas costelas e perfurei um pulmão. Kelly... — ela fechou os olhos antes de prosseguir. — Kelly saiu de coma três dias depois, completamente cega.

Ele queria poder tocá-la como ela havia feito quando ele lhe contara sobre a morte de Joey. Mas havia bloqueado seus sentimentos por tanto tempo que agora não sabia como lidar com eles. Além disso, como ele poderia abraçá-la e dizer-lhe que tudo daria certo, se ele próprio não acreditava nisso?

Mesmo assim, estendeu o braço para tocá-la. Seus dedos roçaram o rosto dela fazendo-a olhar para cima.

— Alina...

A porta da frente foi aberta e um homem alto e loiro entrou correndo, os olhos brilhando de felicidade.

— Você não vai acreditar! — ele gritou. — Não vai acreditar.

Alina afastou-se de Jonas e dirigiu-se para o desconhecido.

— No que eu não vou acreditar, Sheldon?

— Brian Youngston. — Ele puxou um envelope de dentro do bolso do paletó. — Receberemos Brian Youngston.

Jonas estava começando a se perguntar se o rapaz sofria de alguma doença que o fazia repetir tudo o que dizia. Alina arregalou os olhos.

— Quer dizer que Brian Youngston aceitou o convite para a exposição de Águia Azul?

— E isso, isso mesmo!

— Quem é Brian Youngston? — Jonas perguntou. O homem o encarou incrédulo.

— Ora, ele é o crítico de arte mais famoso de Los Angeles.

— Sheldon, esse é Jonas Whitehorn, neto de Águia Azul. Jonas, aquele é Sheldon Maiman, o gerente da galeria.

— Pensei que Águia Azul só chegasse amanhã — Sheldon comentou enquanto estendia a mão para Jonas.

— Decidimos trazer as peças pessoalmente — Jonas explicou.

Sheldon arregalou os olhos.

— Quer dizer que as peças já chegaram?

Jonas fez um gesto de cabeça na direção da caminhonete estacionada à porta da galeria.

Enquanto isso, Alina abria o envelope que o gerente lhe entregara e lia a mensagem.

— Sheldon, isso é maravilhoso.

— Esse Youngston é bom?

— Bom? Bom! — o homem loiro quase saiu dançando. — Esse homem constrói carreiras num estalar de dedos.

Jonas ficou pensativo por uns minutos.

— E se ele não gostar do trabalho de Águia Azul? Alina e Sheldon o encararam estarecidos fazendo-o sentir-se como se tivesse acabado de chutar um cachorrinho.

— Ele vai amar o trabalho de Águia Azul! — Alina exclamou com determinação.

— Claro que vai — Sheldon concordou. — Vi os slides das peças de seu avô e não tenho dúvidas de que a exposição será o maior sucesso da história desta galeria. — Ele deu um tapinha nas costas de Jonas e virou-se para Alina. — Vamos começar a descarregar as caixas. Temos muito trabalho pela frente. Pensei que poderíamos desempacotar as peças, etiquetá-las e decidir onde cada uma ficará. Você não tem planos para esta noite, tem?

Alina hesitou e olhou para Jonas.

— Bem, Águia Azul e Jonas acabaram de chegar e...

— Não se preocupe comigo — Jonas a interrompeu. — Águia Azul estará ocupado por um bom tempo e, depois de descarregar a caminhonete, tenho que ir ao hotel e nos registrar. Além disso, se eu ficar por aqui, só a atrapalharia.

Ele viu que ela ficou magoada. Queria dizer-lhe como realmente se sentia, que se não a tocasse logo, se não a beijasse, acabaria enlouquecendo. Mas não disse nada, não podia.

Havia passado às oito horas de viagem tentando convencer-se de que só estava vindo para Los Angeles porque o avô tinha pedido sua ajuda. Ao olhar para Alina, porém, sabia que aquilo não era verdade. Tinha querido vê-la novamente, ouvir sua voz sensual, sentir o cheiro de pêssego nos seus cabelos. Não tinha conseguido se concentrar no trabalho, ou em qualquer outra coisa, nas duas semanas anteriores. Só conseguia pensar nela. De repente, deu-se conta de que, se não saísse logo dali, acabaria fazendo papel de tolo.

Alina interrompeu o silêncio incômodo.

— Bem, é melhor descarregarmos a caminhonete logo para você poder ficar livre.

Alina não conseguia lembrar-se de quando havia sido a última vez que passara uma noite tão ruim. Nem mesmo a excitação de desempacotar as peças de Águia azul conseguiu melhorar o seu humor. Tinha sido quase impossível concentrar-se no trabalho, pois em sua mente só tinha lugar para uma coisa: Jonas.

Queria que Jonas Whitehorn fosse para o inferno, pensou ao sair do elevador, no andar de seu apartamento. Caminhou distraída pelo longo corredor. Enquanto andava, ia procurando o chaveiro na bolsa e pensando que, até conhecer Jonas, estivera razoavelmente satisfeita com a vida que vinha levando. Não tinha se sentido solitária e achara que havia tempo suficiente para encontrar o seu "príncipe encantado".

Bem, não permitiria que ele a afetasse daquela forma. Só teria que suportar uns poucos dias da sua presença e, depois, poderia voltar à sua rotina normal.

Bem, e era claro que as vacas podiam tossir.

Apertando os maxilares, virou a direita ao fim do corredor e gelou: Jonas estava parado ao lado da porta de seu apartamento!

A simples visão dele fez suas pernas tremerem.

Alguma coisa estava errada.

— Jonas? — Ele olhou para ela enquanto corria pelo corredor. — O que houve?

Ele desencostou da parede e foi encontrá-la no meio do caminho.

— Águia Azul — ele anunciou nervoso. — Ele ainda não voltou para o hotel e não consigo encontrá-lo em lugar nenhum.

CAPÍTULO VII

O quê? Alina olhou o relógio. — Mas ele não pode ainda estar com Kelly. Faz horas que saíram! Jonas seguiu-a, quando abriu a porta.

— Passei na galeria por volta das dez horas, pensando que talvez estivessem lá, mas estava tudo escuro. Desde então estou dando voltas de carro, tentando localizá-los.

— Eu saí da galeria às nove e meia. — Alina acendeu a luz e dirigiu-se para o telefone, ao lado do sofá.

— Já são quase meia-noite e meia — Jonas falou, com tamanha rispidez que ela se voltou para ele. — Onde esteve?

Ela não estava com vontade de brigar. Estava tensa e cansada e ele era a última pessoa com quem desejaria ter um confronto.

— Acho que não é da sua conta.

— Pro inferno se é ou não da minha conta. Onde diabos esteve?

Alina não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Era mesmo uma cena de ciúmes! Ele a afastava a todo momento e, agora, tinha a petulância de exigir explicações sobre onde estivera? Incrível. Cruzando os braços, encarou-o com firmeza.

— Não acredito que deva explicações sobre onde passei nem as últimas três horas, nem mesmo os últimos três minutos, Jonas Whitehorn.

Os dois se encararam. Fechando os punhos, Jonas deu um passo à frente. Quando percebeu que não conseguiria forçá-la a dizer onde estivera, ele respirou profundamente e passou a mão pelo cabelo.

— Olhe — recomeçou mais calmo —, só quero saber onde meu avô está. Estou um pouco nervoso, me desculpe. Não me preocuparia se estivéssemos em casa, mas estamos em Los Angeles. Achei que compreenderia minha preocupação.

Alina expirou lentamente, deixando a tensão sair de seu corpo junto com o ar. Era claro que compreendia, Los Angeles tinha todos os problemas comuns à maioria das cidades grandes. Não era uma boa idéia passear a pé de noite pelas ruas escuras, especialmente em se tratando de um homem idoso e uma jovem cega. Seu coração começou a bater rapidamente ao pensar em tudo que poderia ter acontecido aos dois.

Fazendo um esforço para não entrar em pânico, tentou pensar com frieza.

— Já esteve no restaurante onde eles disseram que iriam jantar? — perguntou enquanto ligava para o apartamento que Kelly ocupava em cima da galeria.

Ele fez um gesto afirmativo.

— Eles já estavam fechando quando eu cheguei lá. O gerente me disse que

eles haviam Jantado e ido embora há muito tempo.

— E o bar onde iam ouvir poesias?

— Também não estavam lá. Estive em todos os outros bares da região, mas nem sinal deles.

— Droga!

— O que foi?

— A secretária eletrônica de Kelly está ligada.

Jonas murmurou um palavrão, arrancou o telefone das mãos dela e ligou para o hotel. Não obteve resposta. Bateu o telefone, agarrou a mão de Alina e saiu do apartamento puxando-a atrás de si.

Alina já estava com as chaves da galeria na mão quando Jonas parou a caminhonete e ela desceu correndo em direção à porta. Tinha repetido a si mesma e a Jonas, durante todo o percurso, que eles deviam estar bem, que tinha certeza que nada errado havia acontecido. Afinal de contas, nem Kelly nem Águia Azul eram mais adolescentes. Também não eram burros. Kelly sabia como cuidar de si mesma, talvez mais ainda do que as pessoas comuns. Era muito provável que estivesse em sua cama, dormindo profundamente. Águia Azul devia estar no hotel. Provavelmente nenhum dos dois ouvira o telefone tocar.

Ainda assim, estava com as mãos trêmulas ao colocar a chave na fechadura. Ao entrar na galeria, olhou para a luz verde do alarme e ficou tensa.

Jonas, que vinha entrando logo atrás, percebeu sua agitação.

— O que foi? — perguntou por entre os dentes.

— O alarme — ela disse indicando o painel. — Não foi ligado. Kelly jamais se esqueceria de ligá-lo.

Ele a puxou para dentro e fechou a porta sem fazer barulho. Ficaram mergulhados na escuridão, em silêncio e alertas a qualquer barulho. Não ouviram nada.

— Onde é o apartamento dela? — Jonas perguntou baixinho.

— Subindo as escadas, à esquerda.

Quando seus olhos se acostumaram ao escuro, moveram-se vagarosa e silenciosamente escada a cima. A imaginação de Alina estava trabalhando a todo vapor. E se Kelly e Águia Azul tivessem sido seguidos até em casa? Alguém podia ter forçado a entrada e...

Pare, ordenou a si mesma. Talvez a irmã só tivesse chegado cansada e se esquecido de ligar o alarme. Era exatamente por isso que queria que a irmã fosse

morar com ela. Bem, quer Kelly gostasse ou não, Alina decidiu, teriam uma conversa muito séria a esse respeito. Talvez não naquela noite, mas no dia seguinte, com toda a certeza.

Agarrando-se fortemente ao braço de Jonas, Alina o seguiu escada acima. Havia luz embaixo da porta e ambos pararam para ver se ouviam algum ruído. Ela podia ouvir as batidas do próprio coração e um outro barulho, constante, como que de um motor. Sabia que já o tinha ouvido, mas não conseguia identificá-lo.

Alina tinha as palmas das mãos suadas quando virou a maçaneta. A porta se abriu e a luz se espalhou pela escada. De respiração presa, agarrando Jonas pelo braço, ela o seguiu para dentro do aposento.

Pararam, surpresos.

Kelly estava sentada em frente a um torno de barro, tendo Águia Azul a seu lado. Tocava o torno com um dos pés, hesitantemente, enquanto trabalhava um pedaço de barro vermelho. Mordia o lábio inferior, intensamente concentrada em sua tarefa.

Alina respirou fundo, aliviada, e olhou para Jonas. As linhas ao redor de sua boca tinham se suavizado e seus ombros, aos poucos, relaxaram. Com ar de quem havia chegado ali por acaso, entrou na sala.

Águia Azul sequer levantou os olhos.

— Alô, Jonas.

— Alô, vovô.

As mãos de Kelly escorregaram na superfície do barro molhado. Ela levantou a cabeça.

— Jonas! O que o trouxe aqui?

— Alina e eu estávamos um pouco preocupados porque não conseguíamos encontrá-los.

— Alina está aqui, também?

— Sim, — A moça deu passo para frente e olhou para o barro pegajoso. — Deixou a secretária eletrônica ligada e eu não consegui falar com você.

— Oh! — Sua expressão era arrependida. — ia desligá-la quando chegamos, mas acabei esquecendo quando começamos a trabalhar com o barro. Que horas são?

— Uma da manhã. Kelly arregalou os olhos.

— Não pode ser! Chegamos aqui as dez e não pode ter se passado três horas. Ou pode?

Águia Azul riu com suavidade.

— Não tinha me dado conta das horas passadas.

— Aqui não é Sedona. Você devia ter telefonado para me avisar — Jonas disse, com severidade.

— Tem razão. Peço desculpas por tê-lo deixado preocupado. Não era essa a minha intenção.

Águia Azul olhou para o braço do neto que Alina continuava a segurar com firmeza. Envergonhada, ela o largou e foi se postar atrás de Kelly.

— O que está fazendo?

— Águia Azul está me ensinando a trabalhar com barro — a moça respondeu, tocando o barro molhado.

Águia Azul sorriu quando ela se Virou para ele.

— Ela é uma boa aluna.

Kelly sentiu a garganta se apertar ao ver o brilho no rosto da irmã. Brilho que nada tinha a ver com o olhar. Era um brilho interno, que vinha do espírito, algo que havia desaparecido desde o acidente. Sorrindo, Alina agradeceu Águia Azul com o olhar. Ele sorriu de volta e fez um pequeno movimento com a cabeça.

— Mas onde conseguiu o material e o torno a essa hora da noite?

— John Raskin.

Alina se lembrou do artista. Havia feito uma ou duas exposições na galeria.

— John Raskin trabalha com bronze, não com barro.

— Agora ele trabalha com bronze, mas começou como ceramista. Quando Águia Azul sugeriu que eu experimentasse trabalhar com barro, telefonei a ele e perguntei se, por acaso, ainda tinha um torno que pudesse emprestar. E ele trouxe tudo para cá, imediatamente. — Ela enterrou os dedos no barro. — Não foi uma grande idéia?

Melhor do que isso. Águia Azul tinha dado algo muito mais precioso, mais valioso do que diamantes ou ouro. Tinha lhe dado esperança.

— Vou levar Alina para casa, avô. — Jonas pegou o braço da moça. — Por que não telefona para o hotel quando tiverem terminado? Eu virei buscá-lo.

O sorriso de Kelly desapareceu.

— Por que não vai para o hotel agora, com Jonas? Deve estar exausto. Talvez amanhã, se tiver um tempinho, possa voltar para trabalhar comigo mais um pouco.

— Não estou cansado — Águia Azul insistiu. — Vamos terminar a sua primeira peça.

O rosto de Kelly se iluminou.

— Você poderia dormir no sofá, se não se importar. Ou eu durmo no sofá e você, na minha cama.

— O sofá está ótimo. — Águia Azul olhou para Jonas. — Pode me pegar, amanhã de manhã.

Águia Azul ia dormir aqui? No apartamento de Kelly? Atônita, Alina olhou para Jonas que se limitou a levantar os ombros.

Fazendo uma careta para a sujeira que cobria as mãos da irmã, Alina deu-lhe um abraço e se despediu de Águia Azul. Jonas saiu com ela do apartamento e desceram as escadas. Abriu a porta para ela, depois que a moça ligou o alarme.

— Seu avô é um homem muito especial — Alina disse suavemente quando pararam na calçada em frente da galeria.

— Também acho — ele concordou passando um braço pelo ombro dela.

Alina aconchegou-se a ele, sentindo necessidade de compartilhar a felicidade que sentia com alguém.

— Desde o acidente, nenhum artista a tratou como uma igual. Abri essa galeria com o dinheiro que meus pais deixaram para que ela pudesse estar envolvida no meio artístico, mas sei que isso nunca foi suficiente. — Ela suspirou e olhou para a placa com o nome da galeria. — Quando ela soube que nunca mais seria capaz de pintar outra vez, foi como se algo morresse em seu íntimo.

Jonas olhou para o interior escuro da galeria. Parecia estar em outro mundo e Alina perguntou-se se notara que a estava abraçando com mais força. Seus braços eram fortes, mas, ao mesmo tempo, ternos. Ela virou o rosto e o apoiou no peito largo, deliciando-se com o cheiro masculino. Queria poder mergulhar nele.

Um carro passou por eles, espirrando água na calçada, mas nenhum dos dois deu-lhe atenção.

— Eu quase não sobrevivi ao primeiro ano após a morte de Joey. Por algum tempo tentei beber para não me lembrar o que acontecera. Não funcionou, a dor estava sempre presente. Depois, mergulhei no trabalho. Kelly nunca teve essa opção.

Alina pousou as mãos no peito dele e levantou a cabeça para encará-lo.

— Como posso agradecer a Águia Azul? O que a gente diz quando alguém

nos dá algo tão especial que não há palavras para descrever?

— Talvez o melhor seja não dizer nada. Deixe o silêncio falar por você. — Ele respondeu acariciando-a distraidamente.

Jonas olhou para baixo e a encarou. Os olhos azuis que tanto admirava estavam cheios de lágrimas. Darlene nunca chorara de felicidade por alguém que amasse. Ela só sabia chorar de pena de si própria. Algo mudou dentro dele. Sentia uma ternura por Alina que jamais sentira por outra mulher.

Com Darlene, tinha tido atração física mas nunca sentira carinho ou ternura por ela. Quando dissera não ter sentido nada com sua partida, estivera dizendo a verdade.

Mas, que tipo de marido tinha sido? Será que poderia ter lutado mais para salvar seu casamento? Teria ele sido realmente capaz de escutar a ex-esposa e de apoiá-la nos momentos importantes? Só com o filho experimentara o tipo de amor profundo e incondicional. Nunca poderia abrir-se novamente para outra pessoa daquela forma, pois não podia arriscar-se a sofrer. Quando se ama alguém tão completamente, a pessoa se toma o centro da sua vida e perdê-la significa perder parte de si mesmo.

— Jonas — Alina falou baixinho —, eu estive com Sheldon essa noite. Ficamos trabalhando aqui na galeria até tarde e depois fomos comer alguma coisa.

Ele sabia que não tinha o direito de perguntar, mas não se conteve.

— Vocês passam muito tempo juntos? Ela riu.

— Sim, Jonas. Passamos muito tempo juntos durante o dia. À noite ele costuma passar o tempo dele com a esposa.

Jonas sentia-se um tolo por sentir alívio.

— Ah.

— Ah, o quê?

— Nada, só ah.

Suspirando, ela passou um braço ao redor da cintura dele. Quase podia ouvir seus pensamentos. Jonas, você é um idiota.

Se ao menos ele a tivesse conhecido em outra época, em outro lugar. As coisas poderiam ter sido tão diferentes!

Mesmo assim, resolveu aproveitar o momento. Deliciar-se com a sensação de ter o corpo dela junto ao seu. Compartilharia de sua alegria, pois estava orgulhoso do que o avô fizera por Kelly. Embora, a princípio, tivesse sido contra aquela viagem, estava mudando de idéia. Águia Azul ficaria feliz por ter

atendido aos conselhos dos espíritos, Kelly tinha se reconciliado com a arte e, em alguns dias, se a exposição fosse um sucesso, Alina ficaria feliz também. Quando tudo estivesse terminado, ele e Águia Azul voltariam para casa. Todos teriam realizado seus sonhos.

CAPÍTULO VIII

Parece que temos um vencedor em nossas mãos, Alina. Alina virou-se ao ouvir a voz de Sheldon. Ela havia se refugiado em um canto da sala, observando as pessoas que visitavam a exposição. O cheiro de perfume francês se misturava ao dos salgadinhos. Ao fundo, ouvia-se um concerto de Mozart.

— É o mínimo que se pode dizer, Shel. Vendemos três peças nos últimos quinze minutos, totalizando dez vendas. Nada mau, se pensarmos que representa só uma hora de nosso trabalho.

Ele balançou afirmativamente a cabeça, sorrindo com evidente prazer.

— A sra. Florsteen está tentando se decidir entre Nuvem de Tempestade e Sombra de um Sonho. Apresentei-a a Águia Azul e ele vai ajudá-la a escolher.

Alina dirigiu o olhar para a atraente senhora que ouvia atentamente as explicações do artista sobre sua obra. Com uma camisa branca, jeans de marca e paletó esporte, Águia Azul estava excepcionalmente bonito. Havia amarrado o cabelo prateado com um fio de couro e usava um colar de prata e turquesa no pescoço. Conhecendo o charme de Águia Azul, Alina teve certeza de que a sra. Florsteen acabaria comprando ambas as peças.

— Que pena que Gail não pôde vir.

— Ela ficou inconsolável, mas está com uma gripe muito forte.

— Diga-lhe que estimo suas melhoras.

— Talvez seja melhor telefonar a ela. Talvez eu não volte para casa por uns dois dias, a fim de evitar o contágio — ele brincou. — Oba! A sra. Florsteen está me chamando.

Alina viu-o se afastar, pensando na sorte que haviam tido por ele ter vindo trabalhar na galeria. Tinha muita prática e estava ajudando a construir a reputação da KellyAlina. Um dia, no futuro, entraria como sócio.

Observando os convidados, o olhar da moça se deteve, pela milionésima vez, em Jonas. Estava entretido, conversando com Kelly. Como sempre, o rosto da irmã revelava intensa animação, fazendo movimentos graciosos com as mãos, enquanto falava. Estava linda, em um conjunto de seda roxa. Na verdade, ela e Jonas, em seu temo risca-de-giz, faziam um casal muito atraente. Alina teve de lutar contra a onda de ciúmes que a invadiu.

Basta, disse para si mesma. Basta de pensar em Jonas Whitehorn. Ele tinha demonstrado muita ternura, dois dias antes, quando ela ficara tão emocionada em ver a irmã tentando trabalhar o barro. Depois, porém, havia voltado à sua frieza habitual, evitando ficar a sós com ela. Especialmente na noite anterior. Haviam combinado de jantar os quatro juntos, mas, na última hora, Kelly e Águia Azul tinham decidido ter mais uma aula de cerâmica. Jonas, imediatamente havia se desculpado, dizendo que precisava acabar um relatório.

Ela teve vontade de gritar e jogar um balde de água fria para acordá-lo. Faria qualquer coisa chocante, desde que conseguisse trazê-lo de volta ao mundo dos sentimentos e das sensações.

Não podia, contudo. Ela não podia mudá-lo. Ele é que teria de fazer esse esforço. Se quisesse.

Quanto tempo uma mulher apaixonada esperaria?

— Um tostão pelos seus pensamentos. Quase pulou, de tão assustada, ao ouvir a voz de Jonas assim próxima.

— Oh... Não vi você se aproximar.

Ele, ao contrário, não tinha conseguido desgrudar os olhos dela desde que chegara. Caracóis ruivos emolduravam o seu rosto, mas, o cabelo preso em um coque alto, atrás, deixava descoberto o pescoço esguio. O chique vestido preto fazia-o pensar nas curvas suaves do corpo feminino. Na verdade, queria ir além do pensar. Queria enfiar as mãos por debaixo do vestido, sentir o calor da pele, senti-la úmida e pronta para ele...

Maldição! Tinha de parar. Precisava se controlar. Nem mesmo os banhos frios estavam ajudando. Agora, quando acordava de madrugada, seus sonhos não eram mais com Joey. Eram sonhos eróticos com Alina, alimentados pelas lembranças sensuais da tarde que haviam passado juntos e pelas fantasias de noites futuras.

Eram só fantasias, entretanto. Iria embora no dia seguinte e nem que precisasse de uma tonelada de gelo para não pôr as mãos nela, não a tocaria.

— Meu avô está fazendo um grande sucesso, não é? — perguntou para desviar a atenção de Alina.

— Muito, mesmo.

Ela nem o olhou. Continuou sorrindo e acenando para conhecidos e fregueses. Jonas sentia o sangue se acelerar só pelo fato de estar próximo a ela. Tinha evitado o jantar do dia anterior porque sabia que não conseguiria ficar a sós com ela sem tocá-la. Seu auto-controle o tinha empurrado para o limiar da dor. Um único olhar dela o faria agarrá-la com toda a força.

Pense na exposição, aconselhou a si mesmo.

— Águia Azul lhe contou o que pretende fazer com esse dinheiro que o está ajudando a ganhar?

Ela se moveu, com toda formalidade.

— Sim. Ele me disse que vai doá-lo para um centro de artes para deficientes físicos, em Scottsdale.

Ele deixou o olhar se demorar nos brincos pingentes de pérolas, que enfeitavam as orelhas de Alina, para, depois, descer lentamente pela curva do pescoço gracioso, chegando até a elevação dos seios. Sentiu o imediato enrijecer da parte inferior do corpo. Sabia que a pele dela era tão acetinada quanto às pérolas e desejava ardentemente senti-la sob seus dedos, perder-se no fogo líquido que ela trazia dentro de si.

Pro inferno com a exposição, pro inferno com a decisão de manter-se a distância. Aquela era a última noite que passariam juntos e não queria partir deixando uma barreira de gelo entre eles.

— Você está linda, Alina.

— Obrigada.

— Também está com um cheiro delicioso — ele murmurou aproximando-se para poder sentir melhor o perfume que exalava de seu cabelo. Quase podia sentir as batidas do coração dela junto ao seu.

Levantou a mão e segurou um dor cachos ruivos entre seus dedos. O desejo que sentia o estava quase deixando sem fôlego.

— Alina, querida — uma voz esganiçada os interrompeu —, será que você poderia me dar uma lista de preços? Estou louca pela pequena escultura daquele canto.

Jonas abaixou o braço e deu um passo atrás. Uma mulher baixa e gordinha, vestida num macacão de cetim vermelho, estava abrindo caminho na multidão e aproximava-se deles rapidamente.

— Claro, sra. Billings. — Alina se afastou sorrindo para a mulher. — Vamos ver a peça juntas, assim posso responder qualquer dúvida que tenha.

Dividido entre frustração e alívio, Jonas a observou se afastar. Sabia que se tivessem permanecido ali, parados, por mais três segundos ele a teria agarrado.

Mais um dia, disse para si mesmo, só tinha que sobreviver mais um único dia.

Esforçou-se para relaxar. Esperou seu coração acalmar-se e atravessou o salão para juntar-se ao avô que estava fascinando uma senhora muito distinta

com uma das muitas lendas indígenas que conhecia.

Águia Azul parou de falar quando Jonas se aproximou.

— Ah, Jonas, aqui está você. Gostaria de apresentá-lo para a sra. Florsteen...

— Elizabeth — ela o corrigiu. Águia Azul sorriu.

— Elizabeth, este é o meu neto, Jonas Whitehorn.

A senhora apertou a mão de Jonas e fez um sinal de aprovação.

— Um rapaz muito bonito. — Ela olhou para Águia Azul e sorriu. — Puxou ao avô.

A mulher estava flertando com seu avô, Jonas percebeu incrédulo. Ela era uns dez anos mais nova que o artista, devia estar com setenta e poucos anos.

— Elizabeth me convidou para jantar, Jonas. Espero que não se incomode de passar a noite sozinho.

— Você está convidado a juntar-se a nós, é claro — ela ofereceu.

Jonas compreendeu que a boa-educação a obrigava a incluí-lo no convite, mas sua voz não demonstrava muita convicção.

— Sinto muito, mas infelizmente já fiz outros planos para esta noite. — Como tomar um bom banho gelado, pensou olhando para Alina do outro lado do salão. Jonas franziu o cenho ao ver que Sheldon conversava com ela e que ambos pareciam preocupados. — De qualquer forma, obrigado pelo convite. Agora, se me derem licença, preciso falar com Alina. — Ele virou-se para a Sra. Florsteen e segurou sua mão. — Foi um prazer conhecê-la, Elizabeth. Espero vê-la novamente.

Jonas abriu caminho até onde Alina e Sheldon estavam confabulando.

— Algum problema?

— Temo que sim — Sheldon respondeu aflito. — Minha sogra acabou de telefonar dizendo que levaram minha esposa para o hospital. Ela está gripada e parece que está com uma febre alta demais. Preciso ir embora. — Ele pegou as chaves do carro do bolso. — Ah, Jonas, Alina veio comigo e está sem carro. Será que poderia levá-la para casa?

Alina olhou para Jonas.

— Não é preciso, eu posso...

— Eu a levarei — Jonas a interrompeu dirigindo-se ao outro homem. — Pode ir sossegado.

Alina beijou Sheldon, no rosto.

— Telefone assim que tiver notícias.

O gerente saiu apressado, deixando Alina e Jonas parados num canto, olhando um para o outro.

— Jonas, posso chegar sozinha em casa. Além disso, conheço muitas das pessoas que estão aqui. Posso pedir carona para qualquer uma delas.

— Eu disse que a levaria para casa. — Ele percebeu que ela não o queria por perto e isso o deixava irritado. — Vai precisar de ajuda para fechar a galeria e, além disso, Águia Azul vai jantar com a sra. Florsteen, portanto não tenho nenhum compromisso para essa noite.

Ela levantou o queixo para encará-lo:

— A exposição acaba daqui à uma hora. Depois disso, devo levar uns trinta minutos para colocar a papelada em ordem.

Sua indiferença o estava deixando maluco. Estava com medo de agarrá-la e beijá-la até fazer aquele tom gélido desaparecer de sua voz. Ao invés disso, enfiou as mãos nos bolsos.

— Não tem problema, eu espero. Ele cumpriria seu dever, Alina pensou desanimada, mesmo que isso significasse ter que ficar sozinho com ela.

— Se me der licença, preciso circular. — ela se afastou dele, determinada a não deixá-lo perceber o quanto a magoava. Colocou um sorriso nos lábios e atravessou o salão, parando aqui e ali, para cumprimentar conhecidos. Quando notou que a sra. Florsteen lhe fazia um sinal, aproximou-se dela e de Águia Azul.

— Alina, a escolha entre Nuvens de Tempestade e Sombra de Sonho é muito difícil. Por isso, resolvi comprar os dois — ela declarou sorrindo para Águia Azul.

— Isso é ótimo, sra. Florsteen! Vou procurar Kelly para que possa combinar com ela os detalhes da entrega.

— Posso encontrá-la sozinha, querida. Fique aqui tomando conta de Águia Azul para mim, sim?

— Claro! Será um prazer.

Parecia que o velho índio tinha causado uma excelente impressão.

— Volto num minuto — ela disse para Águia Azul. — Não desapareça.

Águia Azul sorriu e garantiu que esperaria por ela. Alina poderia jurar que a mulher estava completamente apaixonada.

— É uma mulher charmosa — Águia Azul comentou.

— Então vocês já têm algo em comum. Ele sorriu.

— Ela me convidou para jantar.

— Jonas me contou. — Alina olhou para Jonas que estava ali perto discutindo uma das tapeçarias do avô com Valerie Shorn, uma atriz de novelas. Seu estômago deu um nó ao perceber que a atriz não olhava para a peça mas sim para ele.

— Você gosta muito dele, não é?

Alina ficou corada ao perceber que Águia Azul notara seu olhar apaixonado. Tentou negar, mas, não sabia bem por que, não conseguia mentir para ele.

— Sim, gosto.

O velho pareceu satisfeito.

— Jonas é um homem teimoso. Alina riu.

— Você está sendo bondoso.

— Eu lhe disse uma vez que ele tem que aprender a andar com o vento. Ele luta contra os Espíritos e contra seu próprio coração, mas não conseguirá evitar o destino.

— Destino? E qual é o destino dele? Águia Azul olhou-a bem dentro dos olhos.

— O vaso que você comprou em Scottsdale é especial.

— Sei disso. De todo o seu trabalho, é a peça de que mais gosto.

Ele sorriu.

— Isso ocorre porque seu passado e futuro estão entranhados no barro. Seu destino foi entrelaçado no couro que envolve o pescoço do vaso.

Passado, futuro, destino! Ela franziu as sobrancelhas.

— Não estou entendendo o que está dizendo.

— Eu fiz aquele vaso para você, Alina.

— Para mim? — Alina estremeceu. — Mas nós não nos conhecíamos quando fez o vaso. Como pode tê-lo feito para mim?

— Há dois meses atrás, durante uma das minhas viagens, os Espíritos dos Antepassados me deram o poder de ter uma visão. Nessa visão, vi meu bisneto, o filho de Jonas, deitado ao lado de um vaso decorado com couro, miçangas e uma pena. Uma águia preta apareceu, pegou o vaso em suas garras e foi embora, levando-o consigo. Momentos mais tarde, o vaso reapareceu, trazido por uma pomba branca. O vaso foi abençoado pelos espíritos, Alina. Você é a pomba que o trouxe de volta. — Ele fez uma pausa e segurou as mãos dela que estavam geladas. — Quando apareceu com o vaso, eu soube que era a mulher escolhida

pelos Espíritos dos Antepassados para ser a esposa de meu neto. Esposa! Alina sentiu seu coração parar de bater. Águia Azul acreditava que ela e Jonas se casariam? Por causa de um vaso? Um garçom passou por ela, carregando uma bandeja com taças de champanhe. Alina pegou uma taça e deu um longo gole no líquido refrescante.

— Águia Azul — ela começou cuidadosamente —, por favor, perdoe-me, mas acho que não estou compreendendo.

— Não tem importância — ele assegurou sorrindo. — Entenderá tudo no devido tempo.

Embora tivesse grande respeito e admiração por Águia Azul e suas crenças, Alina não conseguia aceitar o que ele dizia. Olhou para Jonas novamente e desejou, de todo coração, poder acreditar que aquilo fosse verdade. Sabia, entretanto, que isso não era possível.

Ela voltou-se para Águia Azul.

— Seu neto sabe disso?

Ele balançou a cabeça num sinal negativo.

— O coração de Jonas é muito parecido com os olhos de Kelly. Ele precisa aprender a seguir o caminho e conquistar seu medo antes que possa enxergar o que está diante dele.

O fato dela acreditar ou não naquelas coisas não vinha ao caso. O fato era que Águia azul acreditava e seria muito rude de sua parte questioná-lo.

— Bem — ela disse tentando parecer despreocupada —, prometo-lhe que será o primeiro a saber das novidades.

— Sei disso. — Águia Azul sorriu. — Você foi escolhida por muitas razões, sendo sua honestidade a principal delas. Lembre-se disso quando a águia alçar vôo.

Ela teria perguntado o que ele queria dizer com aquilo, mas a sra. Florsteen aproximou-se deles e era óbvio que queria ficar sozinha com Águia Azul. Alina pediu licença e se afastou para dar atenção aos outros convidados. Estava tentando se concentrar em sua tarefa, mas não conseguia livrar-se da sensação incômoda de estar sendo observada o tempo todo. Era como se alguém estivesse sussurrando ao seu ouvido. Virou-se esperando deparar-se com o olhar de Águia Azul, mas ele estava atento à conversa com a sra. Florsteen.

Passeou o olhar pelo salão e ficou gelada ao deparar-se com Jonas observando-a com intensidade. Ele estava conversando com um artista conhecido, mas olhava para ela por sobre os ombros do homem. As palavras de Águia Azul não saíam de sua cabeça. Os espíritos a escolheram... destino...

Esposa.

Seu coração acelerou-se e ela desviou o olhar rapidamente. No que se referia ao seu relacionamento com Jonas, o único espírito envolvido era o da carne. O fato de que se apaixonara por ele era seu azar.

O vaso é abençoado.

Estava exausta. Massageando a testa com a ponta dos dedos, recostou-se na cadeira e tentou relaxar. Olhou pela porta de vidro para onde Kelly se despedia de Valerie, a atriz de novelas, enquanto Jonas acomodava uma escultura no carro esporte preto. Alina podia ver que Kelly estava falando com a mulher, mas era óbvio que esta estava bem mais interessada em Jonas. Podia compreender que alguém como ela fosse capaz de interessá-lo, pois era do tipo que aceitaria um relacionamento que não envolvesse compromisso emocional. Entre eles não haveria sentimento de culpa. Seriam apenas dois adultos se divertindo.

Certamente ninguém mencionaria a palavra casamento.

Estava surpresa com a imaginação fértil de Águia Azul. Sabia que ele desejava ver o neto feliz, mas daí a acreditar que o vaso tivesse poderes mágicos já era um pouco demais.

Alina sobressaltou-se com o som da porta da galeria sendo aberta. Abriu os olhos e observou a irmã caminhando em sua direção. Não se cansava de admirar a forma graciosa com que Kelly se movia pela galeria, parecendo sempre saber exatamente aonde estava indo.

— E aí, como nos saímos?

Alina olhou para a papelada que estava em cima da escrivaninha à sua frente e fez alguns cálculos rápidos.

— Bem, tivemos vinte e sete peças vendidas, quatro reservas e seis encomendas de trabalhos especiais.

Kelly sorriu.

— Eu sabia que seria um sucesso. Ouvi dizer que a crítica de Brian Youngston será favorável.

— Ele esteve aqui durante todo o tempo. Está até cogitando comprar uma das tapeçarias.

— Brian Youngston comprando obras de artistas desconhecidos? Isso é que é uma boa notícia! Sheldon ficará feliz quando souber.,

— Ele já sabe. Ligou agora a pouco para dizer que Gail já está melhor e recebeu alta. Ele pretendia levá-la para casa ainda hoje.

— Que bom. — Kelly suspirou aliviada. — E então? Você e Jonas vão sair

para comemorar o sucesso?

Alina voltou a olhar para fora. A atriz estava inclinada na direção de Jonas, deixando-o ter uma boa visão dos seios famosos. Alina esforçou-se para não parecer irritada.

— Não, não vamos comemorar. Ele me levará diretamente para casa.

— Mas ainda é cedo — Kelly protestou. — Alguém tem que comemorar! Essa é a tradição.

Valerie acenou para Jonas e deu a partida no carro. Ele ficou parado na calçada, sorrindo como um idiota enquanto ela partia.

Alina franziu o cenho e voltou sua atenção para a papelada à sua frente. — Saia com ele, então.

Kelly bocejou um tanto exageradamente.

— Oh não, eu não posso. Tenho que ir para cama pois Águia Azul virá bem cedo amanhã para me dar mais uma aula, antes dele e Jonas partirem.

As duas mulheres olharam para a porta quando Jonas entrou sorrindo. Alina controlou-se para não fazer uma careta.

— E aí? — ele perguntou. — O que querem que eu faça?

— Não há mais nada para fazer — Alina respondeu desligando a máquina de calcular. Já terminei tudo. Se quiser, podemos ir embora.

Jonas olhou para seu relógio de pulso.

— Ótimo.

Ele parecia muito ansioso para ir embora. Provavelmente marcara um encontro com a atriz. Alina sentiu seu coração partir-se em mil pedaços, mas estava cansada demais para lutar contra a depressão que ameaçava invadi-la.

— Só preciso de um minuto para trancar tudo.

— Pode deixar que faço isso — Kelly ofereceu. — Podem ir embora.

Alina pegou sua bolsa, a pasta com os papéis referentes à exposição e o vaso de Águia Azul que ainda estava sobre sua mesa.

Jonas lançou-lhe um olhar interrogativo.

— Como temos muitas obras de seu avô aqui na galeria, decidi levar meu vaso para casa — ela explicou.

Ele fez menção de carregá-lo para ela, mas Alina recusou a ajuda.

— Eu mesma o carrego, obrigada.

Jonas deu de ombros e desejou boa noite a Kelly.

— Telefone-me de manhã, quando terminar sua aula, Kel. Posso vir para cá

mais cedo para almoçarmos juntas. — Alina abraçou a irmã.

A noite estava quente, por isso mantiveram as janelas do carro abertas enquanto dirigiam-se para casa. Alina reclinou-se no banco, fechou os olhos e deixou o vento bater em seu rosto. Estava tentando não pensar no fato de que Jonas partiria no dia seguinte e que aquela seria a última vez que ficariam sozinhos. Ficou ouvindo ao silêncio entre eles e perguntou-se como conseguira apaixonar-se tão completamente por ele em tão pouco tempo. Não sabia como continuaria vivendo sem ele.

Jonas estacionou o carro na garagem subterrânea e desligou o motor. Antes que pudesse impedi-lo, deu a volta no carro e abriu a porta para ela.

Segurando o vaso com firmeza, ela desceu da caminhonete.

— Obrigada, agora posso me virar sozinha. Desejou-lhe boa noite e caminhou para o elevador. Nem bem chegara lá, Jonas apareceu ao seu lado segurando sua pasta de papéis.

— Vou ajudá-la a subir com as coisas.

Pensou em protestar, mas era óbvio que precisava de ajuda. Permaneceram em silêncio durante a viagem de elevador e, quando ela tirou o chaveiro da bolsa, ele o pegou de sua mão. Ao chegarem ao apartamento, Jonas abriu a porta e a seguiu para dentro, acendendo a luz da sala.

Os dois permaneceram parados no centro da sala por um longo tempo. Finalmente, Jonas fechou a porta atrás de si e jogou o chaveiro sobre a mesinha de centro. Quando se aproximou, Alina sentiu seu coração disparar.

Ela não fez nenhum movimento para aproximar-se dele, mas sustentou seu olhar. Suas faces estavam coradas e seus lábios entreabertos.

Era como estar sobre areia movediça, Jonas pensou. Se lutasse, seria engolido. Era melhor entregar-se, deixar-se ir.

Seus braços e pernas estavam pesados e seus movimentos pareciam estar sendo feitos em câmera lenta. Ergueu uma mão para tirar uma mexa de cabelo que caía sobre os olhos dela, Alina prendeu a respiração e fechou os olhos. Ele deslizou a mão pelo seu rosto e acariciou seus lábios. Ela estremeceu quando ele levou a mão até sua nuca e soltou os grampos que prendiam o cabelo num coque.

Alina abriu os olhos e viu o desejo estampado nas feições masculinas. Apertou os braços ao redor do vaso que ainda estava segurando. Jonas segurou suas mãos e o tempo pareceu parar.

Alina esforçou-se para respirar, para pensar, mas não conseguia. Podia ver e sentir as emoções que passavam dentro dele. Ele a queria, mas dessa vez era mais do que sexo. Ele a queria. Uma onda de felicidade a invadiu e ela inclinou-

se para ele querendo dizer-lhe, mostrar-lhe como se sentia.

Eu te amo.

As palavras apareceram na mente de Jonas tirando-o do transe em que se encontrava. Ouvira-as tão claramente como se tivessem sido ditas, mas isso não ocorrera. O único som no apartamento era o do trânsito distante. Ainda assim, as palavras ecoavam em sua mente. Eu te amo.

Ficou apavorado. Desejava-a como nunca desejara nenhuma outra mulher. O que sentia por ela também era um sentimento novo. Sabia entretanto que não poderia dar-lhe o que queria e precisava. Ela merecia mais do que ele estava disposto a dar.

Deixou o braço cair e deu um passo atrás. A princípio, ela parecia chocada e magoada. Logo, porém, a expressão de dor nos olhos azuis foi substituída por raiva.

— Saia daqui — ela pediu secamente dando-lhe as costas e se afastando. Colocou o vaso sobre a mesinha de centro e continuou de costas para ele.

Algo rompeu dentro de Jonas enquanto a observava afastar-se. Será que não compreendia que estava justamente tentando não magoá-la? Que droga, estava tentando protegê-la!

De repente, ficou furioso. Saia daqui! A necessidade de tocá-la e consolá-la o estava partindo em dois.

Avançou pela sala como um louco, segurou-lhe os braços e puxou-a para si.

— O que quer dizer com isso?

Os olhos dela ainda brilhavam de raiva.

— Não é preciso ser nenhum gênio para compreender. Estou dizendo que quero que vá embora. Agora.

Ela estava ofegante e Jonas estava consciente dos seios pressionados contra seu peito. O corpo dela estava tremendo e ela segurava a camisa dele com força. Jonas só conseguia pensar na maciez daquela pele e daqueles lábios. Inclinou a cabeça para beijá-la, mas ela virou o rosto.

— Vá para o inferno, Jonas Whitehorn! Por que está fazendo isso comigo? — perguntou num sussurro.

Ele deslizou uma mão por suas costas e agarrou um punhado de cabelo, puxando sua cabeça para trás.

— Juro como também gostaria de entender — respondeu com a voz rouca antes de cobrir os lábios dela com os seus.

CAPÍTULO IX

Ele a beijou vorazmente, como se estivesse prestes a morrer sem esse alimento. Ela perdeu a respiração quando ele a apertou entre os braços e a levantou do chão. Sua boca era exigente e a língua, insistente. Ela sabia que devia parar no mesmo momento. Dessa vez, quando partisse, ele levaria não só seu coração, mas sua própria alma. Era impotente, entretanto, para combater o que sentia. Enlaçou-lhe o pescoço e correspondeu ao beijo. Um som gutural, saiu da garganta de Jonas. Encostou-a a parede, enfiou o joelho entre as pernas dela e puxou-lhe o vestido até a cintura. Ela abriu as pernas e se agarrou a ele, com desespero, puxando a camisa para fora da calça, desejando poder sentir a pele dele contra a sua. O calor do corpo musculoso queimava seus seios e estômago, contrastando com a parede às suas costas, lisa e fresca. Com um movimento rápido, ele rasgou a frente do vestido. Os botões de pérolas se espalharam pelo chão.

Ele a levantou ainda mais alto e desceu a boca pelo pescoço, até alcançar os seios. Enfiou dois dedos por debaixo do sutiã, abrindo o fecho. Sugou os mamilos eretos, um após o outro. Fogo a consumia. Agarrou-lhe os cabelos, enlouquecida com a força da atração entre eles. Sabia que ele finalmente tinha perdido o controle. Todas as emoções que Jonas mantivera sob mão de ferro estavam soltas. Era amedrontador mas, ao mesmo tempo, terrivelmente excitante.

Ela se moveu contra ele, gemendo, repetindo o seu nome, pedindo que se apressasse. Sentiu o volume entre suas pernas crescer, desafiou o cinto, desceu o zíper, libertando o magnífico membro masculino.

Ambos estavam loucos de desejo. Ele rasgou a calcinha de renda, levantou-a e penetrou-a com um rápido movimento. Ela enterrou as unhas em suas costas. Gritava a cada penetração. Não conseguia mais distinguir entre prazer e dor. As sensações foram se tomando cada vez mais avassaladoras até que, finalmente, ela gritou de êxtase, lutando para continuar respirando à medida que ele acelerava as penetrações. Ele estremeceu violentamente e grunhiu algo ininteligível.

Demorou um pouco antes que pudessem se mexer. Ainda dentro dela, Jonas puxou Alina para mais perto e beijou-lhe os olhos e a testa. Sua respiração ainda não tinha voltado ao normal e ela podia sentir as batidas do coração contra seu peito. Suor fazia os dois corpos brilharem. Com um suspiro de contentamento, ela o abraçou. Devagar, ele a baixou até o chão, aconchegando-a em seus braços.

— Eu a machuquei? — perguntou baixinho. Incapaz de falar, ela balançou negativamente a cabeça.

Ele a beijou.

— Isso nunca tinha acontecido... quero dizer, nunca me comportei assim, antes. — Ele pegou a frente do vestido dela, onde os botões faltavam. — Desculpe-me.

— Não peça desculpas. Foi bom.

O tempo perdeu todo e qualquer significado. Não sabiam se minutos ou horas tinham se passado. Ela nunca mais queria sair dali. Até que ele começou a acariciá-la, outra vez. Suas mãos se moviam com incrível leveza, muito devagar. Exploravam o corpo feminino, tocando aqui, esfregando ali. Ela se remexeu quando ele chegou ao estômago, desceu mais um pouco, brincou com seus pelos encaracolados.

Alina fechou os olhos, sentindo o desejo reacender. Os dedos chegaram mais para baixo, encontrando-a já úmida. Ela estendeu as mãos para ele, removeu as últimas peças de roupa que ainda os separavam. Finalmente nus, entregaram-se à tarefa de dar e receber prazer. Ele movia-se vagarosamente, acariciando-a com as mãos, com os lábios e com a língua. Ela prendeu a respiração quando Jonas segurou suas nádegas, levantando-a. Enterrou as unhas nas costas dele quando ele a penetrou e perdeu o controle. Agarrou-se aos ombros e braços fortes, movendo-se com ele e puxando-o mais para perto. Uma explosão de prazer sacudiu-lhe o corpo e os gemidos de Jonas levaram-na além, até um segundo clímax. Ofegante, soltou o corpo, cansada demais para mover-se.

Ficaram deitados e abraçados durante um longo tempo. Alina abriu os olhos vagarosamente e deparou-se com Jonas olhando-a com intensidade. Sabia que ele estava pensando e que seus pensamentos o estavam deixando confuso e amedrontado. Tinha sentimentos que preferia não ter e Alina pressentia que estava se retraindo, voltando para dentro de sua concha.

Não o deixaria fazer aquilo. Pelo menos por uma noite, queria tê-lo de corpo e alma. Ela o tocara com suas mãos e com seu coração e lhe mostraria o quanto o amava. Abraçou-o pelo pescoço e sussurrou em seu ouvido: — Não pense sobre isso, Jonas. Fique comigo essa noite. — Segurou o rosto dele entre as mãos e o beijou profundamente. Gemendo, Jonas rolou no chão, colocando-a sobre si.

O último pensamento de Alina, antes de entregar-se a ele novamente, foi que, pelo menos por aquela noite, ele seria seu.

Jonas, em pé, olhava pela janela. Estava segurando uma xícara de café e observava o tráfego matinal. O som distante dos motores e de uma ou outra buzina quebrava o silêncio. Virou a cabeça para olhar o relógio sobre o criado-

mudo. Quase nove horas. Seu olhar pousou na cama, onde Alina dormia com um sorriso de satisfação nos lábios. Ele também sorriu ao lembrar-se da noite que passaram juntos.

Resistiu à tentação de voltar para a cama e deitar ao lado dela. Sabia que, se o fizesse, iria querer passar o dia todo lá e a noite também. E todas as noites que ainda estavam por vir. Sentiu um nó no peito e uma enorme angústia. Imaginou-se acordando ao lado dela todas as manhãs. A idéia de tocar sua pele macia e sentir as curvas suaves do corpo feminino de encontro ao seu, dia após dia, o atraía e aterrorizava ao mesmo tempo. Desviou o olhar para a rua outra vez. Iria embora naquele dia. Ambos sabiam disso e a noite que passaram juntos não mudava nada.

Não deveria tê-la tocado, este tinha sido o seu erro. Ficara chocado com a violência com que a possuía na noite anterior, mas ela correspondera às suas necessidades com uma força e abandono que o fizeram atingir um prazer mais intenso do que qualquer outro que experimentara. Pela primeira vez, pôde compreender o instinto selvagem que levava os animais a matarem por sexo.

Instinto que, embora enterrado por milhares de anos e domado pela civilização, ainda vivia dentro dele com uma força inacreditável. A necessidade que sentira de se acasalar com aquela mulher havia sido tão violenta, que nada nesse mundo teria sido capaz de impedi-lo.

Alina foi lentamente recobrando a consciência. Por uns segundos imaginou ter sonhado com os momentos maravilhosos que passara com ele na noite anterior. Seu corpo dolorido e o aroma de café logo a convenceram de que tudo aquilo fora real. Jonas estava ali, em seu quarto, parado perto da janela. Tinha vestido a calça, mas as costas nuas exibiam as marcas de suas unhas. Alina corou. Nunca se imaginara capaz de tal comportamento.

Enquanto o observava, começou a sentir-se vazia e fria como a cama ao seu lado. Ele estava olhando para o fundo da xícara e não era difícil adivinhar que procurava uma forma de dizer-lhe adeus.

Sentiu uma pontada no coração e fechou os olhos para impedir as lágrimas de escorrerem. Teria muito tempo para chorar mais tarde, depois que ele tivesse partido. No momento, tinha a intenção de aproveitar ao máximo cada segundo que ele estivesse ao seu lado.

Quando abriu os olhos outra vez, ele estava olhando para ela. O olhar de Jonas imprimiu uma linha de fogo no seu corpo nu. Alina sorriu timidamente.

— Bom dia — ele a cumprimentou sorrindo enquanto se aproximava da cama.

— Bom dia — respondeu apoiando-se num cotovelo e passando uma mão pelo cabelo despenteado. Sentiu-se melhor quando ele a beijou carinhosamente.

— Encontrei pó de café no armário e tomei a liberdade de fazer um bule. Espero que não se incomode. — Ele lhe estendeu uma xícara que estava na mesa de cabeceira.

— Claro que não. — Era estranho, Alina pensou pegando a xícara de café, como duas pessoas que tinham compartilhado tanta intimidade durante a noite podiam ser tão formais pela manhã.

— Seu apartamento é muito bonito. — Ele sentou na cama ao lado dela.

— Obrigada. Na verdade, é grande demais para mim. Venho tentando convencer minha irmã a vir morar comigo, mas ela se recusa. Está determinada a viver sozinha.

— Tenho um palpite de que ela não é do tipo que muda de idéia com facilidade.

Exatamente como alguém neste quarto, Alina pensou.

— Ainda não desisti de tentar. Às vezes acho que sou eu quem precisa dela e não o contrário. — Ia dizer que se sentia solitária, mas mudou de idéia. Não queria parecer patética. — Além dela ser ótima companhia, tem uma mão ótima para cuidar de plantas. Meus vasos simplesmente a adoram.

Seu coração acelerou quando Jonas chegou mais perto dela.

— Percebi que as aquarelas penduradas na sala são de Kelly. São muito bonitas.

Alina fez um gesto afirmativo.

— Águia Azul foi a primeira pessoa a dar-lhe esperança desde o acidente. Não sei o que ela vai fazer quando ele for embora. — Não sei o que vou fazer quando você for embora. A dor causada por esse pensamento, partiu seu coração. Ela agarrou o lençol e se cobriu como se, protegendo sua nudez, pudesse também proteger seu coração.

Ele a observou por uns momentos com o cenho franzido, estendeu a mão para tocar uma marca roxa em seu braço.

— Fui eu quem fez isso? — perguntou preocupado. Alina olhou para o hematoma e sentiu vontade de rir.

Ele a estava despedaçando por dentro e ficava preocupado com uma mísera marca roxa.

— Isso não é nada. Precisava ver o que eu fiz nas suas costas.

Ele colocou a xícara de café sobre o criado-mudo e deslizou as duas mãos

pelo corpo dela, verificando se tinha mais algum machucado. Mesmo depois de uma noite inteira fazendo amor, Alina sentia seu corpo reagir ao toque dele. Estava ficando toda arrepiada e estremeceu quando as mãos ásperas envolveram seus seios. Fechou os olhos e estendeu as mãos para abrir o zíper da calça dele.

A campainha os assustou.

— Está esperando alguém? — Jonas perguntou agarrando sua camisa e vestindo-a apressadamente.

— Não. Pelo menos, não a essa hora. — Seja lá quem fosse não podia ter escolhido hora mais inconveniente para uma visita. Pegou uma camisola que estava jogada no chão e a vestiu enquanto xingava, silenciosamente, o intruso. A campainha soou outra vez.

— Só vou ver quem é e já volto — ela disse, saindo do quarto.

Ainda estava fechando o roupão quando abriu a porta e deparou-se com Águia Azul e Kelly.

— Oi mana! — Kelly passou pela irmã e entrou sorrindo no apartamento. — Acordou agora?

— Bem... sim.

Águia Azul seguiu Kelly apartamento adentro e a cumprimentou com um aceno de cabeça e um sorriso. Alina lançou um olhar aflito na direção do quarto.

— Eu, bem, pensei que estivessem trabalhando no turno.

— Houve uma mudança de planos. - Kelly movia-se sem problemas pela sala. — Pode me dar uma xícara de café? O cheiro está delicioso.

— Claro. — Alina olhou indagadoramente para Águia Azul e ele fez um gesto negativo. Quando o olhar dele passou pela porta do quarto, o coração de Alina quase parou.

— Bom dia, neto.

Jonas estava parado à porta do quarto, com a camisa aberta e os pés descalços. Alina prendeu a respiração antes de olhar para o velho. Águia Azul sorria feliz.

— Bom dia, avô.

— Oi, Jonas. — Kelly virou-se na direção da voz dele. — Como vão as coisas?

— Tudo bem. — Ele cruzou os braços e encostou-se no batente da porta. Tinha um ar divertido no rosto.

Alina não conseguia acreditar naquilo. Todo mundo, inclusive Jonas, estava agindo como se a presença dele na sua casa, àquela hora da manhã, fosse a coisa

mais natural. Sentiu-se corar e resolveu refugiar-se na cozinha. Quando voltou para a sala com a xícara de café que Kelly pedira, estavam todos comentando sobre o tempo. Colocou a xícara na mão da irmã e perguntou:

— O que houve? Algo me diz que você e Águia Azul não vieram apenas fazer uma visita.

Kelly estava corada de excitação.

— Está sentada?

Alina sentiu-se apreensiva. Sentou-se na beirada do sofá porque pressentiu que precisaria do apoio. Kelly ainda hesitou por uns instantes e só relaxou quando Águia Azul apoiou uma mão em seu braço.

— Estou indo embora — ela finalmente falou. Alina ficou chocada.

— O quê?

— Estou me mudando para o Arizona.

— Está se mudando para o Arizona? Do que está falando?

— Há um instituto de arte no Arizona que trabalha com deficientes. — A voz de Kelly estava ligeiramente trêmula. — Eles têm um departamento especificamente para artistas com deficiência visual.

Alina estava tendo dificuldade de entender o que Kelly estava dizendo.

— Está se referindo ao instituto em Scottsdale? Aquele para o qual Águia Azul está fazendo uma doação?

Kelly fez um gesto afirmativo.

— Telefonei para eles hoje de manhã e, por causa da indicação de Águia Azul, eles me aceitaram.

As mãos de Alina ficaram geladas. Olhou para Jonas, perguntando-se se ele já sabia daqueles planos de Kelly e Águia Azul. A julgar pela surpresa estampada em seu rosto, concluiu que ele também não sabia de nada.

Kelly entregou sua xícara de café para Águia Azul e aproximou-se da irmã.

— Desculpe-me, mana. Sei que deveria tê-la preparado melhor para receber a notícia, mas estou feliz demais e queria poder compartilhar minha felicidade com você.

— Mas onde você vai morar? — Quem vai tomar conta de você? Era o que ela realmente queria perguntar.

— O instituto tem moradia para os alunos. Eles estão com um apartamento vago. — Kelly segurou as mãos de Alina. — Tenho que estar lá daqui a dez dias.

— Dez dias?

— O instituto é pequeno e não costuma abrir muitas vagas. Se eu não aproveitar essa chance, posso não ter outra tão cedo.

As coisas estavam acontecendo rápido demais.

— E a galeria?

— Mana, sei que comprou a galeria para mim e amo você por tê-lo feito. A questão é que eu nunca quis ter uma galeria. Kelly Alina sempre foi o meu sonho, não o meu.

Bem no fundo de seu coração, Alina sempre soubera que a galeria não fazia a irmã feliz. Mas nunca quisera admiti-lo. Kelly era uma artista e não uma administradora. Graças a Águia Azul, a irmã teria uma oportunidade de recomeçar a vida. Nada nesse mundo a faria ficar contra Kelly.

— Estava esperando poder contar com a sua ajuda para fazer a mudança — Kelly disse hesitante.

— Claro, pode contar comigo. — Alina se sentia em transe.

— Vou ficar bem, mana — Kelly a assegurou abraçando-a. — Conversaremos mais sobre isso mais tarde. A sra. Florsteen está lá embaixo. Ela parou o carro num lugar proibido.

— A sra. Florsteen está lá embaixo? — As coisas estavam ficando mais complicadas a cada minuto.

— Ela e Águia Azul foram me buscar na galeria para tomar café da manhã com eles.

Alina olhou pra Águia Azul e pôde jurar que ele estava se controlando para não rir. Águia Azul e a sra. Florsteen? A noite passada?

O velho dirigiu-se ao neto.

— Recebeu o recado que deixei para você no hotel? Jonas assentiu.

— Telefonei para lá ontem à noite e recebi o recado. Águia azul segurou Kelly pelo braço.

— Elizabeth e eu gostaríamos de levar Kelly para comemorar. Não querem juntar-se a nós?

Jonas endireitou o corpo.

— Avô, temos que ir embora hoje.

— Ah, é claro, já ia me esquecendo. Não vou embora com você, Jonas. Gostaria de ficar para ajudar Kelly. Voltarei para casa quando ela estiver instalada no instituto.

Jonas estreitou o olhar.

— Tenho certeza de que Alina será capaz de ajudar a irmã.

— Sei disso. Mas é que Elizabeth também me convidou para passar um tempo com ela.

Jonas arregalou os olhos.

— Na casa dela?

Águia Azul fez um gesto afirmativo.

— Meu cabelo pode ser da cor do inverno, neto, mas minha alma ainda está cheia de primavera. Elizabeth é uma mulher maravilhosa. — Sorrindo, ele voltou-se para Kelly: — Está pronta, querida?

— Telefone para você mais tarde, mana — Kelly gritou sobre o ombro enquanto ela e Águia Azul saíam do apartamento.

Alina continuou sentada no braço do sofá. Kelly ia se mudar. Águia Azul ia passar um tempo com a sra. Florsteen e Jonas... Jonas estava indo embora. Ela fechou os olhos e inspirou o ar lentamente. Jonas viu a desesperança estampada em seu rosto. Droga!

Nem ele sabia o que tinha acabado de acontecer. Ela pareceu não notar que ele se sentara ao seu lado.

— Fui ao instituto — falou baixinho. — Todos os anos, Águia Azul passa algumas semanas com os estudantes.

Ela piscou, tentando absorver os acontecimentos.

— Como é lá?

— Tem aproximadamente cem estudantes. Alguns vivem nos dormitórios e outros, em pequenos apartamentos como o que Kelly vai ocupar. A maior parte dos professores e ajudantes são voluntários.

— Parece ótimo. — Sua voz não tinha entonação alguma.

— E é: — Sabia que não deveria tocá-la pois só tornaria as coisas mais difíceis para ambos. Não agüentou, porém, e abraçou-a. — Kelly vai ficar muito bem lá.

Alina apoiou a cabeça contra o peito forte dele e escutou as batidas do seu coração.

— É isso que ela realmente quer e eu deveria estar muito contente. Sempre pensei que ela precisasse de mim, depois do acidente dos meus pais, mas, aparentemente, era eu quem precisava dela. — Suspirando, ela se afastou de Jonas. — Preciso só de um pouco mais de tempo para me acostumar com a idéia. Vou sentir muita falta dela. — Da mesma forma que vou sentir falta de você.

Alina olhou para o vaso na mesinha de centro e pensou em quanto sua vida

havia mudado desde que o comprara. Lembrou-se da história contada por Águia Azul na noite anterior e balançou a cabeça. Nesse momento, parecia completamente absurdo achar que o vaso fosse abençoado. Riu, sem alegria.

— O que foi? — Jonas seguiu seu olhar até o vaso.

— Nada. Estava pensando em uma coisa que seu avô me falou.

— E o que foi? — Ele a seguiu até a cozinha, achando-a ainda mais sexy pela manhã, com os cabelos desfeitos e a boca inchada com os seus beijos.

— Algo sobre o vaso que comprei em Scottsdale. Ele a abraçou por trás e beijou-lhe o pescoço.

— Ele disse que pediu aos espíritos que o abençoassem e que, quando eu apareci em sua casa, com o vaso, ele teve certeza de que eu era a pessoa certa.

Jonas continuou beijando-lhe o pescoço, enquanto suas mãos brincavam com a frente do roupão, abrindo-o, aos poucos.

— Pessoa certa para o quê?

Ela estava tendo uma certa dificuldade em se concentrar na conversa.

— Humm, algo sobre os espíritos lhe trazerem uma esposa.

Ela sentiu o corpo de Jonas enrijecer.

— O que quer dizer com me trazer uma esposa? Abrindo os olhos, Alina se virou e encarou o rapaz. Não tivera a intenção de contar nada disso, mas a partida iminente de Kelly a havia deixado extremamente perturbada. Ele estava com o cenho franzido. Pensou em mudar de assunto, mas decidiu ir em frente. O que teria a perder? Ele estava partindo, não estava? E logo reconstruiria aquele muro ao redor de si mesmo.

— Águia Azul acredita que eu comprei o vaso porque esse era o meu destino. Que eu sou a mulher que os espíritos escolheram para você.

Ele comprimiu os maxilares.

— Então era isso. Essa foi a razão que o fez decidir vir a Los Angeles e enfrentar uma exposição. Estava exercendo sua função de casamenteiro.

— E isso é mau, Jonas? Só demonstra o quanto ele se importa com você.

Seus olhos estavam escuros como o carvão.

— Se, se importasse, deixaria que eu tomasse minhas próprias decisões, que eu escolhesse quem eu quisesse e quando eu quisesse.

Ela sentiu um frio intenso ao ouvir essas palavras. Fechou bem o roupão ao redor do próprio corpo.

— E, obviamente, não seria eu a escolhida.

— Não foi isso que eu disse, droga! — Ele se distanciou e passou a mão pelos cabelos. — Só não gosto de ser manipulado.

— Por quem? Águia Azul ou eu?

— Por ninguém. Águia Azul sabe o que sinto a respeito de me casar outra vez. Deixei isso bem claro para você, também.

Ele parecia um animal enjaulado, andando de um lado para o outro na cozinha. Ela estava furiosa.

— Deixou claro, sim. Só estava interessado em fazer sexo comigo e nada mais.

Ele parou.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Não sei mais nada, Whitehorn, nem me importo em saber. — Ela foi direto para o quarto. — Por mim, pode se atirar num buraco e passar o resto da vida com suas pedras. Na verdade, talvez até eu escolha uma pedra para mim mesma. Certamente ela não terá menos sentimentos que você.

Ele a agarrou a meio caminho e a abraçou. Ambos estavam furiosos. Nenhum conseguia lidar com as emoções que os engolfavam: desejo, raiva, medo, frustração. O ar estava cheio de eletricidade que os atraía ao mesmo tempo em que os mantinha separados. Ela ainda o desejava.

E ele a desejava. Jonas abraçou-a com mais força, sabendo que se a soltasse, nunca mais a tocaria. Mas a escuridão baixou sobre ele, enchendo-o de dor, solidão e raiva. A ferida era profunda demais. Soltou-a e foi para o quarto, deixando-a parada ali, no meio da sala.

Ela o observou, sabendo o quão próximo ele tinha chegado de aceitar os próprios sentimentos. Tinha visto em seus olhos, sentido em suas mãos. Quando ele voltou do quarto, estava vestido. Não havia mais razão para ficar.

Quando a águia o apanhar, lembre-se que deve ser honesta, lembrou-se das palavras de Águia Azul.

Jonas parou em frente a ela. Seu olhar estava mais suave, como que a pedir desculpas. Ela queria dar um soco nele. Ou atirar-se em seus braços e pedir-lhe que não se fosse.

- Fechou os olhos quando ele tocou gentilmente seu rosto.

— Adeus — disse, caminhando para a porta. Honestidade. Era só o que restava.

— Eu o amo.

Ele parou e, vagarosamente, se virou. Seus olhos se encontraram e ela viu

muita dor estampada nos dele.

— Sinto muito.

Ela ouviu a porta se fechar e cruzou os braços com força. Era nisso que dava a honestidade, pensou, deixando as lágrimas rolarem.

CAPÍTULO X

Alina estava sentada no meio da sala de estar do apartamento de Kelly, rodeada de caixas. O ar cheirava a papelão e jornal. O som de uma antiga canção de Bonnie Raitt saía do pequeno rádio portátil sobre a pia da cozinha. Os tapetes haviam sido enrolados e colocados num canto da sala; deixando frio o chão de madeira exposto.

— Ei, mana — Kelly gritou de algum lugar atrás da montanha de caixas —, pode me trazer aquele rolo de fita adesiva? Já etiquetei estas caixas e estou pronta para lacrá-las.

Alina olhou ao seu redor. Tinha visto o rolo de fita adesiva em algum lugar, há pouco tempo. Ou teria sido no quarto? Esfregou os olhos cansados antes de ficar de joelhos para dar uma busca no meio daquela bagunça.

Levantou uma pilha de jornais velhos e virou uma caixa vazia. Onde havia colocado o maldito rolo de fita adesiva? Ultimamente, Alina pensou desanimada, teria dificuldade de encontrar água se caísse de um barco. Nunca se sentira tão desorientada em toda sua vida.

Nunca se sentira tão infeliz.

Suspirando, sentou nos calcanhares e esfregou os olhos novamente. Foi só então que percebeu que havia enfiado o rolo de fita no pulso.

— Encontrou? — Kelly perguntou emergindo de trás das caixas.

— Encontrei. Se eu dissesse que estava bem embaixo do meu nariz, estaria sendo muito bondosa comigo mesma.

— Cansada, mana? — Kelly tocou o ponteiro do seu relógio especial. — Meu Deus! Por que não me disse que já são quase duas da manhã?

Não tinha se dado conta de como era tarde.

— Achei melhor terminarmos isso hoje. O caminhão de mudanças vai chegar por volta do meio dia e será mais fácil se já tivermos acabado de empacotar tudo. — Ela esticou os braços e se espreguiçou. — Além disso, prefiro manter-me ocupada. Fico deprimida cada vez que tenho tempo para pensar que está indo embora.

Kelly aproximou-se da irmã.

— Também sentirei a sua falta. Não se esqueça, porém, de que tem a

galeria. Agora que Sheldon é seu sócio e depois do sucesso da exposição de Águia Azul, vocês têm tudo para dar certo. Estará tão ocupada que nem terá tempo para se lembrar de mim. De qualquer forma, o Arizona não é exatamente do outro lado do mundo. Quando sentir saudades, tudo o que tem a fazer é pegar um avião e estará ao meu lado em menos de uma hora.

— Acho que tem razão.

— Querida, não há nada que eu possa dizer para agradecê-la por ter estado sempre ao meu lado desde o acidente. Se não fosse por você, eu não teria sobrevivido a tantas perdas. Papai, mamãe, minha visão e, finalmente, Roger.

Alina balançou a cabeça.

— Não, Kel, eu precisei de você muito mais do que você de mim. Sinto tantas saudades de mamãe e papai... — ela hesitou, tentando conter as lágrimas que queimavam seus olhos. — Você esteve sempre por perto. Sempre sorrindo, nunca sentindo pena de si mesma, mesmo depois dos médicos dizerem que não voltaria mais a enxergar.

Kelly a abraçou com mais força.

— Nunca deixei que soubesse das noites que passei chorando.— Elas ficaram abraçadas em silêncio durante algum tempo. De repente, Kelly afastou-se e segurou a irmã pelos ombros. — Durante todo esse tempo nós precisamos uma da outra, mana. Mas, agora, já está na hora de tentarmos nos separar. Não poderá cuidar de mim durante toda a sua vida. Tenho que encontrar minha própria maneira de ser feliz e você também.

Ser feliz! Como poderia ser feliz? Tudo o que mais quisera na vida a abandonara há dez dias. A única coisa que a mantivera de pé durante aqueles dias era o fato de Kelly precisar de sua ajuda para fazer a mudança. O que faria depois que a irmã partisse?

— Sabe de uma coisa? — Kelly murmurou, acariciando as costas de Alina. — Tenho a sensação de que não é a minha partida que a está deixando tão infeliz. Acho que é algo muito mais importante.

Alina ficou alerta.

— O que quer dizer?

Kelly riu.

— Relaxe, Alina. Não estamos na inquisição. Foi só um pressentimento.

Oh, não, Alina pensou. Não mais um daqueles famosos pressentimentos!

— Eu acho que você está cansada, Kel. O que acha de encerrarmos por hoje? Kelly suspirou.

— Alina, sei que está apaixonada por Jonas. Sei disso desde que voltou do Arizona. — Kelly sorriu e apoiou-se nos cotovelos. — É claro que eu não sabia o nome dele, mas sabia que tinha conhecido um homem. Na verdade, não apenas um homem, mas o homem. Quando Jonas veio à galeria pela primeira vez e apertei sua mão, soube imediatamente que era o seu homem.

As mãos de Alina ficaram geladas.

— Você andou conversando com Águia Azul. Kelly franziu as sobrancelhas.

— Sobre o quê?

— Sobre Jonas e mim. — Lembrou-se da raiva de Jonas com a interferência do avô em sua vida e começou a compreendê-lo. A tentativa de Kelly de ajeitar sua vida a estava definitivamente irritando.

De repente, sentiu-se como se tivesse levado um soco no estômago. Afinal de contas, era exatamente isso que vinha fazendo com a irmã desde o acidente. Comprara a galeria e insistira para que Kelly fosse morar com ela, pensando que estava fazendo o melhor para a irmã. Alguma vez perguntara se era isso que ela queria? Não, Alina admitiu. Nunca perguntara a Kelly o que queria fazer da própria vida.

Era como se uma luz tivesse se acendido em seu cérebro. Kelly estava certa, ambas precisavam encontrar seu próprio caminho, viver a própria vida.

— Olha — Alina falou penteando o cabelo com os dedos —, a história de Águia Azul sobre o vaso é muito interessante e compreendo suas intenções, mas eu realmente preferiria que vocês dois não bancassem o cupido.

— Águia Azul está bancando o cupido? Essa história está cada vez mais interessante! Conte-me sobre o vaso.

Alina cruzou os braços.

— Não finja que não sabe que Águia Azul pediu para os espíritos abençoarem o vaso que comprei em Scottsdale. Quando apareci em Sedona com a peça, ele concluiu que eu fora escolhida para ser a esposa de Jonas.

— Você deve estar brincando! Isso é incrível! Alina suspirou exasperada.

— Quer mesmo que eu acredite que você e Águia Azul não estão conspirando contra nós?

Kelly cruzou os dedos indicadores na frente do rosto e os beijou.

— Juro por Deus.

Se ela estava mentindo, Alina pensou, estava fazendo um trabalho e tanto. Por outro lado, Kelly nunca mentira para ela, por que o faria agora? A

indignação que vinha sentindo deu lugar a incredulidade.

— Se Águia Azul não lhe contou nada sobre Jonas e mim, como soube?

— Eu já disse, tive um pressentimento. Alina riu.

— Não é de se admirar que você e Águia Azul se dêem tão bem. Os dois têm uma imaginação maior do que o Estado do Texas.

— Não é imaginação, Alina. É a verdade. Você e Jonas nasceram um para o outro e vão ficar juntos. Tenho certeza.

Alina sabia que as intenções da irmã eram boas, mas, mesmo assim, suas palavras não aliviavam o sofrimento que vinha carregando dentro do coração. Sentiu as lágrimas começarem a escorrer pelo seu rosto e não conseguiu mais controlá-las.

— Ele me abandonou depois que eu confessei o meu amor, Kel. Diga-me, como é que acabaremos juntos?

Kelly abanou a cabeça.

— Não sei, mana. Às vezes tem que confiar nessas coisas.

Confiar nessas coisas? E exatamente no que deveria confiar? Havia se apaixonado por um homem que tinha se fechado para o mundo.

— Não é uma questão de confiança, Kelly. Jonas perdeu os pais quando tinha oito anos, a avó pouco tempo depois e um filho há três anos.

Kelly fechou os olhos.

— Meu Deus!

— Águia Azul é a única pessoa que ele ainda permite aproximar-se. E a única pessoa que ele ainda se permite amar.

— Mas ele deixou você se aproximar. Vocês passaram a noite juntos!

Alina corou.

— Nossa, Kel, você deveria aprender a dizer o que pensa. Caso contrário, as pessoas podem pensar que é tímida!

A irmã apenas sorriu.

— Bem, é verdade, não é? Não me diga que isso não teve nenhuma importância.

Esse era exatamente o problema. Teve importância demais.

— Jonas deixou claro, desde o começo, que o nosso relacionamento era puramente físico. Não haveria nenhum laço entre nós, nenhum compromisso, apenas sexo.

— Deus do céu! — Kelly exclamou jogando a cabeça para trás. Às vezes

me pergunto quem enxerga melhor você ou eu. Ele a ama, Alina. Tenho certeza.

Alina massageou as têmporas, tentando aliviar a dor de cabeça que estava sentindo.

— Não posso exatamente forçá-lo a me ter por perto. Por mais que eu o ame, isso só serviria para me humilhar e afastá-lo ainda mais.

Kelly começou a falar, mas, de repente, ficou tensa.

— Alina, há algo errado.

— É exatamente isso que estou tentando lhe dizer. O homem não quer nada comigo.

— Não me refiro a isso. — Kelly estava extremamente pálida. — Quero dizer que alguma coisa ruim está acontecendo. Não sei o que, mas posso senti-lo.

Normalmente, riria dos "pressentimentos" de Kelly, mas o pânico na voz dela fez Alina arrepiar-se.

— Kel, não estou entendendo. O que... O telefone tocou.

Gotas de suor escorriam pelo pescoço e pelas costas de Jonas. Suas mãos tremiam e seu coração estava disparado. Ele sentou na beirada da cama e massageou os pulsos, tentando dissipar a sensação de pânico. Sonhara que estava sentado na beira de um abismo, com as mãos e os pés amarrados, observando Joey engatinhar na sua direção. Jonas tentara gritar para o filho se afastar, mas nenhum som saiu de sua garganta.

Fechando os olhos, Jonas forçou-se a relaxar. Seus pesadelos haviam piorado desde que voltara de Los Angeles e, mesmo durante o dia, a solidão o oprimia. Tentara convencer-se de que ficaria bem assim que Águia Azul voltasse para casa, mas sabia que a ausência do avô não era a causa de sua ansiedade. Alina.

Pensava nela constantemente. Sonhava com ela. Sonhos eróticos, onde ela se remexia sob o corpo dele, enlaçando-o com os braços e pernas, puxando-o mais para perto até que... os pesadelos começavam. Sempre acordava aterrorizado, suando e com o coração disparado.

Droga! Deu um soco no colchão e ouviu uma mola arrebentar. Eu te amo. As palavras dela não saíam de sua mente. Não podia amá-lo. Nunca lhe dera motivos para isso e não queria que o amasse. Todo mundo a quem amara na vida e que o amara, tinha morrido.

Sentiu-se gelar a simples idéia de tê-la e depois perdê-la. Não sobreviveria a mais uma perda. De repente, ficou furioso. Furioso consigo mesmo por sua covardia e com o mundo, por ser injusto.

Podia vê-la agora, os olhos azuis embaçados enquanto faziam amor, sua voz rouca e cheia de paixão ao repetir o nome dele. Jonas olhou para o pulso que ainda estava massageando e desejou poder mergulhar as mãos nos cabelos ruivos e penetrar o corpo úmido e quente.

Assustou-se com o som do telefone. Deu um pulo da cama e o atendeu antes do segundo toque.

— Alô?

— Jonas.

A voz dela teve o efeito de um bálsamo em sua alma torturada, mas a alegria de ouvi-la logo foi esquecida ao perceber que Alina não estaria lhe telefonando àquela hora se não houvesse algo errado.

— O que houve?

— Águia Azul foi levado para o hospital — ela explicou com a voz trêmula.

Oh, Deus, não. Sua visão ficou turva e teve que fazer um esforço para não desmaiar.

— Por quê? — conseguiu indagar.

— Não sabemos ainda, mas a sra. Florsteen acha que é uma gripe. Ela telefonou para o médico de Águia Azul em Sedona e ele está enviando as informações básicas sobre a saúde de seu avô para os médicos daqui.

Jonas já estava pegando sua calça jeans pendurada na guarda da cama.

— Para qual hospital ele foi levado?

— Para o hospital da Universidade da Califórnia, aqui em Los Angeles. Posso lhe telefonar outra vez assim que tivermos uma notícia mais concreta.

— Não! Estou saindo agora. — Suas mãos tremiam ao tentar fechar o zíper da calça.

— Jonas...

Ele prendeu a respiração.

— Sim?

— Nada — ela murmurou. — Por favor, venha depressa.

Duas horas e trinta e sete minutos mais tarde, o coração de Alina deu um salto ao vê-lo caminhar na sua direção. Ela estivera andando de um lado para o outro na frente do quarto de Águia Azul, enquanto o médico trabalhava lá dentro. Os olhos escuros de Jonas não desviaram dos seus enquanto ele se aproximava.

— Como ele está?

Ela olhou para a porta fechada do quarto.

— Ainda não sabemos ao certo. Os médicos estão fazendo alguns exames.
— Ele virou-se na direção do quarto e fez menção de entrar. Alina segurou seu braço. — Eles não querem ninguém lá dentro por enquanto.

Jonas ficou olhando para a porta fechada por uns segundos e Alina podia ver que estava indeciso. Finalmente, voltou a encará-la.

— Como conseguiu chegar tão depressa? — ela perguntou soltando-o.

— Um amigo meu tem um avião particular. Ele me trouxe até Burbank e, depois, peguei um táxi.

Alina sentiu uma onda de ternura invadi-la ao observar os olhos vermelhos e as rugas profundas ao redor da boca de Jonas. Queria poder abraçá-lo e consolá-lo, mas sabia que ele não gostaria disso.

— Conte-me o que aconteceu.

Ela respirou profundamente antes de começar.

A sra. Florsteen disse que eles saíram para jantar fora e quando voltaram, por volta das dez e meia, Águia Azul pediu-lhe um anti-ácido e foi para a cama. Por volta da uma e meia, ela o ouviu levantar-se e como ele estava demorando para voltar para o quarto, resolveu ir procurá-lo. — Alina tentou engolir o nó que estava se formando em sua garganta. — Ela o encontrou caído no chão da sala, inconsciente. Chamou uma ambulância e me telefonou.

Jonas sentou numa das cadeiras do corredor.

— Onde está ela agora?

— Ela está muito abalada. Kelly a levou até a lanchonete para tomar uma xícara de café. Estarão de volta daqui a pouco.

Ele não disse nada, ficou sentado, imóvel, de olhos fechados. Parecia estar carregando o peso do mundo nas costas. Se ao menos tivesse olhado para ela, tocado-a, Alina teria podido consolá-lo. Mas claro que Jonas não faria isso, ela pensou ressentida, afinal, era auto-suficiente, não precisava da ajuda de ninguém.

Para o inferno com a teimosia daquele homem!

Era claro que não precisava dela e que não a amava. Entretanto, não o amava menos por isso. Seus dedos tremiam quando estendeu a mão para afastar uma mecha de cabelo que caíra nos olhos dele. Ele enrijeceu o corpo quando ela o tocou, mas, depois, para surpresa de Alina, Jonas agarrou sua mão.

— Ele não pode morrer — murmurou angustiado.

— Não vai morrer — Alina afirmou sentando-se ao seu lado e apoiando a

cabeça em seu ombro. — Não vai morrer.

Jonas se afastou e, por um minuto de intensa agonia, Alina pensou que ele a estivesse rejeitando outra vez. Ele levantou e a puxou para cima, abraçando-a carinhosamente. Depois de algum tempo, afastou-se um pouco para encará-la. Alina podia ver a profundidade da dor que estava sentindo. Ao encarar os olhos negros, sentiu como se pudesse enxergar seu coração. As mãos ásperas acariciavam suas costas. Quando ela segurou o seu rosto entre as mãos, Jonas fechou os olhos e soltou um gemido angustiado.

Exceto por aquela vez no hotel em Sedona, ele nunca havia permitido tamanha aproximação. Seu coração, embora pesado de preocupação com a saúde de Águia Azul, encheu-se de amor e ternura por Jonas. Alina começou a sentir um fio de esperança e tentou agarrar-se a ele. Queria desesperadamente acreditar que ela e Jonas ainda tinham uma chance.

O médico saiu do quarto de Águia Azul e Jonas afastou-se dela para interceptá-lo.

— Sou Jonas Whitehorn, neto de Águia Azul.

O médico, um jovem forte e loiro, olhou para Jonas.

— Ah, sim. Ele mencionou o seu nome, mas, infelizmente, não estava consciente. Sou o dr. Greenwall.

— Como ele está?

— Bem — o médico balançou a cabeça —, ainda não encontramos a causa do colapso. O eletrocardiograma não mostrou nenhuma irregularidade e o coração dele está bastante forte.

— O que acham que possa ter acontecido?

— É possível que tenha contraído essa gripe que está causando uma epidemia, mas não conseguimos identificar nenhum sintoma claro. Fizemos uma bateria de testes e só teremos os resultados daqui a algumas horas.

O médico não precisou dizer o quanto poderia ser perigoso para um homem de oitenta e dois anos pegar uma virose. Jonas tentou controlar o desespero que o invadia.

— Posso vê-lo agora?

O médico fez uma anotação no prontuário que estava na sua mão.

— Só por um instante. O quadro parece estável, mas, ainda assim, prefiro limitar as visitas.

Passando pelo médico, Jonas entrou no quarto sem fazer barulho. Sentiu um nó no estômago ao ver que o leito do avô estava protegido por um biombo de

lona branca. Deu a volta pelo biombo e quase chorou ao ver Águia Azul deitado, imóvel, de olhos fechado, todo espetado por agulhas e tubos.

— Avô — ele chamou baixinho, mas não houve resposta. — Sou eu, Jonas. — Pensou ter visto um leve movimento nas pálpebras fechadas, mas não tinha certeza.

O quadro é estável.

As palavras eram como farpas de gelo em seu coração. Ouvira-as quando Joey estivera deitado num berço na UTI do hospital. O bebê parecera estar dormindo serenamente, como Águia Azul estava agora. Não podia aceitar que aquilo estivesse ocorrendo outra vez.

Jonas segurou a mão do avô e a apertou. Fechou os olhos e por um longo tempo, sentiu-se no vácuo, como se o chão tivesse se aberto sob os seus pés.

— Está se sentindo bem, senhor?

Abriu os olhos quando a enfermeira tocou seu braço. Não a ouvira entrar, nem sabia há quanto tempo estava ali.

— O quê?

Ela franziu o cenho.

— Perguntei se está se sentindo bem. Gotas de suor escorriam pelo seu rosto.

— Sim, estou bem.

Ela não pareceu muito convencida.

— Preciso medir a pressão e a temperatura do sr. Whitehorn. Seria melhor se esperasse lá fora.

Jonas fez um sinal afirmativo e olhou mais uma vez para o avô. Observou o rosto bronzeado, enrugado, e as tranças brancas. Aquele era o homem que o ensinara a andar de bicicleta, a jogar beisebol, a sobreviver no deserto sem água e a distinguir malaquita da azurita. Águia Azul sempre estivera disponível para ele. Depois da morte de seus pais e depois da morte de Joey, também.

Pela primeira vez em três anos, que lhe pareciam uma eternidade, Jonas soube o que deveria fazer.

Alina o estava esperando ansiosamente do lado de fora do quarto.

Andava de um lado para o outro no corredor, olhando para a porta fechada. Parecia-lhe que Jonas estava lá dentro há horas, embora soubesse que apenas alguns minutos haviam se passado.

Uma enfermeira passou por ela e, reconhecendo sua aflição, sorriu-lhe com simpatia. Alina sorriu de volta e continuou a andar de um lado para o outro e a

olhar para a porta fechada.

Tentou não pensar em como Jonas reagiria caso algo pior acontecesse com Águia Azul. A idéia de ter de vê-lo sofrer outra perda fazia seu coração sangrar.

Águia Azul ficaria bom. Ele precisava ficar bom. Era um homem forte e saudável e teria forças para combater aquela doença, fosse o que fosse. Alina tinha que acreditar naquilo, não apenas pelo bem de Águia Azul, mas também pelo bem de Jonas.

— Alina?

Ela parou ao ouvir a voz da sra. Florsteen. Kelly e a velha senhora vinham caminhando em sua direção.

— Já teve alguma notícia? — Kelly indagou.

— Não. Jonas está lá dentro com ele. A sra. Florsteen olhou para o relógio.

— Jonas já chegou?

— Ele veio em avião particular.

As três ficaram em silêncio por uns instantes até a sra. Florsteen começar a chorar. Kelly a abraçou e Alina teve que se esforçar para controlar as lágrimas que ameaçavam escorrer pelo seu rosto. Elas todas se assustaram quando Jonas saiu do quarto e se aproximou.

— Jonas — a velha senhora falou primeiro —, como ele está?

— Os médicos ainda não sabem, ele continua inconsciente. — Jonas tocou o braço da velhinha carinhosamente.

— O que houve?

— Ele estava bem — ela soluçou —, perfeitamente bem.

— Fomos jantar num restaurante italiano e depois voltamos para casa. Conversamos um pouco e ele pediu licença para ir para cama. Durante a noite, eu pensei ouvir o som de um tambor e então o encontrei no chão da sala...

Ela recomeçou a chorar e Jonas a abraçou.

— Kelly, talvez fosse melhor se você a levasse para a sala de espera. Não há nada que nenhum de nós possa fazer agora e tenho certeza de que ela ficará mais confortável lá.

Ele olhou para Alina e ela se assustou com a expressão vazia do seu olhar.

— Alina você veio para cá no seu carro?

Não entendeu por que ele estava fazendo aquela pergunta, mas fez um sinal afirmativo.

— Posso pegar a caminhonete emprestada?

— Mas, para que...

— Por favor, não me faça perguntas. É muito importante para mim que me empreste a caminhonete.

Ela pôde ver o desespero e a urgência nos seus olhos negros. Enfiou a mão no bolso, puxou o chaveiro e o entregou a ele. Jonas a encarou por um breve momento e, depois, deu-lhe as costas e começou a se afastar pelo corredor.

— Jonas — ela o chamou —, onde podemos encontrá-lo caso seja necessário?

— Não podem — ele respondeu e foi embora.

Alina ficou observando-o até que desaparecesse no elevador. Não foram as palavras que ele dissera que a preocupavam, mas a forma como foram ditas. Sentia que havia algo importante acontecendo que a envolvia também.

Olhou para seu relógio de pulso e perguntou-se quando os ponteiros voltariam a se mover.

CAPÍTULO XI

O sol seus sol começava a aparecer no horizonte e seus primeiros raios iluminavam levemente as montanhas e o céu. O ar estava fresco e uma suave brisa carregava o odor de eucaliptos. Pássaros moviam-se preguiçosamente nos galhos das árvores e as corujas preparavam-se para descansar.

Jonas estava em pé, no alto da montanha, de onde podia-se ver uma boa parte da cidade de Los Angeles. Aos seus pés, a cidade brilhava e, acima, a lua crescente ainda era visível. O orvalho da manhã estava molhando seus ombros e pés nus, mas ele nem percebeu.

Caminhou até o círculo de pedras que havia arrumado e hesitou.

Isso é inútil. Ouviu sua própria voz. Você deveria estar no hospital.

A brisa ficou mais forte, despenteando-o e fazendo-o sentir frio. Fechou os punhos ao dar um passo para dentro do círculo de pedras. Será que nunca aprende, Whitehorn? Está perdendo tempo.

A brisa transformou-se em vento, levantando as folhas secas do chão. Uma coruja piou.

Desgostoso consigo mesmo e ansioso para estar no hospital, ao lado de Águia Azul, virou-se para ir embora, mas parou abruptamente. Tinha chegado até ali e tinha que seguir em frente, independente do quão tolo estivesse se sentindo.

Respeitaria as crenças do avô e seguiria seus ensinamentos. Sabia que era isso que ele desejaria que fizesse.

Voltou para dentro do círculo.

Podia ser sua imaginação, mas Jonas podia jurar que o vento se acalmara novamente. Sentou-se, cruzou as pernas e apoiou as mãos nos joelhos. O chão estava morno e a brisa, fria. Fechando os olhos, forçou-se a relaxar e a entrar em estado de meditação.

O vento o tocava e o envolvia. O cheiro de terra molhada e anis selvagem chegavam até ele. Os pássaros piavam, dando as boas vindas a mais um novo dia. Jonas se concentrou nas batidas cadenciadas de seu coração, deixando que aquele ritmo tomasse conta do seu corpo e o levasse para baixo, passando pela terra, pelo barro, pelas rochas, até o centro líquido da Terra, puxando dele toda a energia possível.

Havia vozes, mas mal as podia ouvir sobre o som de seu coração. Concentrou-se na energia que o invadia e tentou ouvir não com os ouvidos, mas com o coração.

O que quer de nós, Jonas Whitehorn?

A voz era severa.

Peço que cure meu avô, Águia Azul Whitehorn.

Você não está pronto para nos pedir algo assim. Há muitas coisas que precisa fazer antes de ser digno de tal pedido.

A voz foi ficando cada vez mais fraca.

Não se vá, por favor, diga-me o que preciso fazer.

Não houve resposta. Jonas ouvia apenas o suave choro de um bebê. Ficou envolto numa escuridão que, de repente, colocou-o à entrada de uma caverna. Olhou para dentro da caverna, mas não conseguiu enxergar nada. Ao se aproximar pôde sentir que, lá dentro, uma criatura horrível e raivosa o aguardava. Jonas arrepiou-se de medo, mas continuou avançando para dentro da caverna. Estendeu os braços para a criatura, que se afastou, dando urros de raiva. Jonas a abraçou e manteve os braços ao seu redor mesmo quando sentiu que a criatura o queimava, causando uma dor terrível.

Os urros daquele ser eram ensurdecedores, mas, mesmo assim, Jonas continuou agarrado a ele, recusando-se a soltar a criatura que ameaçava destruí-lo.

A besta foi se acalmando aos poucos, até que relaxou nos seus braços. Enormes lágrimas quentes escorriam pelo seu corpo e iam formando uma poça aos seus pés. O chão abriu-se e Jonas sentiu que estava caindo... caindo...

Abriu os olhos. Seu rosto estava banhado de suor e suas mãos tremiam.

Respirou fundo diversas vezes para acalmar seu coração que batia descompassado. Por alguns segundos não soube onde estava. Sentiu os raios de sol nas suas costas e o som das folhas das árvores balançando ao sabor da brisa.

Piscando, Jonas olhou para o céu, onde uma águia voava em círculos. Há poucos metros, um esquilo subiu numa pedra e balançou a cauda. No chão, formigas executavam, apressadas, suas tarefas.

Jonas sorriu.

Ficou em pé, observou a cidade aos seus pés e dirigiu-se para a caminhonete. Estava na hora de voltar para o hospital e para Águia Azul.

A equipe que fizera plantão no hospital durante a noite, já havia ido embora, quando o Dr. Greenwall deixou Alina entrar no quarto de Águia Azul. Ela se aproximou silenciosamente do leito dele e ficou observando-o respirar calmamente, como se estivesse num sono profundo. Parecia-lhe que, a qualquer momento, ele abriria os olhos e sorriria para ela.

Todos os exames que o hospital realizara haviam dado resultado negativo e o médico se confessara perplexo. No momento, não parecia haver nenhuma razão lógica para o colapso de Águia Azul.

Alina pousou uma mão sobre a dele e se surpreendeu com o calor que dela emanava. A palavra "lógica" não saía de sua cabeça. E se aquela doença do velho índio não fosse de natureza física? E se aquela fosse uma espécie de "viagem" que ele estava fazendo? Era uma idéia um pouco maluca, mas já não sabia mais no que acreditar. Nos últimos tempos sua vida tinha ficado tão estranha, que tudo era possível.

Até mesmo a possibilidade de Jonas amá-la.

Havia algo na expressão dele quando saíra do quarto do avô, que lhe dava esperanças. Talvez ainda pudessem ter um futuro juntos, quem sabe? Fechou os olhos e suspirou. Estava muito cansada e já começava a ter alucinações.

Uma mão grande, quente e áspera cobriu a sua. Assustada, abriu os olhos.

— Jonas!

Ela quase se atirou nos braços dele, tamanho o alívio que sentiu ao revê-lo. Controlou-se bem a tempo. Profundas linhas de cansaço marcavam o rosto dele.

— Acabei de falar com o médico — ele informou, afastando a mão para passá-la no cabelo despenteado.

— Ele esteve aqui.

Ficaram olhando um para o outro sem saber o que dizer. Finalmente, Jonas desviou o olhar, tirou as chaves do carro do bolso e as colocou na mão de Alina.

— Obrigado.

Ela colocou o chaveiro no bolso do short e continuou observando-o. Notou que havia uns tufo de grama grudados na camisa azul e o jeans estava todo empoeirado. Onde estivera?

Jonas exalava o cheiro de terra úmida e anis. Anis! Essa era a resposta. Anis era uma erva muito comum nas montanhas ao redor de Los Angeles.

— Você subiu a montanha que fica atrás do hospital, não foi?

Jonas não respondeu imediatamente. Aproximou-se do avô e o observou por um longo tempo.

— Fiz o que achei que meu avô iria querer que eu fizesse. Jonas fechou os olhos e Alina podia ver como estava exausto. Queria poder abraçá-lo e dizer que compreendia o que fizera. Sabia o que aquilo significava para ele e o admirava por ter enfrentado sua dor e sofrimento para fazer algo pelo avô. Esse era o homem que jurava não ter amor dentro de si para dar para ninguém.

Alina aproximou-se do homem que aprendera a amar mais do que a própria vida. Ele abriu os olhos e a encarou.

— Você parece exausta — murmurou.

— Está querendo dizer que estou com uma aparência terrível — ela replicou.

Balançando a cabeça, ele a acariciou no rosto.

— Você está linda.

As palavras e o toque dele tiveram o poder de dissipar todo o cansaço que Alina estivera sentindo.

— Obrigado por ter ficado ao lado dele — Jonas agradeceu pousando a mão em sua nuca

Este é o meu lugar, era o que Alina queria dizer, mas não podia.

— Eu não poderia ter ido embora. Gosto muito do seu avô.

— Também gosto de você, Alina.

Tanto Jonas quanto Alina quase deram um pulo ao ouvirem a voz de Águia Azul. Ele os observava sorridente.

— Vovô!

Águia Azul fez uma careta.

— Neto, por favor, não grite. Minha audição continua em perfeitas condições.

A gargalhada de Jonas ecoou no quarto silencioso do hospital. Alina deu-se

conta de que era a primeira vez que o via rir. Era o som mais lindo que já ouvira. Ela se afastou um pouco e sentiu seus olhos enxerem-se de lágrimas quando avô e neto se abraçaram.

— Como está se sentindo? — Jonas indagou ansioso.

— Muito bem. — Com um gesto impaciente, afastou o neto de si e sentou-se na cama. — Gostaria de saber aonde estou.

— No hospital da Universidade da Califórnia em Los Angeles. — Jonas ajeitou os travesseiros nas costas do avô.

— Você desmaiou na sala da casa da sra. Florsteen e ela chamou uma ambulância.

— Que falta de educação a minha. Preciso me desculpar com ela.

Jonas sorriu.

— Lembra-se de alguma coisa?

— Só de que Elizabeth eu tivemos um jantar maravilhoso. Preciso levá-lo a esse restaurante, Jonas, é excelente.

Jonas revirou os olhos.

— Ficou inconsciente por muitas horas. Até agora, os médicos não conseguiram nenhuma explicação para o seu desmaio.

— Estou bem, agora. Nada disso tem importância. — Águia Azul olhou ao redor do quarto. — Será que servem café da manhã aqui?

Café da manhã? Jonas sentia-se como se tivesse envelhecido dez anos em uma noite e a única preocupação do avô era com comida?

— Avô, pensei que estivesse morrendo. — A voz de Jonas estava trêmula.

A expressão de Águia Azul se abrandou ao encarar o neto.

— Sinto muito pela dor que lhe causei, Jonas. Jonas suspirou profundamente.

— Não, vovô. Sou eu quem devo me desculpar. Sei que tem sido muito difícil conviver comigo. Deus sabe que há dias que nem eu mesmo consigo me aturar. — Ele fechou os olhos e todo o cansaço das últimas horas tornou-se visível.

— Depois da morte de Joey, dei as costas para todas as tradições do nosso povo. Algumas vezes, até dei as costas a você. Percebo agora que não o tratei com o respeito que merecia.

Águia Azul o olhava com amor.

— Sei que sente falta do seu filho, Jonas.

— Sim, sinto. Muita. — Sentia-se como se estivesse tirando um enorme peso dos ombros. Surpreendeu-se ao perceber que estava chorando.

— Eu também — o velho declarou apertando a mão do neto.

— Quando pensei que estivesse morrendo — Jonas explicou —, subi a montanha que fica atrás do hospital e pedi para os espíritos o guiarem de volta para mim.

— Precisou de muita coragem para fazer isso. Estou orgulhoso de você.

Há um mês, uma semana ou até mesmo há algumas horas, Jonas não teria pensado naquilo como um ato de coragem.

Sorriu para o avô.

— Ainda me lembro de muitas das coisas que me ensinou.

— Ainda vai ensiná-la para os seus filhos, Jonas. Filhos. Pensou em Joey novamente e viu o sorriso que sempre derreteria seu coração.

— Avô, essa é uma coisa que precisamos deixar clara entre nós.

— Sim?

— Sei que suas intenções sempre foram as melhores e que estava preocupado comigo, mas, daqui para a frente, quero que me deixe tomar sozinho todas as decisões com relação ao meu futuro e aos meus relacionamentos. A escolha da mulher que será minha esposa, será feita por mim e não por você e nem pelos espíritos.

Águia Azul sorriu para o neto.

— Compreendo o que está querendo dizer, Jonas. Sei que não preciso mais me preocupar com você. Agora, tenho coisas mais importantes para resolver.

Jonas não queria nem pensar no que essas "coisas" seriam.

— Acho que o melhor que tem a fazer é concentrar-se em ficar bom para poder ir para casa.

— Ora, sr. Whitehorn — O médico os interrompeu —, vejo que decidiu retornar ao mundo dos vivos! Como está se sentindo?

— Estou bem.

— Ele está com fome — Jonas informou.

Rindo, o médico pegou o estetoscópio e o aparelho de pressão.

— Acho que poderemos dar um jeito nisso depois de fazermos mais uma bateria de exames.

Águia Azul olhou para o neto com um ar resignado.

— Um dia compreenderá os sacrifícios que fiz por sua causa, Jonas.

Embora o comentário não fizesse muito sentido, Jonas riu e disse para o avô que voltaria a vê-lo depois que o médico tivesse acabado de examiná-lo.

Saiu do quarto fechando a porta atrás de si. Esperava encontrar Alina sentada ali fora, mas o corredor estava vazio. Perguntou por ela na sala de espera e no posto de enfermagem. Ninguém a tinha visto.

Ela tinha ido embora.

Segurando cuidadosamente o vaso de cerâmica em uma mão, Alina entrou na galeria vazia e trancou a porta atrás de si. Esperava que a tranquilidade e o silêncio do lugar a ajudassem a relaxar. Tentara descansar depois que saíra do hospital, mas não conseguira. Finalmente, resolvera passar o dia na praia, programa que sempre lhe fazia bem.

Um nó formou-se em sua garganta enquanto se encaminhava para o apartamento de Kelly. O ex-apartamento de Kelly. A mudança havia sido adiada para o dia seguinte e ela e a irmã seguiriam o caminhão. Passaria uns dois dias no Arizona ajudando Kelly a se instalar e, depois, voltaria para Los Angeles. Durante a tarde na praia, decidira que já era tempo de começar uma nova vida. Quando voltasse resolveria o que fazer.

Sabia que Jonas também estava pronto para recomeçar e ficara claro que ela não faria parte de sua nova vida.

A escolha da mulher que será minha esposa, será feita por mim e não por você e nem pelos espíritos.

Entrou na sala do apartamento com o vaso ainda na mão. As luzes que vinham da rua iluminavam o lugar o suficiente para poder enxergar as caixas agrupadas no centro da sala. Alina preferiu não acender nenhuma luz e caminhou por entre as caixas, procurando por uma que ainda tivesse um espaço vazio.

Resolvera dar o vaso para a irmã. Jonas não era o único que precisava abandonar o passado, pensou.

Seus olhos encheram-se de lágrimas ao pensar nele. Como fora tola em acreditar que o fato de amá-lo poderia vir a fazer alguma diferença na vida dele. Jonas a avisara, desde o começo, que o relacionamento deles era apenas físico, que não envolvia amor nem sonhos de um futuro feliz.

— Alina?

Assustada com o chamado, Alina virou-se depressa e perdeu o equilíbrio.

O vaso escorregou de suas mãos e espatifou-se no chão.

Horrorizada, Alina ficou parada olhando para a centena de pedacinhos de

barro aos seus pés.

— Alina! — Jonas correu para o seu lado e a tocou no braço. — Você está bem?

Bem? Olhou para ele boquiaberta. Como podia estar bem?

— Oh meu Deus! Eu o quebrei.

De repente, não conseguiu mais se controlar. Aquela era a última gota d'água. Amar Jonas e perdê-lo. Perder Kelly. A doença de Águia Azul e, agora, o vaso quebrado. Começou a soluçar.

Ele a abraçou com força.

— Psiu — ele murmurou acariciando-a. — Não tem importância.

— Não tem importância! — ela gritou tentando empurrá-lo. — Talvez não para você, mas para mim tem e muita.

— Finalmente, conseguiu se afastar dele e ajoelhou-se no chão, tentando juntar todos os cacos de cerâmica. Ao perceber que o dano era irreparável recomeçou a chorar, agarrando-se aos pedacinhos de barro como se fossem sua própria vida.

Jonas ajoelhou-se ao seu lado e, gentilmente, soltou os estilhaços do vaso de suas mãos. Depois, sentou-se no chão e puxou-a para seu colo.

— Por que veio aqui? — ela perguntou soluçando. Detestava-se por não conseguir parar de chorar e por querer aconchegar-se mais a ele.

— Fui ao seu apartamento e, quando não a encontrei, procurei Kelly na casa da sra. Florsteen. Ela me disse que talvez estivesse aqui e me deu uma cópia da chave.

Ainda não sabia por que ele estava ali, mas resolveu que já era hora de acabar com aquele sofrimento. Sabia que Águia Azul receberia alta na manhã seguinte e que ele e Jonas iriam para casa.

Jonas estava sendo gentil com ela, mas isso não significava que algo mudara. Provavelmente estava ali para se despedir.

— Desculpe-me pela cena — ela disse ao se levantar.

— Tem razão, o seguro vai cobrir o prejuízo e sempre posso pedir para Águia Azul me fazer um outro vaso.

Jonas também se levantou e segurou-a pelos ombros, obrigando-a a encará-lo.

— Alina, estou feliz que o vaso tenha quebrado.

O coração dela partiu-se em mil pedaços. Como ele conseguia ser tão cruel? De repente, sentiu uma raiva enorme.

— Tenho certeza disso. O vaso certamente lhe causou muitos problemas. Afinal, toda aquela história ridícula dos espíritos terem abençoado o vaso... — Ela riu amarga. — Bem, você agora está livre.

— Engano seu. Agora que estou preso.

Ele estava fazendo leves movimentos circulares em suas costas, deixando-a meio atordoada.

— Não estou compreendendo.

— Na primeira vez que eu a vi com esse vaso nos braços, pensei que fosse algum tipo de aparição. Depois que a toquei vi que era de carne e osso e com todas as curvas nos lugares certos.

— Jonas...

— Depois — ele prosseguiu pacientemente —, quando descobri que queria trazer meu avô para Los Angeles quase morri de raiva. Eu a acusei de estar usando Águia Azul, mas, na verdade, era eu quem o estivera usando durante muito tempo. Meu avô era minha desculpa para me esconder e para negar meus sentimentos. Depois da morte de Joey fiquei doente de dor e de raiva. Durante muito tempo preferi essa doença a ter que encarar a verdade. Meu filho nunca vai voltar. Era difícil para mim aceitar que minha vida podia continuar quando a dele havia sido cortada. Eu me sentia culpado por estar vivo.

Alina fechou os olhos.

— Não precisa falar disso.

— Preciso, sim. — Ele segurou o rosto dela entre as mãos. — No momento em que a vi eu a desejei. Tentei convencer a mim e a você de que o nosso relacionamento não passava de uma atração física, mas sempre soube que era mais do que isso. A idéia de amar outra pessoa me apavorou. Quando Joey morreu jurei nunca mais me arriscar a amar alguém como eu o amara. Foi só quando Águia Azul ficou doente que percebi o quanto estava errado e que voltei a me permitir ter sentimentos.

Ela nunca o perdoaria se ele lhe estivesse contando aquilo como forma de dizer adeus.

— E como está se sentindo agora, Jonas?

— Como um homem que saiu de um longo período de hibernação. Faminto, frustrado e querendo recuperar o tempo perdido.

Ele a puxou para perto e roçou os lábios nos dela com tanta ternura que quase a fez chorar — Eu a desejo tanto que chega a doer.

Alina ficou tensa ao ouvi-lo confessar seu desejo. Se estava sugerindo que

deveriam fazer amor antes de se despedirem...

A expressão indignada no rosto dela quase o fez cair na gargalhada. Quando ela tentou se afastar, abraçou-a com força,

— Não estou falando apenas de sexo, Alina. Amo você, e quero que se case comigo.

Casar com ele!

— Mas você disse... o vaso...

— O que eu disse era que o vaso não importava e estou feliz que tenha quebrado porque, assim, terá certeza de que meus sentimentos por você não têm nada a ver com Águia Azul ou os espíritos. Eu a amo com ou sem vaso. Não importa o que nos juntou, o que importa é o que nos manterá juntos daqui para frente.

Ele a beijou profundamente e Alina correspondeu ao beijo com ardor.

Uma leve brisa entrou pela janela e os envolveu. Depois de algum tempo, Jonas levantou a cabeça e a olhou ansiosamente.

— Vai se casar comigo, não vai? Sei que Águia Azul e eu moramos em Sedona e você tem a galeria, mas...

Ela o interrompeu com um beijo e, depois, riu enquanto o abraçava.

— Pensaremos nesses detalhes mais tarde. Agora temos algo mais importante para fazer.

— O quê? — Ele tinha algumas idéias em mente, mas quando tentou agarrá-la, entendeu o que ela realmente queria dizer.

Sorrindo um para o outro, disseram em uníssono.

— Vamos contar as novidades para Águia Azul.

Águia Azul sentiu a brisa dançando sobre sua cabeça e, sorriu, agradecendo os espíritos pela sua generosidade. Jonas havia desafiado os Espíritos dos Antepassados, mas seus esforços haviam sido inúteis. Os pesadelos do passado dariam lugar aos sonhos do futuro e a alegria e felicidade retornariam ao seu lar. Águia Azul esperava ansiosamente pelo inverno seguinte, pois ele traria um bebê de olhos negros. Um menino para cicatrizar as feridas e dar esperanças.

Águia Azul afofou os travesseiros, mudou o canal da televisão e preparou-se para esperar.

BARBARA McCAULEY nasceu na Califórnia e passou boa parte de sua vida explorando as montanhas, praias e desertos daquele Estado. Sendo a mais nova de cinco filhos e tendo crescido numa casa pequena, sua única oportunidade de ter alguns momentos de solidão era quando

se escondia no quintal dos fundos com um livro. Hoje em dia, Barbara é mãe de dois filhos e seus dias são normalmente cheios. De vez em quando, ainda foge para o quintal a fim de ler um bom romance. Sonhadora e romântica incurável, diz que escrever realizou seu maior sonho: dar vida às pessoas que cria em sua imaginação e torná-las reais. Seus dois periquitos da Amazônia, barulhentos e exigentes, foram batizados de Fred e Bamey. Quando tem tempo, adora mergulhar as mãos na terra recém-revolvida para fazer coisas crescerem.

BARBARA McCAULEY nasceu na Califórnia e passou boa parte de sua vida explorando as montanhas, praias e desertos daquele Estado. Sendo a mais nova de cinco filhos e tendo crescido numa casa pequena, sua única oportunidade de ter alguns momentos de solidão era quando se escondia no quintal dos fundos com um livro. Hoje em dia, Barbara é mãe de dois filhos e seus dias são normalmente cheios. De vez em quando, ainda foge para o quintal a fim de ler um bom romance. Sonhadora e romântica incurável, diz que escrever realizou seu maior sonho: dar vida às pessoas que cria em sua imaginação e torná-las reais. Seus dois periquitos da Amazônia, barulhentos e exigentes, foram batizados de Fred e Bamey. Quando tem tempo, adora mergulhar as mãos na terra recém-revolvida para fazer coisas crescerem.

NÃO PERCA AS PRÓXIMAS EDIÇÕES

ED 17 - ALTA INTIMIDADE

Carla Cassidy

Quando a polícia pediu a Edith Turner que deixasse seu apartamento ser usado como ponto de vigilância de uma operação antidroga, ela sentiu-se feliz em colaborar na luta contra o crime. Mas isso foi antes de conhecer o mal-humorado Cliff Marchelli! Edith achou que iria conseguir manter-se fria e distante do amargo investigador. Porém, embora Cliff parecesse agressivo, era um atraente representante da lei. Ficar fechada no pequeno apartamento com o rude e sexy policial, noite após noite, naquele lindo fim de verão, estava despertando em todo seu corpo impulsos quase "criminosos"...

ED 18 - VIZINHA TENTADORA

Lass Small

Rod Brown estava aprendendo que um homem sozinho — não importando como tivesse conquistado sua liberdade — era um bem precioso para as mulheres. Embora ele houvesse jurado nunca mais se casar de novo, a linda e sensual vizinha começou a "complicar" sua vida! Mas Pat Ullick achava que

estava fazendo o que qualquer boa vizinha faria se vivesse ao lado do homem mais bonito e interessante de todo o quarteirão. Ela o agradava com gentilezas de vários tipos, provocava com beijos ardentes, até conseguir transformar suas exigências num sonho que passaram a sonhar juntos...